

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL –  
MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Mateus Silva Skolaude

**IDENTIDADES RASURADAS: O CASO DA COMUNIDADE AFRO-  
DESCENDENTE DE SANTA CRUZ DO SUL (1970-2000)**

Santa Cruz do Sul, abril de 2008

Mateus Silva Skolaude

**IDENTIDADES RASURADAS: O CASO DA COMUNIDADE AFRO-  
DESCENDENTE DE SANTA CRUZ DO SUL (1970-2000)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado – da Universidade de Santa Cruz do Sul, para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. Mozart Linhares da Silva

Santa Cruz do Sul, abril de 2008.

*Ao Lucas, meu irmão.*

## **Agradecimentos**

Agradeço em primeiro lugar ao meu orientador Professor Mozart Linhares da Silva, pelo incentivo, apoio e o rico intercâmbio de idéias. A CAPES por me proporcionar uma bolsa parcial. Agradeço também aos colegas de curso, especialmente a Karla, a Carina e ao Lucir. Aos professores e as secretárias do Mestrado em Desenvolvimento Regional. Ao Professor do Departamento de História e Geografia, José Remedi pelo estímulo depositado desde o tempo de graduação e pela ajuda inigualável na formatação final do trabalho. Aos grandes amigos João Paulo e Iran companheiros de longas jornadas. Ao Iuri por ter me auxiliado e cedido materiais de sua militância. A minha família que mesmo longe, estavam presentes. Agradeço também ao Marco Antonio por ter me indicado e debatido importantes obras. Aos entrevistados, por terem se disposto a compartilharem suas memórias. Por fim, gostaria de fazer um agradecimento especial, a minha namorada Geli, por todo o suporte e carinho proporcionados ao longo desta caminhada.

*Todas as sociedades produzem estranhos.  
Mas cada espécie de sociedade produz sua  
própria espécie de estranhos e os produz  
de sua própria maneira.*

*Zigmunt Bauman*

## Sumário

Lista de imagens .....	2
Resumo.....	3
Abstract.....	4
<b>Introdução.....</b>	<b>5</b>
<b>Capítulo 1    Historiografia regional, identidade cultural e comunidade em Santa Cruz do Sul .....</b>	<b>9</b>
1.1    Santa Cruz do Sul: abordagem histórica.....	10
1.2    Historiografia regional e identidade cultural .....	21
<b>Capítulo 2    Imprensa escrita e identidade cultural em Santa Cruz do Sul: comunitarismo e representação social.....</b>	<b>39</b>
2.1    Comunitarismo em Santa Cruz do Sul: essencialismo e a invenção da tradição.....	43
2.2    Representação social na imprensa: os afro-descendentes.....	57

<b>Capítulo 3</b>	<b>Identidade afro-descendente em Santa Cruz do Sul.....</b>	<b>86</b>
3.1	Memória e identidade na voz da comunidade afro-descendente residente em Santa Cruz do Sul .....	90
	<b>Considerações finais.....</b>	<b>131</b>
	<b>Referências.....</b>	<b>135</b>

## Lista de imagens

Imagem 1	A população cresce a miséria mais ainda. Jornal Gazeta do Sul (27/01/1979, Capa).....	60
Imagem 2	Desemprego. Jornal Gazeta do Sul (29/08/1981, p. 09).....	63
Imagem 3	Êxodo aumenta e sindicatos não conseguem provar que vida no interior é melhor do que na cidade. Jornal Gazeta do Sul (19/02/1981, p.06).....	64
Imagem 4	Nasce a COPAME, para proteger e zelar pelos menores abandonados. Jornal Gazeta do Sul (01/11/1984, p. 05).....	67
Imagem 5	Os deficientes clamam por seus direitos. Jornal Gazeta do Sul (17/01/1981, p. 10-11).....	69
Imagem 6	Maria é mãe de 15 filhos. Jornal Gazeta do Sul (12/05/1979, Capa).....	71
Imagem 7	Aos 5 anos esses pequenos já sabem que o sol não nasce igual para todos. Jornal Gazeta do Sul (11/10/1979, p. 10 e 11).....	74
Imagem 8	Para pensar no dia da Paz. Jornal Gazeta do Sul (29/12/1984, p. 02).....	76
Imagem 9	Para pensar no dia da Paz. Jornal Gazeta do Sul (29/12/1984, p. 02).....	76
Imagem 10	Para pensar no dia da Paz. Jornal Gazeta do Sul (29/12/1984, p. 02).....	76
Imagem 11	Para pensar no dia da Paz. Jornal Gazeta do Sul (29/12/1984, p. 02).....	76
Imagem 12	Para pensar no dia da Paz. Jornal Gazeta do Sul (29/12/1984, p. 02).....	77
Imagem 13	Para pensar no dia da Paz. Jornal Gazeta do Sul (29/12/1984, p. 02).....	77
Imagem 14	Para pensar no dia da Paz. Jornal Gazeta do Sul (29/12/1984, p. 02).....	77
Imagem 15	Jornal Gazeta do Sul (04/05/1998, p. 02).....	80
Imagem 16	Flagrantes da vida real. Jornal Gazeta do Sul (11/02/1994, p. 02).....	82
Imagem 17	Racismo. Jornal Gazeta do Sul (10/03/1984, Caderno fim de semana, p.03) ..	84



## **Resumo**

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar de que forma é subjetivado o discurso identitário germânico pelos sujeitos afro-descendentes residentes em Santa Cruz do Sul, cidade localizada na região central do Rio Grande do Sul e caracterizada pela “identidade” germânica. A partir da análise da historiografia regional, da imprensa escrita e de entrevistas semi-estruturadas, problematiza-se as implicações desta discursividade na construção dos espaços sociais de existência para a comunidade afro-descendente neste município. A investigação tem como espaço temporal de 1970 a 2000. Esta demarcação justifica-se por ser o período correspondente a internacionalização econômica do setor agro-fumageiro, assim como de revigoramento do discurso étnico, passado os reflexos da II Guerra Mundial para a interdição das manifestações étnico-raciais. Para tanto, a análise se desdobra em três capítulos. No primeiro, apresentamos um panorama histórico de Santa Cruz do Sul dando ênfase para a diversidade cultural. Neste mesmo capítulo, problematizamos a forma como a historiografia regional legitima os discursos identitários orquestrando as possibilidades de pertencimento dos diversos grupos sociais e étnicos que formam a comunidade. No segundo, analisamos o papel da imprensa escrita, nomeadamente o jornal de maior circulação da região, a Gazeta do Sul, na formação das estereotipias sociais e étnicas e na propagação e manutenção do discurso comunitarista. No terceiro, através da história oral de entrevistas semi-estruturadas aplicadas junto aos sujeitos afro-descendentes, procuramos analisar o impacto da narrativa identitária regional em suas trajetórias sociais e suas recriações culturais, bem como nas estratégias de organização e mobilização na busca de afirmação identitária. As considerações finais da pesquisa apontam que o discurso homogeneizador germânico da identidade cultural santa-cruzense opera diretamente no processo de subjetivação e representação da comunidade afro-descendente em Santa Cruz do Sul.

**Palavras-chave:** Santa Cruz do Sul, narrativa identitária, comunidade afro-descendente.

## **Abstract**

This study aims at analyzing how the so-called German identity narrative has been worked out by the afro-descendants in Santa Cruz do Sul, a city situated in the center of Rio Grande do Sul, with a strong identification with germanism. Backed on analysis of the regional historiography, the written press and questionnaires consisting of semi-structured points, the implications of that kind of discourse on social ambient of existence for afro-descendants communities in this municipality are brought up to discussion. The study has been restricted to three decades (1970-2000) because this period comprises the international economic growth of the tobacco business along with the reinforcement of this ethnic discourse after a period of severe restriction of ethnical or racial demonstrations, during World War II. This work has been divided into three chapters where the first one a historical panorama of Santa Cruz do Sul, focuses the cultural variety and, at the same time, a questioning is raised about the legitimation of that identity narrative in the regional historiography thus orchestrating the sense of belonging to one or another social or ethnic group within the community. The second chapter deals with the role of the written press, namely on bringing about social and ethnic stereotypes while maintaining and even spreading the communitary discourse. In chapter three, an attempt is made at analyzing the impact of that regional identity narrative on the social ambients and its cultural interference with the lives of the afro-descendants as well as their organizational strategies to assure their identity. The conclusion of this research is that the homogenizing German-identity narrative in Santa Cruz do Sul has had a direct impact on the afro-descendants' lives, their beliefs and behaviors.

**Key words:** Santa Cruz do Sul, identity narrative, afro-descendants communities.

## **Introdução**

Nas últimas décadas, o termo desenvolvimento regional está em pauta em diferentes esferas do estado e da sociedade civil e tem suscitado pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento e no meio acadêmico. Este debate tem promovido múltiplas interpretações políticas, econômicas, culturais e sociais acerca desse objeto de investigação. Diante desse quadro, a atenção para fenômenos regionais de construção identitária se tornou um campo importante de análise para as relações de sociabilidade, pertencimento, reconhecimento, inclusão e exclusão social.

Neste sentido, a presente pesquisa pretende circunscrever o processo de formação identitária da comunidade afro-descendente de Santa Cruz do Sul, cidade que se caracteriza pelo predomínio de uma narrativa identitária germânica e por ser o pólo de desenvolvimento na região do Vale do Rio Pardo. Desta forma, este trabalho propõe uma reflexão sobre os dispositivos envolvidos na construção da narrativa identitária cultural/regional/étnica e os

desdobramentos desta discursividade junto aos sujeitos afro-descendentes residentes neste município.

É importante destacar que o processo de colonização/imigração germânica que se estabeleceu a partir de 1849 com a fundação da Colônia de Santa Cruz é tema amplamente explorado por estudiosos, que por sua vez, difundiram a idéia de inexistência ou da reduzida participação do negro na história local. Esta argumentação esteve fundamentada em pesquisadores acadêmicos e diletantes que afirmaram em suas obras ser Santa Cruz do Sul produto quase que exclusivo do trabalho dos imigrantes de origem européia. Em razão disto, a presença e a própria participação do negro na história e na sociedade santa-cruzense foi invisibilizada.

Em consequência deste histórico, ainda são poucos os estudos acerca da comunidade afro-descendente em Santa Cruz do Sul. Destaca-se como primeiro trabalho a pesquisa do sociológico José F. Fachel, com o artigo intitulado: *O negro no município de Santa Cruz do Sul* e que foi publicado, em 1968, no boletim informativo do Centro de Estudos Sociais da UFRGS. Através de dados coletados no final da década de 1950 e início da década de 1960, o sociólogo procurou analisar alguns aspectos de interação social de afro-descendentes no município.

Num segundo estudo, intitulado: *Mobilidade e Desenvolvimento Regional: O caso da comunidade afro-brasileira de Santa Cruz do Sul*, publicado na Revista Redes. Sílvio Correa (2001) aborda através de dados empíricos obtidos de duas pesquisas realizadas em setembro e outubro de 2000, a mobilidade social e espacial da comunidade afro-descendente destacando as tensões existentes entre esta população e a maioria étnica local, ou seja, os teuto-descendentes. Numa abordagem atual, Mozart Linhares da Silva (2007), no livro: *Educação, etnicidade e preconceito no Brasil*, apresenta a partir de dados estatísticos, entrevistas semi-estruturadas com docentes e questionários aplicados na comunidade de Santa Cruz, um estudo de caso das relações

entre identidade cultural/étnica e preconceito em escolas da região do Vale do Rio Pardo, mas em especial de Santa Cruz do Sul.

A investigação acerca da formação identitária da comunidade afro-descendente em Santa Cruz do Sul tem como espaço temporal de 1970 a 2000. Esta demarcação temporal justifica-se por ser o período correspondente a internacionalização econômica do setor agro-fumageiro na cidade e de grande aumento populacional-urbano. Além disso, este momento pode ser interpretado como de revigoração do discurso étnico, que recomeça a tomar fôlego, passado os tensionamentos da Campanha de Nacionalização, bem como da Segunda Guerra Mundial.

O problema que esta pesquisa coloca reside nas implicações da narrativa identitária cultural germânica na construção da identidade dos sujeitos afro-descendentes residentes em Santa Cruz do Sul. É importante, nesta problemática, questionar como são legitimadas as narrativas identitárias a partir da historiografia regional e da imprensa escrita e como foram articuladas as estratégias de manutenção, reordenação e fixação dos elementos propagadores da identidade germânica com o aporte da idéia de pertencimento comunitário em Santa Cruz do Sul, sobretudo a partir do final da década de 1970.

Frente ao problema proposto, a pesquisa tem como objetivo geral analisar de que forma é subjetivado o discurso indentitário germânico pelos sujeitos afro-descendentes residentes em Santa Cruz do Sul. Este se desdobra em cinco objetivos específicos: Como os membros da comunidade afro-descendente articulam sua etnicidade na construção de estratégias de reconhecimento étnico e social; Como se vêem e são vistos pelo seu entorno; Quais as relações que são estabelecidas entre o seu passado e o presente do município; Como são estabelecidas as relações de pertencimento indentitário no município; Quais as práticas culturais e econômicas que se fazem presentes no universo dessa comunidade.

Para alcançar tais objetivos e responder a problemática apontada, a dissertação foi estruturada em três capítulos. No primeiro, apresentamos um panorama histórico de Santa Cruz do Sul dando ênfase para a diversidade étnica enquanto elemento estruturante da sociedade e da história local. Além disso, problematizamos a forma como a historiografia regional legitima os discursos identitários orquestrando as possibilidades de pertencimento dos diversos grupos sociais e étnicos que formam a comunidade, no caso específico, qual o lugar dos afro-descendentes no arranjo comunitário de Santa Cruz do Sul.

No segundo, analisamos o papel da imprensa escrita, nomeadamente o jornal de maior circulação da região, a Gazeta do Sul, entre os anos de 1970 e 2000, na formação das estereotípias sociais e étnicas e na propagação e manutenção de um discurso homogeneizador da identidade cultural em Santa Cruz do Sul. Neste sentido, procuramos verificar de que forma este periódico serviu como ferramenta importante no processo de “invenção de uma tradição” étnico/cultural e na construção da “nação/comunidade imaginada”. Essa análise permite entender ainda como são constituídos os espaços sociais de manifestação e existência da comunidade afro-descendente no município, suas limitações, fronteiras, e concessões.

No terceiro, procuramos analisar através de entrevistas semi-estruturadas aplicadas junto aos sujeitos afro-descendentes residentes em Santa Cruz do Sul, de que forma os conflitos, as práticas, as negociações e as experiências deste grupo estão articuladas em torno de redes de significações, ou seja, de discursos que atuam diretamente no processo de subjetivação e representação desses sujeitos.

## Capítulo 1

### **Historiografia regional, identidade cultural e comunidade em Santa Cruz do Sul**

*Nós, os alemães, era uma fantasia que misturava um pouco de arrogância, bastante solidão e uma ilusão ingênua, pois não só não tínhamos nascido na Alemanha: pouquíssimos de nós a conheciam, e quando eventualmente fomos até lá, nosso alemão, nosso vocabulário, nossos desconhecimentos, eram muitas vezes objeto de estranheza ou riso de parte dos nossos pretensos “compatriotas”.*

*(LUFT, 1998, p. 337)*

O objetivo deste capítulo é analisar o papel da historiografia regional na produção de narrativas legitimadoras das identidades culturais e étnicas, destacando as estratégias discursivas acerca dos processos de pertencimento identitário. A análise da historiografia regional permite estabelecer os nexos entre a construção de narrativas identitárias e o estabelecimento dos espaços de subjetivação dos atores sociais, sobretudo no que diz respeito às redes de significação que permitem a construção do sentimento de pertencimento comunitário. Conseqüentemente, as identidades comunitárias são, necessariamente, homogeneizadoras, e isso implica na criação de critérios de inclusão/exclusão identitária.

Nesse caso, dividiu-se o capítulo em duas partes. Na primeira, apresenta-se um panorama histórico de Santa Cruz do Sul dando ênfase para a diversidade étnica enquanto elemento estruturante da sociedade e da história local. Na segunda, o que se problematiza é a forma como a historiografia regional legitima os discursos identitários orquestrando as possibilidades de pertencimento dos diversos grupos sociais e étnicos que formam a comunidade. Assim, procura-se analisar como a historiografia regional contribui no processo de visibilidade e invisibilidade de determinados atores sociais, no caso específico, dos afro-descendentes.

### **1.1 Santa Cruz do Sul: Abordagem Histórica**

Santa Cruz do Sul é uma cidade originada da política imigratória, particularmente de colonização alemã, na segunda metade do século XIX, pela ação oficial dos governos imperial e provincial. No Brasil meridional, diferentemente do que ocorreu nas áreas dominadas pelas oligarquias canavieira e cafeeira, o processo migratório objetivou fixar diretamente à terra os imigrantes vindos da Europa, com a conseqüente criação de colônias de pequenos produtores rurais para a produção de gêneros alimentícios de primeira necessidade. Alia-se a isto, o fato de o Estado brasileiro estar, desde o início de século XIX, interessado em ocupar suas áreas devolutas e proteger as fronteiras ainda incertas, sobretudo no Sul do país, ou seja, os imigrantes seriam loteados em terras ainda virgens não aproveitadas pelo latifúndio pecuarista o que implicaria na abertura de estradas, facilitando a comunicação e a integração nacional (PESAVENTO, 1992, p. 156-160).

A colonização alemã implementou, no estado do Rio Grande do Sul, em especial durante o século XIX, uma mudança estrutural na área rural, uma vez que, até então, havia o predomínio



do latifúndio, a criação extensiva de gado e o sistema escravocrata. Esta medida política ia ao encontro dos interesses dos pecuáristas gaúchos, por dois motivos. Primeiro, a ocupação deste espaço intermediário lhes garantia uma melhor infra-estrutura para o transporte de seus produtos. Segundo, pelos próprios imigrantes que se constituiriam, assim, num novo mercado consumidor (MAGALHÃES, 1998, p. 22-23).

Esta população de imigrantes era constituída normalmente por pessoas pobres, ex-camponeses, artesãos e trabalhadores livres. Segundo Cunha (1991), o avanço capitalista que se firmou na Alemanha, no século XIX, impulsionou o desenvolvimento industrial e a urbanização acelerada. As estruturas agrícolas, ainda próximas das feudais, sofreram profundas transformações com a expulsão de milhares de camponeses do campo, associados a um considerável crescimento demográfico que assim, constituiu uma massa populacional de excluídos e marginalizados que não foram absorvidos pelo setor industrial<sup>1</sup>. Vale lembrar, que o período em que se inicia o processo imigrantista de europeus germânicos para o Sul do Brasil, é também o período em que a ideologia do germanismo está em expansão, fator de fundamental importância para a unificação dos estados alemães.<sup>2</sup>

O contingente numérico de alemães, quando comparado com o de outros grupos étnicos de imigrantes, era minoritário no Brasil. Conforme aponta Magalhães (1998, p. 21), “embora o Brasil ocupasse o segundo lugar como país de destino de imigrantes de língua alemã, este representará apenas 9% do total dos emigrados”. De fato, “se o contingente numérico é pequeno, quando comparado a outros grupos de imigrantes, de outra parte, eles se distinguem pela sua concentração demográfica em determinados territórios”, ou seja, a imigração alemã acarretou numa concentração étnica em áreas homogêneas e compactadas.

---

<sup>1</sup> Sobre o contexto econômico e social da Alemanha no século XIX, ver: (CUNHA, 1991, p. 18-40).

<sup>2</sup> Ver o conceito de *habitus*: (ELIAS, 1997).

Na província do Rio Grande do Sul, a primeira fase de colonização tem como marco inicial, o ano de 1824, data da chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Sul do Brasil, sendo assentados à margem sul do Rio dos Sinos, na então Real Feitoria do Linho Cânhamo, atual cidade de São Leopoldo. Além dessa, outras duas colônias são fundadas em 1826, Três Forquilhas (Osório) e São Pedro de Alcântara (Torres). Ambas localizadas no nordeste do território gaúcho, próximas ao litoral. (CUNHA, 1991, 54-64).

Devido a Revolução Farroupilha (1835-1845) o assentamento de novos imigrantes foi interrompido mas retomado, numa segunda fase, a partir de meados da década de 1840. Segundo Vogt (1997, p. 56), “em 1948, o governo imperial delega às províncias maior participação no processo de povoamento do país, o que faz surgir as colônias de Santa Cruz, Santo Ângelo, Monte Alverne, Nova Petrópolis e outras”.

Em razão desta política imigratória, são introduzidos no ano de 1849, os primeiros imigrantes germânicos na nova colônia de Santa Cruz, num total de doze pessoas, que ocuparam os primeiros lotes demarcados. João Bittencourt de Menezes (1914), que publicou a importante obra, Município de Santa Cruz, aponta que estes primeiros imigrantes foram recebidos por João de Faria Rosa, concessionário das terras para o povoamento e neto do também João de Faria Rosa, português, de nacionalidade e primeiro morador do Faxinal, que tomou seu nome, ou seja, o Faxinal do João Faria, local onde se encontra o atual núcleo urbano de Santa Cruz Sul.

Neste primeiro momento, a colônia de Santa Cruz era parte integrante do município de Rio Pardo<sup>3</sup> que se caracterizava, na época, por uma vasta área territorial, constituindo boa parte

---

<sup>3</sup> Na segunda metade do século XVIII, após controlarem o litoral gaúcho, os colonizadores iniciaram a ocupação da bacia do Jacuí, incentivados pelo Tratado de Madri, de 1750, que trocava Sacramento, em mãos portuguesas, pelas regiões missioneiras dominadas pelos espanhóis. Famílias foram mandadas para colonizarem a região. Para apoiar a demarcação da nova fronteira, fundou-se a Tranqueira de Rio Pardo, em 1753, entre as margens do Jacuí e do rio homônimo. Com a guerra guaranítica e, sobretudo, após a denúncia do tratado, Rio Pardo, fortificado, passou a constituir, até 1801, o limite oeste das possessões lusitanas. Neste sentido, a trincheira de Rio Pardo não só resistiu aos ataques dos castelhanos como ainda tornou-se o grande bastião da reconquista portuguesa. Com a conquista dos territórios missioneiros aos

do território da Província de São Pedro. Devido a sua estratégica posição junto ao Rio Jacuí, Rio Pardo representava um importante entreposto comercial que ligava a fronteira provincial aos campos de Cima da Serra. A região destinada a ocupação dos imigrantes foi a depressão central, junto à encosta inferior da serra, para que ocorresse o povoamento da recém aberta estrada que ligava a cidade de Rio Pardo a Cruz Alta. Diante disso, a colônia de Santa Cruz se estruturou em pequenas propriedades rurais de economia familiar e na agricultura de subsistência. (VOGT, 1997, p. 57-58).

As diferenças climáticas entre os seus lugares de origem e o Brasil, não permitiram a conservação da grande maioria de seus padrões alimentares que cultivavam na Europa, pois lá se alimentavam basicamente de batatas, hortaliças, massas de farinha de trigo, carnes salgadas ou defumadas e pão de centeio. No Brasil habituaram-se à mandioca, ao feijão preto, ao milho e à carne seca (WILLEMS, 1980, p. 156-157). Nesta direção, Luís da Câmara Cascudo (1983, p. 667-668), aponta para fatores importantes de adaptação cultural dos imigrantes alemães no Sul do Brasil. O primeiro, diz respeito a cachaça, que foi muito bem aceita pelos imigrantes, pois permitiu-lhes adaptá-la a hábito semelhante, o morgenschnaps, que costumavam consumir, em seus goles matinais. O segundo fator citado pelo autor, foi a propagação do costume de se tomar chimarrão, pois em nenhum lugar da Europa, existia hábito semelhante a este.

Segundo Vogt (1997, p. 69), às primeiras plantações antecediam, necessariamente, o desmatamento, a queima e a limpeza de um pequeno roçado, práticas culturais que já eram utilizadas pelos caboclos e índios.<sup>4</sup> Sobre este processo Sérgio Buarque de Holanda (2006) traz uma importante contribuição:

---

castelhanos, Rio Pardo tornou-se o mais importante centro mercantil da região. Povoações surgiram ao longo do vale do Jacuí, atestando a ocupação da Depressão Central. (MAESTRI, 1995; VOGT, 2001)

<sup>4</sup> No livro: Memórias de Luiz Panke. Editado em 2005 pela EDUNISC, traduzido do alemão para o português, Panke que era filho direto de imigrantes alemães, que chegaram em Rio Pardo, no ano de 1853, narra como era feito este processo: “A limpeza da terra levou semanas porque nos primeiros dias o trabalho era muito lento, por causa das bolhas nas mãos, pois não estavam acostumados a fazer este serviço. (...) Mas devagarzinho as mãos ficaram fortes e calejadas e não tinha mais medo do trabalho na

A aquisição de técnicas superiores, equivalente a uma subversão dos processos herdados dos antigos naturais da terra, não caminhou na progressão que seria para desejar. Pode-se dizer que o desenvolvimento técnico visou, em geral, muito menos aumentar a produtividade do solo do que economizar esforços (...) Mostra-se nesse trabalho como o recurso às queimadas deve parecer aos colonos estabelecidos em mata virgem de uma tão patente necessidade que não lhes ocorre, sequer a lembrança de outros métodos de desbravamento. Parece-lhes que a produtividade do solo desbravado e destocado sem auxílio do fogo não é tão grande que compense o trabalho gasto em seu arroteio. (HOLANDA, 2006, p. 62-63).

Os imigrantes desconheciam absolutamente as condições ambientais e culturais do novo lugar, além de estarem completamente isolados geograficamente. A falta de comunicação e o “abandono” do governo Provincial foram algumas das adversidades encontradas. Os saberes e as práticas culturais e sociais destes imigrantes estiveram em confronto cotidiano com o “em torno”, com que se depararam. Com outro clima, precisaram repensar suas vestimentas, seus hábitos, aprender novas técnicas agrícolas e de pecuária, construir moradias de outro tipo e com diferentes materiais, sofrer e conhecer novas doenças, desenvolver, enfim, outros modos de viver a vida e garantir a sobrevivência.

Para tanto, o desenvolvimento da colônia de Santa Cruz processou-se de forma notável, evoluindo, de uma agricultura de subsistência nos anos iniciais, para a produção e exportação de excedentes, a partir de 1860. A chegada de novos imigrantes, a partir de 1850, bem como de outros grupos, proporcionou um aumento considerável da população. Os lotes tinham todos 16.000 braças quadradas e foram distribuídos nos moldes em que eram distribuídos os da antiga colônia de São Leopoldo. Apesar das dificuldades iniciais, a população crescia ano a ano, somando, em 1851, 175 habitantes. Bittencourt de Menezes (1914) apresenta dados importantes sobre este crescimento demográfico:

---

floresta. Ah, que alegria quando a primeira roça foi queimada – agora poderiam plantar feijão, começaram a limpar a segunda lavoura.” (PANKE, 2005, p. 89)

Entre os terrenos das novas quadras que se foram medindo para satisfazer os pedidos de concessão, mencionaremos o de nº 6 da quadra 277, que foi distribuído, ao *Capitão do Matto*. Essa entidade, que fazia parte da instituição de triste memória, era o preto Joaquim, por alcunha o Gaiola, que morava no Faxinal Velho. Gaiola costumava exhibir uma medalha ou cousa semelhante, á *guisa* de patente do seu *honroso* posto. (MENEZES, 1914, p. 26)

Mais tarde, quando era director da colônia Carlos Von Schwerin, este distribuiu terrenos da povoação a diversos ex-soldados que serviram na guerra contra o ditador Rosas, em 1851. Esses indivíduos eram conhecidos por bahianos, não obstante um só delles ser da Bahia, e seus nomes eram: Elias Antonio Moreira (paulista), José Gonçalves da Silva (baiano), João Batista de Oliveira e Julião José Luiz (paranaenses), Chaves e Pantoja. (MENEZES, 1914, p. 30)

Como todos os imigrantes entrados no Rio Grande do Sul em 1851 e 1852 eram remetidos para a colônia de Santa Cruz, neste último ano foi aberta uma nova picada, paralela à de Santa Cruz e acompanhando o vale do Rio Pardinho. Em 1853, a colônia de Santa Cruz já possuía 196 lotes distribuídos entre 692 pessoas. No ano seguinte, foi promulgada a lei provincial nº 304 que estabelecia que a colonização do Rio Grande do Sul passaria a ser feita através da venda de terras devolutas ou comprados de terceiros pelo governo. Até então os lotes eram distribuídos gratuitamente aos colonos. No final, deste mesmo ano, o então presidente da província, João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu, em visita à colônia de Santa Cruz, reconheceu a necessidade de se estabelecer uma sede para que a população conseguisse exercer suas práticas religiosas, bem como seus negócios comerciais. Neste sentido, foi considerado mais apropriado para o estabelecimento do local, o Faxinal de João Faria. Em março de 1855 começaram a ser concedidos os primeiros terrenos na povoação que se transformou rapidamente em centro administrativo e comercial de toda a colônia (CUNHA, 1991, p. 97-102).

Um ano mais tarde, em 1856, o então Diretor da Colônia, João M. Buff solicita ao então Presidente da Província, Jerônimo Coelho, a criação de um agrupamento policial:

O progressivo aumento de moradores na Povoação nova de Santa Cruz e sua imediata circunferência no Faxinal do João Faria – para cujo local correm agregados e jornaleiros de muitas pontas da província, tanto nacionais quanto estrangeiros, sendo a maior parte dos concorrentes de problemáticas condições, tem dado lugar a diferentes desordens na mesma Povoação nos dias santificados, por já haverem nela cinco casas de negócios sobrecarregadas de bebidas espirituosas, observando-se então mais de 400 pessoas reunidas, sendo notável que desde tal ponto, Picadas a dentro, de tais acontecimentos poucos exemplos para dar aos colonos. (MARTIN, 1979, p. 109)

Com a chegada destes novos moradores a região de Santa Cruz, um maior número de lotes passaram a ser ocupados e as roças foram substituindo as florestas. Segundo Cunha (1991), os colonos que chegaram a partir do ano de 1860 foram instalados em outras colônias provinciais como a de Monte Alverne, fundada em 1859, em terras devolutas e ervais dos índios da aldeia de São Nicolau (Rio Pardo). Neste sentido, cita-se o Ofício de 20 de junho de 1859 do Diretor Geral dos Índios em Rio Pardo:

Com a valorização das terras em torno da colônia de Santa Cruz do Sul, os matos e ervais pertencentes aos índios da aldeia São Nicolau de Rio Pardo com cerca de 2.000.000 de braças quadradas (968 hectares), são considerados devolutos e loteados passando a fazer parte da colônia de Monte Alverne, apesar da solicitação do Diretor Geral dos índios da Província – José Joaquim de Andrade Neves (Barão do Triunfo) encaminhada ao presidente da Província para que estas terras não fossem loteadas. (CUNHA, 1991, p. 106)

Cunha (1991) menciona ainda que, em 1863, o então diretor da colônia, Calos Schwerin, efetuando medidas na serra ao norte das Linhas Ferraz e São João, comunica que por ali pode ser construída uma estrada de rodagem que permita o acesso às terras devolutas de Cima da Serra e aos mercados das povoações do planalto. Contudo, o que chama a atenção no ofício é a nota: “os vestígios, que existem por dentro destes mattos um quilombo numeroso, cuja destruição he tanto mais necessário, que a colonização de Santa Cruz ha de se estender por este lado até chegar em Cima da Serra” (CUNHA, 1991, p. 107). Segundo Mário Maestri (1995), a região onde foi

estabelecida a colônia germânica de Santa Cruz, em 1849, entre Rio Pardo e a serra, era lugar de constantes aquilombamentos, contudo, o período pós-colonização acabou restringindo a possibilidade de criação de novos quilombos, pois estes eram imediatamente denunciados às autoridades.

Neste contexto de crescimento demográfico e expansão da área agrícola, merece ser destacado que o milho e o feijão, como principais produtos da Colônia nestes primeiros anos, sendo direcionados, a partir de 1856, à exportação. Destaca-se também, a produção de tabaco colhido e beneficiado que aumentou de ano para ano, tendo a partir de 1865/66, em termos de valor financeiro, superado o feijão como principal produto agrícola de cultivo e comercialização da Colônia. Com o passar dos anos, o tabaco foi se firmando no mercado interno e externo, tendo nos países do Prata e da Europa, destacados importadores do fumo gaúcho (VOGT, 1997, p. 71-72).

A qualidade do fumo originava-se não só da especialização dos colonos, mas, também da ação dos comerciantes, que orientavam os colonos no plantio e na colheita. O trabalho desses comerciantes consistia, basicamente, em comprar a produção colonial e conduzi-la, no lombo de muares ou em carro de bois, até Rio Pardo, de onde o carregamento seguia através do rio Jacuí até a capital provincial. Ao retornarem, vinham carregados com todo o tipo de produtos manufaturados, originários de diversos pontos do Brasil e até mesmo da Europa. Estes comerciantes desempenhavam, ainda, o papel de banqueiros emprestando dinheiro a juros aos colonos. (VOGT, 1997, p. 92-100).

Esses comerciantes locais estavam, em sua maioria, ligados aos grandes atacadistas de Porto Alegre, que, no último quartel do século XIX, fizeram Santa Cruz transformar-se no centro comercial de toda a região colonial, especializando-se na exportação de seus produtos, particularmente, de gêneros alimentícios, aos mercados consumidores do centro do país. Neste contexto, Noronha (2006, p. 61) destaca que estes comerciantes vão se constituir como o

principal grupo de poder político em Santa do Sul. Conforme o autor, esse segmento detinha o controle das principais vias de acesso aos mercados do fumo, além de desempenharem o papel de banqueiros, monopolizavam as informações referente ao preço do tabaco e dos meios de escoamento da produção.

Esse significativo crescimento econômico, populacional e urbano de Santa Cruz, alcançado na virada do século, foi potencializado com a inauguração do ramal ferroviário, em 1905, mesmo ano em que Santa Cruz foi elevada à categoria de cidade pelo decreto nº 837. A facilidade nos transportes impulsionou extraordinariamente as exportações. Assim, o intercâmbio comercial gerou o acúmulo de capitais nas mãos dos comerciantes, possibilitando-lhes investimentos em empreendimentos comerciais e principalmente indústrias (VOGT, 1997, p. 73).

Diante disso, o início de século XX configurou para Santa Cruz do Sul um cenário marcado pelo estabelecimento do comércio e beneficiamento de tabaco originado pela acumulação de capital mercantil, e pelo início da penetração do capital internacional na região, com a instalação da empresa The Brazilian Tobacco Corporation (1917), antecessora da Companhia Brasileira de Fumos em Folha (1920) e depois Souza Cruz (1955). No que concerne às relações sociais, o período se notabilizou pela ocorrência da paulatina subordinação do processo de trabalho dos produtores familiares, plantadores de fumo, ao capital industrial. Há, pois, um deslocamento do agente subordinador que é transferido da figura do comerciante para o da agroindústria fumageira. (VOGT, 1997, p. 101)

Conforme Silveira (2003, p. 66-67) o ramo industrial que se instalou no município saiu favorecido, na medida em que pode contar com o capital anteriormente acumulado pelo comércio, com mão-de-obra relativamente especializada e usufruir das oportunidades que o mercado interno lhe oferecia. As inovações tecnológicas introduzidas, indiscutivelmente, modernizaram o processo do cultivo e beneficiamento da produção tabaqueira. De igual forma,



Noronha (2006, p. 63) destaca para a ascensão de uma elite política e econômica, com a fundação da Associação Comercial e Industrial (ACI) de Santa Cruz do Sul, em 1917, o que demonstra o grau de complexidade que a sociedade santa-cruzense estava alcançando, naquele momento.

Cumprasse assinalar, que a partir do final da década de 1930, a política de estado instituída pelo governo de Getúlio Vargas em nome da unidade nacional, teve sérios desdobramentos junto à sociedade santa-cruzense. A campanha de nacionalização, iniciada em 1937 pretendeu forçar a assimilação da língua portuguesa através da proibição da fala e o ensino da língua alemã, além do fechamento de jornais, instituições, associações comunitárias e culturais. Tal experiência nacionalizadora teve efeitos definitivos, entre eles o desaparecimento da imprensa em língua alemã, escolas étnicas e algumas instituições culturais.

Contudo, Correa (2002) considera que, em algumas condições, o “abrasileiramento” não se deu de forma violenta à época do Estado Novo. Para o autor, a urbanização e o viver na cidade se constituíram em fatores preponderantes para a integração dos descendentes de alemães nas áreas de colonização e imigração no Rio Grande do Sul. Sendo assim, “a vida urbana não exige a mesma solidariedade ou a mesma vida em coletividade daquela do meio rural”, ou seja, “muitos descendentes almejavam aprender a falar fluentemente a língua portuguesa e conscientemente abandonaram o idioma materno e tampouco quiseram ensiná-lo aos seus filhos” (CORREA, 2002, p. 87).

Neste contexto, a economia fumageira modernizou a cidade de Santa Cruz do Sul originando transformações sociais, econômicas e políticas. Segundo Wink (2002), a arquitetura das construções no perímetro urbano são manifestações da riqueza gerada pelo processo de industrialização do tabaco. Por outro lado, o aumento da mão de obra para a indústria, na década de 1940, levou o Poder Público Municipal de Santa Cruz do Sul a aprovar o loteamento do bairro operário “Camboím”, depois chamado de Bom Jesus, visando receber trabalhadores oriundos de

outros municípios, no período de safra nas indústrias fumageiras. A comunidade do centro e dos bairros de classe média e média alta, contudo, com o decorrer dos anos, demonstraram seu mal-estar com o crescente processo de ocupação desorganizado e a expansão dos bairros populares, como relata essa reportagem do Jornal Gazeta do Sul, do dia 4 de junho de 1952:

“A Vergonha de uma Cidade”

O Camboim dos becos Laçasso, do Caqui e das Sete Facadas – onde vive num desamparo e numa miséria abjeta e aviltante uma parte substancial da população de uma cidade próspera e vigorosa – constitui um problema gravíssimo que alguns conhecem e a maioria pretende ignorar. (...) A miséria, na sua mais sombria e terrível expressão, o esquecimento e o desamparo total que formaram o Camboim e deram-lhe seu aspecto atual: uma chaga que enfeia um corpo bonito e lhe ameaça progressivamente minar todo o organismo; (...) um quadro deprimente que a cidade faz questão de esconder ou finge ignorar (SILVEIRA, 1997, p. 63).

Porém, os bons rendimentos proporcionados pela cultura tabagista, provocaram o aumento da área plantada e a intensificação do cultivo. Este aumento resultou numa superprodução no final da década de 40, ocasionando uma crise que pendurou por mais 2 décadas<sup>5</sup> e resultou numa série de implicações que levaram à transnacionalização do setor a partir de 1965 e ao surgimento de uma nova fase de desenvolvimento urbano e econômico da cidade. As maiores beneficiadoras de fumo da época foram, aos poucos, transnacionalizadas, iniciando-se um processo sucessivo de compra por parte de diferentes grupos internacionais. (SILVEIRA, 2003, p. 130-131)

Como decorrência, o complexo agroindustrial fumageiro, capitaneado por Santa Cruz do Sul, passou a assumir papel de destaque no âmbito do mercado internacional de fumo. O município passou a ser chamado de “capital nacional do fumo”, incorporando o bilionário

---

<sup>5</sup> Para uma análise da flutuação econômica do tabaco durante estas duas décadas ver: (VOGT, 1997, p. 101-126).

circuito das praças comerciais mundiais de fumo, atraindo, a cada ano, nos meses de fevereiro a maio, período da colheita e da comercialização da safra, compradores das principais companhias e fábricas de cigarro do mundo. (SILVEIRA, 2003, p. 132)

A par deste contexto histórico, questiona-se neste momento o posicionamento estabelecido pela historiografia regional<sup>6</sup> na estruturação da etnicidade germânica e os pressupostos que permeiam na construção da “nação imaginada”<sup>7</sup>, bem como o comprometimento desta discursividade frente a outros grupos que participaram da construção da sociedade de Santa Cruz do Sul.

## **1.2 Historiografia Regional e Identidade Cultural**

Segundo Weber (1994) são chamados de grupos étnicos aqueles grupos que nutrem uma crença subjetiva em uma comunidade de origem, fundada nas semelhanças de aparência física ou de costumes, ou das duas coisas, ou devido a reminiscências da colonização/imigração. Assim, uma comunidade é definida como étnica "quando é sentida subjetivamente como característica comum" pelos seus membros (WEBER, 1994, p. 267). Nesse caso, a percepção de uma identidade está diretamente vinculada a idéia de memória, ou seja, memória e identidade não são

---

<sup>6</sup> Em 1978 e 1979, a Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul conjuntamente com o Jornal Gazeta do Sul patrocinaram o “Concurso de Monografias” intitulado “Santa Cruz do Sul – Aspectos de sua História”. O objetivo deste evento era de resgatar a memória imigrantista e valorizar a genealogia local. Para tanto, este concurso serve como marco historiográfico de reavivamento do discurso étnico enquanto lastro das narrativas identitárias da região. Vale lembrar, que no próximo capítulo será trabalhado a documentação jornalística. Neste sentido, este concurso será analisado em conjunto a uma série de outras iniciativas políticas articuladas pelo Poder Público Municipal em Santa Cruz do Sul, a partir do final da década de 1970. Jornal Gazeta do Sul (07/04/1979, p 16-17).

<sup>7</sup> Ver: (ANDERSON, 1989).

estruturas fixas e monolíticas, mas representações e construções da realidade articuladas nas relações de poder e que sustentam-se subjetivamente, no tempo e no espaço.

Conforme Halbwachs (2004), a memória pode ser um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Para este autor “no primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais freqüentemente, em contato com ele” (HALBAWACHS, 2004, p. 48)

Pollak (1992) destaca a estreita relação entre a memória e o pertencimento identitário:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (...) Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória individual e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos. (POLLAK, 1992, p. 5)

É importante ter presente que história e memória não são sinônimos. Segundo Félix (2004, p. 42), a memória é aberta e em permanente evolução e liga-se à repetição e à tradição, sacralizando o vivido do grupo social, a história, ao contrário dessacraliza a memória, constituindo-se em representação do passado, através do distanciamento, da problematização, da crítica, e da reflexão sobre as memórias. Nesta direção, Paredes (2002) afirma que “a história

trata os fatos memoriais do passado através de uma atitude que busca ao máximo a objetividade científica, ao passo que a memória se reveste de subjetividade”, ou seja, “se por um lado a história procura ordenar os fatos do passado, a memória por sua vez, é permeada pela desordem das paixões e dos afetos” (PAREDES, 2002, p. 111).

No caso de Santa Cruz do Sul, a partir das considerações acima, pode-se afirmar que as narrativas legitimadoras da identidade cultural do município estão calcadas numa historicidade sempre aberta a interpretações, ao diálogo e a problematizações. Segundo Meyer (2000, p. 40), a história não é uma instância em que se registra a verdade dos fatos, acontecimentos, sua evolução e transformação, de forma uniforme, neutra e definitiva. Sua escritura está articulada com interesses e necessidades bem concretas e específicas, o que faz dela um campo conflituoso, aberto a múltiplas leituras e interpretações; um campo que está ativamente implicado com a produção de saberes e significados históricos acerca de um passado que melhor responda às necessidades, de várias ordens, postas pelo presente.

Diante disso, é oportuno dizer que não se resgata o passado, este não se encontra perdido em um tempo distante. A forma que a história adquire no presente, associa-se aos saberes que orientam o trabalho do historiador que, por sua vez, estão carregados de uma carga considerável de subjetividade. Não é por outro motivo, que cada presente reivindica para si uma versão do passado. Nesse caso, a história regional, feita por historiadores, profissionais diletantes e áreas afins<sup>8</sup>, sobre a imigração/colonização alemã em Santa Cruz do Sul é tema que, na maioria das vezes, se manteve circunscrita a grupos de pessoas oriundas das próprias áreas de colonização, grande parte destes, motivados por uma visão essencialista da história. Daí por que, a forma

---

<sup>8</sup> Ver: (MARTIN, 1979; KIPPER, 1979; WINK, 2002; AZAMBUJA, 2002; VOGT, 2006).

como estas obras foram construídas indicam a presença de uma narrativa muito próxima de uma visão folclorizada sobre o passado<sup>9</sup>.

Para tanto, a historiografia regional se constitui como um instrumento extremamente importante na legitimação de valores simbólicos, que permitem a construção da memória social, bem como a elaboração da tradição comunitária. Por tradição pode-se entender uma rede de significados do passado articulados no presente que permitem a criação ou a elaboração de um discurso de pertencimento e identificação cultural. Hobsbawm e Ranger (1984) denominaram este processo de “invenção de tradições”. Para estes autores, em determinados contextos sociais, o passado passa a ser referenciado através de formalizações e ritualizações, mesmo que apenas pela imposição da repetição. Assim, as culturas são instigadas a voltarem às glórias passadas, remetendo-se a discursos que caracterizam a nação como grandiosa, restaurando, desta forma, as identidades que ficaram no passado. Isto, por sua vez, sedimenta a existência de um imaginário comum que é extremamente importante para a configuração destas identidades. História sobre um passado imemorial de origens das famílias, do povo, de heróis, guerras e mitos, contribuem para a configuração e legitimação destes imaginários.

No conjunto de características comuns que norteiam os trabalhos acerca da colonização/imigração alemã em Santa Cruz, é recorrente a ética do trabalho como ferramenta fundamental do espírito empreendedor e associativo, a moralidade e a higiene (limpeza) na vida cotidiana, o mito do pioneirismo como matriz genealógica da comunidade e o diferencialismo étnico estruturado em discursos contrastivos da identidade cultural hegemônica. Nesse caso, não trabalharemos com estes eixos de forma isolada, até porque estes estão articulados e inter-relacionados numa rede de significados míticos, que por sua vez, permitem a configuração de um imaginário comum.

---

<sup>9</sup> É importante destacar, que Santa Cruz do Sul não é um caso isolado. Chauí (2000) indica que a historiografia constrói heróis em todas as partes do mundo, com objetivos, na maioria das vezes, de traçar uma identidade local e encontrar as raízes, a origem do mito fundador.

Dentre os aspectos balizadores que caracterizam a cultura comunitária dos imigrantes desde os primeiros anos de ocupação é a importância dada à língua, educação, religião e ao associativismo, conforme aponta Seyferth (1994) nesta passagem.

A comunidade étnica teuto-brasileira foi definida objetivamente por seus membros a partir do uso cotidiano da língua alemã, da preservação de usos e costumes alemães (incluindo, entre outras coisas, hábitos alimentares, organização do espaço doméstico, formas de sociabilidade, comportamento religioso, etc.), da intensidade da vida social expressa pelas muitas associações que assumiram forte caráter étnico (como as sociedades de tiro, de ginástica, de canto, escolares, de auxílio mútuo). (...) A imprensa teuto-brasileira também serviu para reafirmar valores étnicos. Mas a definição mais ampla inclui elementos subjetivos do discurso étnico que ressaltam, sobretudo, a origem comum, ou simplesmente a raça comum que deve ser preservada com a condenação dos casamentos interétnicos. (SEYFERTH, 1994, p. 15-16).

No caso do pioneirismo imigrantista, vários autores apontam como ele foi traduzido miticamente pela comunidade e pela historiografia mais tradicional:

Em algumas publicações, o pioneirismo dos colonos, chamados de “bandeirantes do Sul”, é comparado ao papel dos bandeirantes paulista no povoamento do interior do País. A imagem que emerge dessa comparação é a do colono pioneiro, com ampla capacidade de trabalho derivado de sua condição étnica, que criou um mundo civilizado cercado pela barbárie cabloca. O cabloco aparece como sinônimo de (luso)brasileiro e definido por um conjunto de características estigmatizantes atribuído, em parte, à mestiçagem desregrada e à inferioridade racial de negros e índios. Os brasileiros (e dessa definição genérica só estão excluídos os descendentes de imigrantes europeus que participaram da colonização) são chamados de malandros, atrasados, descuidados, beberrões, etc. (SEYFERTH, 1994, p.19)

Assim, a colonização é entendida como uma epopéia civilizatória que, partindo de todas as dificuldades iniciais, consegue emergir triunfalmente, independentemente das relações de

sociabilidade e poder estabelecidos entre os diferentes atores sociais. Diante disso, os autores que escreveram acerca da temática da imigração/colonização alemã, comumente se referem à cultura “teuto-brasileira” como sendo uma reprodução de um conjunto de tradições que os imigrantes germânicos trouxeram na “bagagem”, desde sua terra de origem. Daí por que, a historiografia que se refere ao tema da imigração/colonização alemã na região aborda questões que, de maneira geral, sustentam e legitimam o discurso do pioneirismo imigrantista de meados do século XIX, conforme ratifica esta passagem:

Deixando, portanto, de lado uma realidade que não lhes oferecia perspectivas, vieram para Santa Cruz a partir de 1849, em busca de uma vida digna para si e para os seus. Consigo trouxeram seus valores, seus hábitos, suas crenças, sua língua, que tiveram papel fundamental na construção desta região. A ela legaram suas marcas indelévels impressas ainda hoje nas feições e nos nomes de uma grande parcela de seus habitantes, bem como na toponímia original das colônias. Essas marcas são observáveis tanto nos valores, costumes, hábitos, bem como na arquitetura. (AZAMBUJA, 2002, p. 11)

É importante notar na fala da autora, que a tradição germânica é colocada como um elemento praticamente natural da cultura. A idéia de manutenção dos valores culturais dos antepassados é outro fator mencionado num sentido claramente essencialista. Como se observa, a imigração serve como mito fundador, é o tempo pedagógico que liga o presente e o passado da cidade a um projeto de devir histórico, e decreta as fronteiras entre o “nós” e “eles” os de “dentro” e os de “fora”, ou seja, o discurso identitário germânico articulado desta forma, legitima um imaginário social, que tenta fixar uma ordem baseada na saga mítica dos imigrantes de meados do século XIX.

Neste sentido, a revista REDES, em número especial alusiva aos 150 anos de Colonização Alemã em Santa Cruz do Sul, editada em 1999 e composta de 7 artigos, encontram-se termos utilizados pelos autores como: “valor a educação”, “herança cultural”, “preservação de valores”, “características herdadas dos antepassados”, entre outros. Nestes textos, os autores



apresentam como pano de fundo, aspectos culturais da identidade germânica, como se estes, fossem estanques e homogêneos, ou seja, essencialistas e naturalizados. A par disso, vale citar uma passagem de um artigo que tem como objetivo a manutenção da língua alemã entre os descendentes de imigrantes:

Quero lembrar os leitores da importância dessa língua específica, existente no sul do Brasil. Quero também fazer um apelo para que o alemão brasileiro possa sobreviver e existir mais décadas e séculos nestas regiões. A tarefa é estimar a língua e, sobretudo, continuar ou começar a falar, sensibilizar cada geração de novo nesse dialeto vivo e tentar estimular e motivar a aprender a língua padrão, sem esquecer o dialeto. Se essa língua alemã daqui desaparece, também a cultura alemã transmitida desde o século passado, vai desaparecer um dia<sup>10</sup>. (GÄRTNER, 1999, p. 88)

Conforme a citação nota-se uma considerável ênfase dada por Gärtner na preservação e transmissão da língua alemã, ou seja, a autora advoga a necessidade de preservação da língua, sendo esta uma ferramenta importante para a preservação da cultura. Entretanto, segundo Meyer (2000, p. 53) a língua está longe de ser somente um veículo que permite ter acesso a um sentido fixado de forma inerente e duradoura a coisas, pessoas ou a eventos, ou de ser um meio que transmite, com transparência e neutralidade os significados que se pretende expressar. Para a autora, a língua é, sobretudo, um meio privilegiado pelo qual se atribui sentido ao mundo e a nós mesmos, é aquilo que se reconhece como sendo o real ou a realidade, ao mesmo tempo em que produz os sujeitos que nela estão implicados.

Para Pierre Bourdieu (2001), a defesa da língua/dialeto representa a procura de critérios objetivos de definição de uma identidade regional/étnica. Segundo Bourdieu na prática social,

---

<sup>10</sup> Cumpre-nos assinalar duas iniciativas ocorridas na década de 1990 referentes a vitimização, preservação e propagação da língua alemã no Rio Grande do Sul e em Santa Cruz do Sul. Na primeira, destacamos uma emenda apresentada na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, no ano de 1997, pelo então Deputado Erny Petry que tinha como propósito o pagamento de indenizações as pessoas que “sofreram danos com a Campanha de Nacionalização.” (JGS, 10 e 11/05/1997, p.10). A segunda iniciativa articulada

estes critérios são objeto de representações mentais, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos de representação. Estas estratégias, por sua vez, estão interessadas na manipulação simbólica que tem em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores. Nas palavras do autor:

As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer a respeito de prioridades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo. (BOURDIEU, 2001, p. 113).

Nesta direção, Muniz Sodré (1999), afirma que, às vezes, um idioma pode sustentar uma identidade, com finalidades eventualmente estratégicas. Porém acreditar na realidade dessa identidade é um fato emocional e político de grandes conseqüências para esse grupo socialmente desarraigado. Para o autor, isto tende a um grupo explicitar a sua particularidade, aquilo que o distingue de outras formações culturais e, assim, “o investimento da consciência do sujeito por uma identidade étnica pode ser tão grande que em certos momentos de incerteza em relação a tal identidade geram violência social”, isto é, “quando essas classificações étnicas são perturbadas pela dinâmica transnacional ou pelas transformações políticas modernas, a incerteza identitária resolve-se em formas violentas de certeza”<sup>11</sup> (SODRÉ, 1999, p. 51).

---

foi a inclusão da língua alemã no currículo das escolas municipais de Santa Cruz do Sul. *Jornal Gazeta do Sul* ( 01 e 02/11/1997, p. 16-17).

<sup>11</sup> Caso notório deste tipo de análise foi um assassinato registrado em uma localidade do interior de Santa Cruz do Sul, na Linha Biriva. Conforme aponta o noticiário, um trio de rapazes que residiam nesta localidade, seguidamente provocavam o agricultor Arthur Becker, que num determinado dia acabou

Não por outro motivo, que Seyferth (2007), ao analisar a Campanha de Nacionalização no período do Estado Novo, afirma que chegar até o lar era a prioridade dos nacionalizadores, pois estavam ali os sinais diacríticos<sup>12</sup> da etnicidade germânica, começando pela língua materna aprendida com as mães e avós. Segundo a autora:

Veículo de comunicação, a língua tornou-se um marcador da identidade coletiva para todos os imigrantes e primeiras gerações de descendentes, particularmente no caso dos alemães que, simbolicamente, equacionaram lar e pátria através do termo *Heimat*. Derivado de lar (*Heimat*), é o lugar por excelência da afirmação da identidade nacional desde os tempos do romantismo (no início do século XIX). No Brasil, o uso da língua e seu aprendizado em casa, tornou-se a base dos enunciados de uma identidade alemã-brasileira (ou teuto-brasileira), verificada na literatura produzida em língua alemã (até sua proibição durante a campanha de nacionalização) – na qual as mulheres autoras tem tanto destaque quanto os homens-, nas matérias sobre a germanidade veiculadas em jornais e outros periódicos. (SEYFERTH, 2007, p. 05)

Neumann (2005, p. 58), ao analisar os pressupostos que configuram a narrativa das associações de tradição germânica em Santa Cruz do Sul de relevância fundamental na formação do discurso identitário e étnico de seus integrantes, chama a atenção para alguns elementos como: língua, povo, religião e *Heimat*<sup>13</sup>. Para a autora, são estes elementos que dão fundamento

---

reagindo e assassinando um destes. Segundo Marilene Carvalho, uma das testemunhas do assassinato, em seu relato aponta para o motivo do crime: “O Tuta, o Nairo e o Ico diziam que raça era brasileiros. Alemão e outros não prestavam.” *Jornal Gazeta do Sul* (10/11/1983, p. 10-11).

<sup>12</sup> Conforme Oliven (2006, p. 34), sinais diacríticos são sinais que conferem uma marca de distinção, ou seja, categorias para classificar pessoas e espaços e, por conseguinte, formas de demarcar fronteiras e estabelecer limites, que assim, funcionam como pontos de referência básicos em torno dos quais se aglutinam identidades, que por sua vez, são construções sociais formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas.

<sup>13</sup> *Heimat* é uma palavra que se origina de Heim, lar em português. Como tal sugere uma realidade construída na qual os componentes essenciais são um espaço geográfico concreto e visível, organizado numa paisagem familiar na qual se abriga a tradição cultural. A percepção da *Heimat* incorporam-se invariavelmente a moradia, das *Haus*, das *Heim*, o estar em casa, *der Hof*, o mini território em que se concretizam a vida e as relações familiares e a *Heimat*, a terra natal, a querência que é realizada pelo mundo físico e cultural mais imediato e, ao mesmo tempo, palco das relações comunais. Significa, portanto, o espaço e o mundo comunal em que a pessoa nasce, cresce e se torna adulta e no qual se enraíza e com o qual se desenvolve relações existências permanentes e indelévels. (RAMBO, 1994, p. 48)

e sustentação ao germanismo, tanto na Alemanha como no Brasil. Por tais razões, verifica-se que a ideologia predominante, na formação estrutural da sociedade santa-cruzense está alicerçada por pressupostos românticos do século XIX, pois este contornava uma perspectiva universalista da cultura ocidental e focava suas manifestações na perspectiva das diferenças. Ao colocar a diferença como paradigma de reflexão sobre a cultura e a nação, o Romantismo conferiu à etnicidade um importante papel diferenciador das outras nações e povos. Vale lembrar, que esta ideologia atinge seu apogeu no nacional-socialismo do século XX, onde as teorias raciais e as abordagens acerca da hereditariedade acabaram por ratificar a ideologia da unidade étnica e da pureza racial.

Do ponto de vista ideológico, segundo Elias (1994), a origem desta relação está nas referências da chamada Kultur, em que elementos culturais foram naturalizados construindo, assim, uma narrativa integradora da nação alemã. Desta forma, o autor, ao diferenciar o emprego de Kultur no alemão e *zivilisation* no francês afirma:

O conceito alemão de Kultur dá ênfase especial a diferença nacionais e à identidade particular de grupos. Principalmente em virtude disto, o conceito adquiriu em campos como a pesquisa etnológica e antropológica uma significação muito além da área lingüística alemã e da situação em que se originou o conceito. Mas esta situação é aquela de um povo que, de acordo com os padrões ocidentais, conseguiu apenas muito tarde a unificação política e a consolidação e de cujas fronteiras, durante séculos ou mesmo até o presente, territórios repetidamente se desprenderam ou ameaçaram se separar. Enquanto o conceito de civilização inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores, o conceito de Kultur reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessantemente e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma: “Qual é mesmo nossa identidade?” A orientação do conceito alemão de cultura, com sua tendência à demarcação e ênfase em diferenças e no seu detalhamento, entre grupos, corresponde a este processo histórico. (ELIAS, 1994, p. 25)

Como se observa, o dualismo apontado por Elias marca categoricamente a oposição entre o Universalismo francês e o Particularismo alemão. O primeiro estruturado nos termos da Civilização enquanto entidade universal e o segundo, nos termos da cultura enquanto marcação da diferença. Conforme Silva (2005), a idéia de *Kultur* apresenta desdobramentos substanciais na construção do Estado-nação alemão. Para este, o romantismo do oitocentos na Alemanha preparou o terreno para que o Estado cultural antecedesse o Estado Político. A unidade cultural enquanto estoque moral, étnico e artístico se fundiu na idéia de nação, estruturando a unificação do estado. Assim, segue o autor:

A construção do nacionalismo como ideologia da nação indiossincrática permitiu a radicalização das diferenças enquanto atributo hierárquico a partir do qual o “nós” se distanciou do “eles”. A definição do campo identitário tornou-se assim assunto de Estado e a identidade passou a ser tratada a partir da monoidentificação, tornando a identidade nacional refratária a culturas alienígenas, consideradas inclusive perigosas. Na composição da teia do nacionalismo, a diferença marca a positividade do “nós” em relação ao “eles”.  
(SILVA, 2005, p. 20)

Desta forma, o *Deutschtum* (germanismo), enquanto discurso referente à conservação da cultura dos indivíduos germânicos ou descendentes, transcende à própria idéia de “Estado-nação”. O termo *Volkstum* (nacionalidade) se relaciona à etnia e à raça e não ao *jus solis*, ou seja, ao local de nascimento. Neste sentido, é importante atentar para o desencontro de dois conceitos, apontados por Rambo (1994): o de nacionalidade e o de cidadania. Na tradição alemã, a nacionalidade configura uma condição humana desvinculada da condição de cidadania. Entre os determinantes da nacionalidade, encontram-se sempre a raça, a etnia, a cultura com seus valores, a história, a tradição e, principalmente, a língua. Conforme o autor, no fundamento dessa concepção de nacionalidade encontra-se o princípio do *jus sanguinis*, o direito pelo sangue, direito pela herança. Com isso, os elementos como raça, língua, cultura, assumem, individualmente, importância maior ou menor, conforme às circunstâncias do lugar e do tempo. Por tais razões, é necessário ter presente, que nacionalidade é um conceito de componentes de

natureza étnico-cultural, ou seja, o fator território se constitui nesse caso, como uma variável aleatória, isto é, o fato de alguém ser cidadão brasileiro não faz com que ele deixe de ser alemão, o princípio do *jus solis*, não modifica a natureza da nacionalidade, oriunda do *jus sanguinis*.

Destaca-se, ainda, o valor do trabalho, relacionado a ética protestante, como elemento cultural importante. Emmanuel Todd (1996, p. 220) coloca que o protestantismo, a partir do século XVI, encorajou a solidificação de Estados territoriais, separados, no interior da própria Alemanha o que, segundo o autor, se configurou de duas formas: a primeira, pela alfabetização em massa da população devido ao advento da imprensa e a tradução da Bíblia para o alemão por Lutero e, a segunda, pela exteriorização da diferença.

Nesta direção, Meyer (2000) aponta que, ao imprimir e escolarizar a língua vulgar, a Reforma Protestante também fragmentou, na Europa da Idade Média, a transversalidade de uma classe letrada européia que se sustentava pelo domínio do latim. Segundo a autora

No contexto dos estados alemães, pode-se ainda dizer que foi a Reforma, com a tradução da Bíblia, que instituiu o alemão padrão, uma língua que seria adotada como a referência comum num contexto político e lingüístico extremamente conflituoso e multifacetado até o século XIX. Assim, no caso específico do Império Alemão, a Reforma desencadeou alguns movimentos simultâneos e distintos: por um lado delimitou, de fora para dentro, uma comunidade que tinha agora uma língua falada e escrita compartilhada; ao mesmo tempo, dissolveu ou relativizou fronteiras geográficas internamente, ao instituir uma língua comum para uma multiplicidade de Estados que compartilhavam o pertencimento político ao Império Alemão. (MEYER, 2000, p. 77)

Assim, a Reforma Protestante colocou em xeque uma ética religiosa medieval católica centrada na idéia de que uma vida só poderia tornar-se plena depois da morte e fora da terra. Com Lutero, a idéia de sagrado passou a incluir, de forma importante, também aquilo que estava no mundo. Para Weber (2003), este processo forneceu a base para a concepção do trabalho como um fim em si mesmo, como uma vocação necessária ao capitalismo, que fez do lucro e do ganho

um dever. Esse espírito cristão de vocação dado pelos protestantes ao trabalho e a predestinação, gerou um novo tipo de ascetismo "no mundo" caracterizado por uma vida disciplinada, pelo apego ao trabalho e a valorização da poupança, nas palavras do autor:

A perda de tempo é pois o primeiro e, em princípio, o mais funesto dos pecados. A duração da vida humana é por demais curta e preciosa para garantir a própria escolha. A perda de tempo na vida social, em conversas ociosas, em luxos e mesmo em dormir mais que o necessário para a saúde, de seis até o máximo de oito horas, é merecedora de absoluta condenação moral. Não se trata, pois, de reafirmar, com Frankin, que tempo é dinheiro, mas a posição é verdadeira em certo sentido espiritual. Ela é infinitamente valiosa, pois que cada hora perdida é perdida para o trabalho de glorificação a Deus. (WEBER, 2003, p. 119)

O luteranismo<sup>14</sup> dos imigrantes trouxe uma visão de mundo alicerçada no labor e na poupança, propiciando a legitimação de um imaginário comum sobre a ética do trabalho, pois a prosperidade santa-cruzense atrelada a etnicidade será uma das tônicas da produção das narrativas identitárias da região. No entanto, articulada desta forma, a historiografia contorna sobremaneira a participação de outros grupos étnicos, conforme demonstra esta passagem:

Nas zonas interioranas, via de regra o elemento luso ficou marginalizado, inclusive economicamente; pois não conseguiu alcançar a produtividade e a prosperidade do colono alemão. Atitudes discriminatórias foram eventualmente tomadas pelos colonos alemães com relação aos elementos de cor, a quem muitas vezes atribuíam defeitos como a preguiça, a pouca preocupação com a economia, o desleixo. (KIPPER, 1979, p. 43)

---

<sup>14</sup> Segundo Correa, “a religião serviu igualmente para os imigrantes alemães e seus primeiros descendentes se distinguirem dos nativos. No aspecto religioso, cabe salientar que, se o contraste era maior em relação aos protestantes, mesmo o catolicismo alemão diferia do ibérico e sobremaneira do luso-afro-brasileiro.” (CORREA, 2004, p. 34)

Segundo Elias e Scotson<sup>15</sup> (2000 p. 27), a estigmatização de um grupo estabelecido sobre um *outsider*, carrega alguns traços comuns numa vasta gama de configurações. Para os autores, a anomia talvez seja a censura mais freqüente a ser feita, repetidamente, imputa-se aos grupos *outsiders* como indignos de confiança, indisciplinados, desordeiros e costumeiramente, os grupos estabelecidos vêem seu poder superior como um sinal de valor humano mais elevado.

Por tais razões, o discurso identitário contrastivo é evidenciado pelas inúmeras referências aos luso-brasileiros e afro-descendentes, comumente associados ao escravismo e a uma colonização exploratória pouco empreendedora. No mesmo sentido da superioridade do desenvolvimento econômico e social regional relacionado a etnicidade germânica, contrastam-se as regiões de colonização alemã com as de luso-brasileiros. Segundo demonstra esta passagem:

Através da análise desse tópicos da história inicial da região, podemos perceber as peculiaridades de sua formação, tanto por seus diferentes aspectos físicos quanto por questões relativas à ocupação do território, origem de seus povoadores e desenvolvimento econômico. Em um panorama dominado pelos grandes latifundiários de origem lusa, voltados à criação extensiva e estabelecidos na área de campos, surge por ordem do Governo Provincial, junto à encosta da serra, um sistema diferenciado de ocupação do solo, baseado em pequenas propriedades, exploradas por imigrantes alemães e direcionadas à produção agrícola de gêneros alimentícios. Rio Pardo, anteriormente o maior e um dos mais ricos municípios da Província, de centenária relevância militar e poder político, vê, aos poucos, sua economia perder importância, ao mesmo tempo em que assiste ao desenvolvimento da Colônia de Santa Cruz em ritmo acelerado. (WINK, 2002, p. 32-33)

---

<sup>15</sup> John Scotson e Norbert Elias (2000), em *Os estabelecidos e os outsiders*, abordam a divisão ocorrida entre dois grupos numa cidade no interior da Inglaterra, cujo nome fictício era Winston Parve, situada nos arredores de uma grande cidade industrial inglesa. De um lado, o grupo estabelecido, representava a tradição local e as posições de poder. De outro lado, *os outsiders* que representava os recém chegados e o grupo estigmatizado pelo grupo estabelecido.



Assim, o mito civilizador do imigrante, bem como a coragem e o trabalho, são os sinais diacríticos reivindicados frente a outros grupos étnicos que deram origem ao povo santacruzense, o afro-descendente, o luso-brasileiro e o indígena. Desta forma, a historiografia regional cumpre um papel importante na construção da narrativa de pertencimento identitário, caracterizando-se por um instrumento pedagógico privilegiado na evocação de uma identidade étnica como triunfo civilizatório, legitimando assim as narrativas de pertencimento por exclusão e contraste.

Nessa perspectiva, entende-se que a narrativa identitária na qual se produziu a cultura germânica em Santa Cruz do Sul está estruturada em torno de algumas dicotomias ou oposições binárias básicas que, por sua vez, estão carregadas de conceitos hierarquizadores como: alemão/brasileiro; limpo/sujo; trabalhador/indolente. Ademais, a história de Santa Cruz do Sul é estruturada a partir do marco de chegada dos 12 primeiros imigrantes em dezembro de 1849, entretanto, o local não era um vazio histórico e demográfico. A região já possuía relações de sociabilidade, com atores sociais (luso-brasileiros, afro-descendentes, índios, caboclos) e relações de poder. Assim a colonização/imigração alemã na região não se fez a partir do nada, mas, sobretudo, no contato estabelecido com outros grupos, num sentido que transcende e complexifica a simples noção de uma cultura fixa e homogênea. Conforme Menezes (1914):

Quando chegaram os primeiros colonos ainda existia o sobrado que fora a residência de Rosa (...) Rosa, para resguarda-se das investidas dos bugres, então muito abundantes, fizera cercar a sua morada pelos ranchos de seus numerosos escravos. Era o sobrado feito de madeira, mas coberto de telhas de barro. Morava então no sobrado, que serviu também para alojamento daquelles colonos, João de Faria Rosa, neto do precedente (...) João de Faria, como era mais conhecido, transportou esses primeiros colonos até o lugar dos lotes que lhes eram destinados na então Picada do Abel (MENEZES, 1914, p. 19).

Pode-se notar que há, por parte da historiografia regional, uma resistência para com grupos já estabelecidos ou mesmo que participaram do processo histórico de desenvolvimento do

atual município. A mística do pioneiro, do primeiro colono ou imigrante, seus valores estruturais para a civilização e as tradições trazidas na “bagagem”, constituem os “valores” referenciais. Por essa razão, é necessário pensar em identidades culturais e em culturas sendo produzidas nas relações de sociabilidade e poder, através do contato político, social e pessoal mais intenso com luso-brasileiros, negros e outros grupos culturais. Isso supõe trabalhar com a idéia de diferentes identidades no interior do grupo, convivendo no mesmo espaço, ao mesmo tempo e ao longo do tempo, e implica a necessidade de historicizar essas identidades, situando-as nos contextos em que elas foram produzidas e modificadas. Para Meyer:

Muitos dos estudos acadêmicos, reportagens jornalísticas e artigos comemorativos que se ocupam da temática da imigração alemã referem-se à cultura de um conjunto de crenças, valores, tradições e práticas que os imigrantes alemães “trouxeram” de sua terra natal a qual corresponderia ao que é denominado, aí, de sua “bagagem cultural”. (...) O conjunto desses processos acaba por conferir a cada “bagagem pronta” um caráter que transcende e complexifica a simples noção dela como se fosse um conjunto finito e fixo de coisas, que alguém voluntariamente empacotou e transporta para usar da mesma forma em variados lugares; uma complexidade que, na associação usualmente feita entre bagagem e cultura, parece ser negada, também, a essa última quando ela é referida como conjunto de hábitos, crenças, valores e tradições que, como “coisas”, acumulados, preservamos e transmitimos. Essa noção pode ser problematizada em mais de um sentido, uma vez que o seu uso não só constrói as idéias de reificação e fixidez da cultura, mas também a possibilidade de sua homogeneidade intragrupal, quando deixa de enfatizar os processos de seleção e as relações de poder que os modulam. (MEYER, 2000, p. 36-37)

É importante ter presente o fato de que, da mesma forma que a historiografia regional subestima a presença de outros grupos étnicos na formação de Santa Cruz do Sul, segundo Oliven (2006, p. 71) a historiografia tradicional do Rio Grande do Sul igualmente desdenha a presença do negro e do índio na formação da identidade gaúcha, ao contrário do que ocorreu no

resto do Brasil a partir da década de 1930<sup>16</sup>. Outro dado importante, apontado por este autor, e que também merece ser comparado à história regional, refere-se ao fato de que é comum historiadores tradicionais se referirem ao “território rio-grandense nos primórdios da colonização ibérica como ‘terra de ninguém’” (OLIVEN, 2006, p. 70).

A convivência ao longo de diversos processos históricos nacionais e regionais aproximaram ou distanciaram os atores sociais frente a narrativa identitária germânica. Sendo assim, por muitos anos e por questões políticas, a cultura alemã foi reprimida e impossibilitada de ser manifestada, especialmente após os acontecimentos do período do Estado Novo (1937-1945) e durante a Segunda Guerra Mundial, quando os imigrantes e descendentes foram impedidos de cultivar aspectos culturais da região de origem.

Neste sentido, Noronha (2006), demonstra como o discurso identitário sofre rasura neste período:

Com o final da II Guerra, Santa Cruz do Sul sofreu transformação, do ponto de vista cultural, devido à crise do discurso étnico, em função dos crimes cometidos pela Alemanha Nazista, e do ponto de vista econômico, pela revolução no parque industrial da cidade. A cultura global começa a ganhar raízes na comunidade, porque a Campanha de Nacionalização e o realinhamento exterior do governo brasileiro aos EUA, coloca um novo elemento no discurso comunitário. Por ocasião do centenário da chegada dos primeiros imigrantes alemães em Santa Cruz do Sul, no ano de 1949, curiosamente, a elite política cancela a construção do parque do centenário da imigração alemã, mostrando assim o seu distanciamento em relação ao discurso germanista. Ao invés da construção do parque centenário, a Câmara de Vereadores aprova a formação de uma comissão para criar a Festa Nacional do

---

<sup>16</sup> Tal referência se torna pertinente porque a partir de 1933 com a publicação da obra, *Casa Grande & Senzala*, por Gilberto Freyre, o eixo da discussão historiográfica brasileira toma nova configuração, isto é, o vértice do debate é deslocado do conceito de raça para o conceito de cultura, permitindo um maior distanciamento entre o biológico e o cultural. Neste sentido, a grande contribuição de Freyre é ter mostrado que negros, índios e mestiços tiveram fundamental importância na formação cultural do Brasil, ou seja, ao transformar a mestiçagem num valor positivo e não negativo, o autor permitiu completar definitivamente os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desdenhada. (MUNANGA, 2004, p. 88).

Fumo e a exposição Agro-Pecuária e Industrial, em 1954. Aqui aparece uma importante mudança de comportamento da elite política local, que passa a se alinhar com a conjuntura global da época. O fim da II guerra é determinante para a cultura do cigarro porque a revolução tecnológica dos meios de comunicação favoreceu à expansão dos filmes de Hollywood que passam a mostrar uma nova estética e elegância desse símbolo da modernidade. (NORONHA, 2006, p. 76).

Contudo, a partir do final da década de 1970, em um movimento contrário, observou-se um intenso processo de resgate da cultura alemã. Nesse caso, verificou-se uma quantidade significativa de iniciativas tomadas pelo Poder Público Municipal, no reavivamento e na expansão da discursividade étnica enquanto lastro das narrativas identitárias da região. Dentre uma série de iniciativas pode-se citar a criação do Concurso sobre: “O Hino do Centenário de Emancipação política”; “Imigrante e Descendente Alemão mais Idosos”; “Concurso de Monografias” intitulado “Santa Cruz do Sul – Aspectos de sua História”; Criação da “I Semana da Imigração Alemã” e a construção da “Avenida dos Imigrantes”. Todas estas atividades representam um marco importante deste contexto de expansão da etnização. Vale lembrar, que todas estas iniciativas foram realizadas no ano de 1978.

É neste contexto, portanto, que no próximo capítulo, analisar-se-á na documentação jornalística, como as identidades serão reivindicadas, ou seja, quais os sinais diacríticos de cada cultura e como serão representados e (re)significados nesse processo. Desta forma, partindo de uma pesquisa empírica realizada no jornal de maior circulação regional, *A Gazeta do Sul*, verificar-se-á de que maneira este periódico serviu no processo de legitimação e negociação identitária, bem como na configuração simbólica de cada grupo.

## Capítulo 2

### **Imprensa escrita e identidade cultural em Santa Cruz do Sul: comunitarismo e representação social**

*No presente a mente, o corpo é diferente. E o passado é uma roupa que não nos serve mais.*  
(BELCHIOR)

*Toda imagem conta uma história.*  
(BURKE, 2004, p.175)

O objetivo deste capítulo consiste em apresentar alguns posicionamentos acerca da imprensa escrita, de Santa Cruz do Sul entre os anos de 1970 a 2000, nomeadamente o jornal de maior circulação da região, a Gazeta do Sul<sup>17</sup>. Para tanto, a pesquisa propõe uma análise acerca

---

<sup>17</sup> O Jornal Gazeta do Sul é o mais importante jornal da região do Vale do Rio Pardo, com circulação por todo Estado e, inclusive, fora do Rio Grande do Sul. A tiragem atual é de 18.000 exemplares diários e mais de 80 mil leitores, segundo pesquisa do Ibope. Sua criação está diretamente vinculada a extinção, em 1941, do tradicional Jornal Kolonie, editado em língua alemã, e que foi fechado em função da Campanha de Nacionalização e da Segunda Guerra Mundial. A primeira edição circulou em 26 de janeiro de 1945, nesta época o Jornal se chamava Gazeta de Santa Cruz. No primeiro ano, até dezembro, o jornal circulou com um exemplar por semana, a partir de então, passou a circular com dois exemplares semanais, até novembro de 1953, quando novamente mudou sua periodicidade, passando a circular três vezes por semana. Devido a uma série de transformações econômicas, sociais e políticas, em 1957 o jornal mudou de nome, passando de Gazeta de Santa Cruz para Gazeta do Sul. Esta mudança teve como objetivo ampliar a cobertura jornalística a nível regional. No mesmo período, o jornal passou a ter quatro edições semanais e, logo em seguida, cinco edições, sistema que persistiu até abril de 1959, quando o número de edições foi novamente reduzido para três por semana. A partir de 1988, a Gazeta passou a circular com edição diária, de terças-

dos dispositivos envolvidos na construção das narrativas legitimadoras da identidade cultural santa-cruzense, desdobrada no discurso comunitarista, articulando, assim, os mecanismos de inclusão e exclusão identitária em Santa Cruz do Sul. Nessa perspectiva, o estudo tem como propósito identificar as implicações desta discursividade na construção dos espaços sociais de representação e de existência para a comunidade afro-descendente no município.

Nos jornais das décadas 1970 a 2000<sup>18</sup>, foram selecionados para pesquisa e coleta de dados os exemplares de quarta-feira, sábado e domingo, isto por se tratarem dos dias com maior número de reportagens e encartes. Vale lembrar, que não necessariamente só estes dias foram pesquisados, outros dias da semana também foram investigados, dependendo de alguma data especial, ou conforme a própria dinâmica da pesquisa. A partir das fontes documentais coletadas, foram analisados um conjunto reportagens, entre artigos, encartes, noticiários, fotos, charges, editoriais e outros.

Segundo Thompson, na sociedade moderna a mídia ocupa um papel central na definição de pautas e conteúdos do discurso público. As formas simbólicas integram a realidade social de forma a criar e manter relações de poder, ou seja, o desenvolvimento de diferentes meios de comunicação de massa, não devem ser vistos como meros propagadores de bens simbólicos que atuam de forma neutra, deixando as relações sociais intactas. Para o autor, “não podemos compreender o caráter ideológico das formas simbólicas sem realçar as relações de dominação que essas formas podem adquirir, em circunstâncias específicas, para seu estabelecimento e sustentação.” (THOMPSON, 1995, p. 378).

---

feiras a sábados, consolidando-se como o jornal de maior tiragem na região. Em 1996, o Jornal acrescentou a edição de segunda-feira, completando o número de 6 exemplares semanais. Disponível em: <<http://gazeta.via.com.br/institucional/default.php#>>. Acesso em: 14 ago. 2007.

<sup>18</sup> Convém assinalar que os anos de 1980 a 1990 foram os anos mais pesquisados e explorados. Isto deve-se ao fato de já ter realizado um trabalho monográfico intitulado: *A (in)visibilidade do negro em Santa Cruz do Sul (1980-1990)*, que foi defendido no final de 2006 junto ao curso de Especialização em História do Brasil: Novas Perspectivas em Ensino e Pesquisa, pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

Entende-se por poder simbólico, a capacidade de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem. Assim, segundo Pierre Bourdieu, os símbolos são instrumentos de integração social e de comunicação que, por sua vez, tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem e da integração moral.

È enquanto instrumentos de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força. (BOURDIEU, 2001, p. 11).

Desta forma, os meios de comunicação de massa devem ser compreendidos como instrumentos de difusão e legitimação de significados que exercem papel preponderante na sociedade moderna, constituindo-se em alvos centrais de demandas com objetivos diversos de ação e (re)produção das relações de poder. Neste sentido, procuramos seguir nessa pesquisa, algumas orientações metodológicas de análise de discurso, tendo em vista que a narrativa jornalística nos possibilita interpretar o posicionamento dos atores sociais em sua dimensão histórica. Nesse caso, o sujeito não é pensado enquanto detentor do discurso, mas sim atravessado, posicionado e construído a partir de redes discursivas.

Para Michel Pêcheux, os indivíduos são interpelados<sup>19</sup> em sujeitos-falantes pelas formações discursivas que representam na linguagem através de formações ideológicas que lhes são correspondentes. Por essa razão,

---

<sup>19</sup> Conforme Silva (2003, p. 72), o conceito de interpelação foi um termo utilizado por Louis Althusser, em conexão com sua definição do conceito de ideologia. Nesse caso, a ideologia não pode ser separada do ato em que os indivíduos reconhecem-se como sujeitos no exato momento em que são interpelados, ou convocados como tais.

o funcionamento da ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos se realiza através do complexo das formações ideológicas e fornece a cada sujeito sua realidade, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas (PÊCHEUX, 1995, p. 162).

Assim, toma-se o texto jornalístico como significante, ou seja, a materialidade a partir da qual os significados se explicitam. Essa configuração textual permite que se analise a construção da linguagem em sua dimensão histórica, pois todo discurso só pode ser analisado, considerando-se as suas condições de produção em determinados contextos históricos. Daí por que, a análise de discurso tem, na história um campo privilegiado de ação, pois “a análise de discurso pensa o sentido lingüístico como sendo história, produto da história, constitutivo da história” (MAZIÈRE, 2007, p. 100). Diante disso, cumpre-nos assinalar, que o objeto discursivo não é dado. Ele supõe um trabalho do analista em transformar o dado empírico, de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, “a análise de discurso permite compreender como um objeto simbólico produz sentido” (ORLANDI, 2003, p. 66).

Nesta direção, Tania Regina de Luca salienta que, ao utilizar a imprensa como fonte para a pesquisa da história, cabe ao historiador compreender os percursos subjetivos da produção de tal documento e os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes que nada têm de natural. Além disso, a historiadora alerta que historicizar os periódicos, requer ter em conta, a localização das fontes escolhidas numa série, uma vez que estas não se constituem em um objeto único e isolado, isto é, o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história. Por fim, a autora destaca que “o estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica” (DE LUCA, 2006, p. 118).

Essa valorização dos periódicos é fruto do debate historiográfico contemporâneo. Conforme Capelato, a historiografia mais recente, redefiniu o significado do documento para a



história, tendo amenizado e até mesmo excluído as “suspeitas” contra a imprensa enquanto objeto de estudo. Assim, os periódicos passaram a ser aceitos como fonte historiográfica. O documento jornalístico foi admitido como ferramenta para construção e reconstrução do passado a partir das necessidades e perspectivas do presente. Nas palavras da autora

É em função da vida que se interroga os mortos. Compete, pois ao historiador fazer reviver as personagens do passado, procurando entende-las na sua época. Com essa nova postura, a história morta cede lugar a uma história viva que se propõem, como meta, captar as transformações dos homens no tempo. A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como vivera nossos antepassados – não só os “ilustres”, mas também os sujeitos anônimos. (CAPELATO, 1988, p.20).

Para tanto, será necessário pensar o discurso jornalístico, neste capítulo, como representação de poder, levando em conta que os meios de comunicação de massa possuem o privilégio de legitimar, nominar, normatizar, circular idéias, conceitos e referenciais simbólicos. Assim, o Jornal Gazeta do Sul, constitui um espaço privilegiado para percebermos as negociações identitárias, bem como, os lugares ocupados pelo diferentes atores no dinamismo das transformações sociais, culturais e políticas ocorridas em Santa Cruz do Sul no período de 1970 a 2000.

## **2.1 Comunitarismo em Santa Cruz do Sul: Essencialismo e a Invenção da Tradição**

Com a aceleração do processo de globalização posterior à Segunda Guerra Mundial e com a intensificação dos processos migratórios, mas, sobretudo, com a expansão dos meios de comunicação, as fronteiras que estabeleciam pretensas individualidades culturais são

constantemente expostas, desestabilizando as concepções essencializadas de cultura. Desta forma, as identidades culturais modernas caracterizadas pela homogeneização cultural e pelo estado-nação são colocadas em cheque.

Então entram em jogo as chamadas identidades regionais que podem ser entendidas a partir das mesmas estratégias das narrativas do Estado-nação, caracterizando-se pelo funcionamento de um tempo pedagógico, organizador da memória e de valores, inscrevendo nas comunidades, a idéia de pertencimento histórico e genealógico. Neste sentido, o localismo ou o regionalismo comunitário entram em cena, estabelecendo uma contra-narrativa ao processo global, recentralizando o sujeito numa narrativa de pertencimento na esfera local. Nas palavras de Bauman

O Estado-nação foi o único “caso de sucesso” da comunidade nos tempos modernos, ou, melhor, a única entidade que apostou no estatuto de comunidade com algum grau de convicção e efeito. A idéia da etnicidade (e da homogeneidade étnica) como base legítima da unidade e da auto-afirmação ganhou com isso uma fundamentação histórica. O comunitarismo contemporâneo espera capitalizar essa tradição; dada a oscilação atual da soberania do Estado e a necessidade evidente de que alguém carregue a bandeira que parece cair das mãos do estado, a esperança não está de todo perdida. (BAUMAN, 2001, p. 198-199)

Assim, o comunitarismo contemporâneo ao resistir ao fluxo homogeneizante do sistema global, se caracteriza por estabelecer uma forte narrativa de identidade grupal demarcadora de fronteiras culturais. Tal discurso pode ser visto como um campo de disputas de poder no qual grupos, com diferentes posições e interesses se enfrentam. Para Ruben Oliven, este fenômeno é essencialmente político em sua definição e articula-se mobilizando sentimentos coletivos. Neste caso

a evocação da tradição – entendida como um conjunto de orientações valorativas consagradas pelo passado – se manifesta frequentemente

em épocas de processos de mudança social, tais como transição de um tipo para outro de sociedade, crises, perda de poder econômico e/ou político, etc. Nesse momento, além de se estudar o folclore, as tradições são inclusive inventadas. (OLIVEN, 2006, p. 28).

Para tanto, a construção de identidades regionais envolve sempre relações de poder que não conseguem fugir das relações de hierarquização. Assim, a categoria conceitual de comunitarismo permite entender a forma como se articulou/propagou o discurso germânico em Santa Cruz do Sul, a partir da década de 1970, bem como, verificar as implicações desta discursividade frente às relações de alteridade com outros grupos étnicos, em especial com a comunidade afro-descendente.

A par disso, convém assinalar, que é a partir deste período que Santa Cruz do Sul apresenta grandes transformações sociais, políticas e econômicas ocasionadas por um intenso processo de urbanização, acompanhado por um considerável crescimento demográfico, decorrência do grande fluxo de migrantes vindos de municípios vizinhos e do interior do município, motivados pela perspectiva de trabalho no setor fumageiro que se encontrava em plena ascensão econômica.

Neste contexto, verificaram-se algumas estratégias reivindicatórias de proteção da “identidade germânica” em Santa Cruz do Sul, tais como inventar um novo ser alemão, naturalizando uma identidade, com a adoção de mecanismos de defesa (folclore) e agregação de sentimentos comuns, foram alguns dos fatores predominantes na sociedade santa-cruzeira, a partir da década de 1970. Zygmunt Bauman (2003) estabelece que identidades assim construídas, utilizam o conceito de cultura para promover uma política comunitarista, ou seja, as diferenças culturais são usadas na construção de muralhas defensivas, onde a cultura transforma-se em aspecto fundamental de preservação da “nação imaginada”. Para o autor, “comunidades assim construídas viram expedientes que objetivam principalmente a perpetuação da divisão, da separação, e do isolamento” (BAUMAN, 2003, p. 127).

Ruben Oliven (2006, p. 57), ao analisar a expansão da identidade gaúcha bem como a propagação do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho) a nível nacional e mundial, assinala que, a partir da redemocratização do Brasil e com o fim do regime militar, entre o final da década de 1970 e ao longo da década de 1980, novos atores políticos e movimentos culturais, começaram a tomar forma, muitos destes preocupados com questões localistas. Assim, para Oliven, a afirmação e propagação de identidades regionais pelo Brasil, neste período, demonstra a necessidade de se salientar diferenças culturais dentro do país, ou seja, à medida que novos espaços políticos foram conquistados, diferentes atores sociais foram se constituindo e novas identidades foram criadas.

No caso de Santa Cruz do Sul, agrega-se o fato de a cultura alemã ter sido reprimida e impossibilitada de ser manifestada, especialmente após os acontecimentos da Campanha de Nacionalização e da Segunda Guerra Mundial, quando os imigrantes e descendentes foram impedidos de cultivar aspectos culturais da região de origem. Contudo, a década de 1970 marca um divisor de águas para estas relações, pois já em 1972 eram percebidos rumores para a proclamação da identidade germânica no município:

#### A Blumenau do Rio Grande

Duas coisas importantes disse o Secretário Edson Baptista Chaves, do Turismo, quando esteve quarta-feira em Santa Cruz (...). Santa Cruz do Sul, se quiser pensar em turismo, deve partir para a exploração de suas características étnicas. Como município essencialmente de colonização alemã, deve apresentar aos visitantes atrações como a Casa do Chope (muito oportuna a sua construção) pratos típicos alemães, que não são encontrados em nenhum município do Estado, etc. Em suma, o que ele pensa é que Santa Cruz, um dos mais importantes centros de colonização alemã no Estado, possa ser uma espécie de Blumenau do Rio Grande do Sul. Falou o Sr. Edson

Baptista Chaves, Secretário de Turismo, pessoa de mentalidade arejada e que tem conhecimento de causa.<sup>20</sup>

Neste sentido, o ano de 1978 representou um marco significativo desta política de reavivamento e expansão da etnicidade, enquanto lastro das narrativas identitárias da região. Dentre uma série de iniciativas pode-se citar a criação dos Concursos sobre: “*O Hino do Centenário de Emancipação Política*”; “*Imigrante e Descendente Alemão mais Idosos*”; Criação da “*I Semana da Imigração Alemã*” e a construção da “*Avenida dos Imigrantes*”.<sup>21</sup>

Além desses, destaca-se, ainda, “*O Concurso de Monografias*” intitulado “*Santa Cruz do Sul – Aspectos de sua História*”, evento criado em função do centenário de emancipação política. Este concurso foi promovido pelo Jornal Gazeta do Sul e patrocinado pela Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul que concedeu Cr\$ 40.000,00 em prêmios. O evento foi lançado oficialmente em julho de 1978 e finalizado no início do ano de 1979. O regulamento previa a realização de trabalhos inéditos sobre qualquer aspecto e época da história de Santa Cruz do Sul. Os três primeiros colocados foram premiados com uma quantia em dinheiro e com a publicação em livros das respectivas monografias pela APESC (Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul). Segundo o Presidente da Associação: “*através da publicação destas primeiras obras, pretende a entidade lançar um incentivo para que outros escritores do município e da região se animem a escrever*”<sup>22</sup>. Neste sentido é importante destacar o discurso do Padre Arthur Rabuske, presidente da comissão julgadora do concurso:

---

<sup>20</sup> Jornal Gazeta do Sul (27/05/1972, p.3).

<sup>21</sup> As reportagens sobre estas iniciativas encontram-se no Jornal Gazeta do Sul dos dias: (13/04/1978, p.16); (29/04/1978, p. 16); (13/05/1978, p. 9); (10/06/1978, p. 14); (15/06/1978, p. 27); (05/12/1978, p. Capa); (30/12/1978, p. Capa, 06, 07); (07/04/1979, p. 16, 17).

<sup>22</sup> Jornal Gazeta do Sul (07/04/1979, p 16-17).

Rabuske: escrever a história de uma comunidade é perpetuar a sua memória e a sua cultura.

(...) ‘Especial louvor cabe à Prefeitura Municipal e à Gazeta do Sul, que sentiram a tempo e com muita clarividência, que sem este concurso de monografias, algo de importante, ou até essencial estaria faltando à alma do centenário municipal de Santa Cruz do Sul. Estão de parabéns, outrossim, os concorrentes ao concurso, pelo alto nível de seus trabalhos (...) um organismo social, ou uma comunidade inteira que não tenha a sua história própria escrita e divulgada, mostra-se semelhante a um ser humano sem memória, e com isso, quase sem alma, sem personalidade própria e sem pretensões a mostrar-se humano ou humanizante. Isto, por si só, justifica a realização de outros concursos semelhantes a este, porque contribuem para o enriquecimento de toda a comunidade que, ciente do seu passado, melhor pode desempenhar a sua função dentro da história’.<sup>23</sup>

Como se pode notar, neste momento houve toda uma articulação política estruturada pelo Poder Público Municipal e pelos meios de comunicação em torno do “resgate histórico” de Santa Cruz do Sul. Para Weber (1997), é a categoria política quem inspira a crença na etnicidade comum, ou seja, é o estado que tem a capacidade de criar uma “identidade pressuposta” entre seus cidadãos. Nesse sentido, a tarefa dos intelectuais será a de difundir a idéia da “nação imaginada”, da mesma forma que aqueles que exercem o poder no governo estimulam a idéia da nação. Assim, três pontos são fundamentais na teoria weberiana para a caracterização de “grupos étnicos”: “o ‘caráter subjetivo’ do grupo étnico, o poder da comunidade política de suscitar sentimentos de similaridade entre seus membros e o caráter emocional dos vínculos étnicos, assim como sua habilidade em criar um senso de solidariedade entre os membros do grupo”. (Apud GUIBERNAU, 1997, p. 41).

De fato, houve de imediato um reconhecimento público de todas estas iniciativas promovidas pela Prefeitura Municipal. Este artigo sintetiza a importância destas iniciativas:

---

<sup>23</sup> Jornal Gazeta do Sul (07/04/1979, p 16-17).

Cultuar o que é nosso

Já faz tempo que se passaram as Guerras Mundiais (nas quais como todos sabem, tendo a Alemanha como inimiga, o Brasil fez extinguir-se qualquer manifestação alemã e conseqüentemente, obrigadas viram-se a fechar as mais diversas sociedades esportivas e recreativas locais), e se está nas mais cordiais e exemplares relações, mas não é tomada a peito a ressurreição das belas tradições alemãs, com todo fulgor. (...)

Ai os méritos da campanha da Secretaria do Turismo e Comissão dos Festejos do Centenário em promover a Semana da Imigração Alemã em julho e em procurar apoio de todos, jovens e velhos. Não se trata de conservacionismo, simplesmente, mas uma valorização com proveito atual. Que não apenas se reviva as tradições, mas reaviva.<sup>24</sup>

No ano de 1979, quando da abertura oficial da II Semana da Imigração, é importante atentar para os discursos e o caráter ideológico contido neste artigo:

Turismo e Cultura devem andar juntos em Santa Cruz.

Após presidirem a abertura oficial da II Semana da Imigração, sábado, dia 21 de julho, o Secretário Estadual de Cultura, Desporto e Turismo Lauro Pereira Guimarães, e o Vice-cônsul da Alemanha, Ulf-Dieter Klemm, reuniram-se, à tarde, no recinto da Câmara de Vereadores, para uma reunião com as autoridades locais, objetivando a estruturação do turismo local, embasado na cultura e nas tradições germânicas que ainda caracterizam a cidade de Santa Cruz do Sul.

O secretário Lauro P. Guimarães alertou, porém, que o turismo, embora signifique uma alternativa econômica da mais alta expressão, não pode, em decorrência, ser mera atividade lúdica e eventual. “Deve ser uma atividade permanente e natural, para não assumir uma configuração postiça, qual prótese, porque não calharia na realidade local”. (...) o Secretário Municipal de Turismo, Ademir Mueller, iniciou os trabalhos com a exposição do objeto da reunião. Reafirmou que a intenção de sua secretaria é criar um evento de conotação germânica, ao ensejo da Semana da Imigração, que faça ressaltar os olhos do Rio Grande e do Brasil as tradições, a cultura e o trabalho do povo de Santa Cruz do Sul. “Lamentavelmente – lembrou Ademir – a

---

<sup>24</sup> Jornal Gazeta do Sul (20/05/1978, p. 03).

II Guerra Mundial representou verdadeira catástrofe, não só para a economia, mas também para o setor cultural, afetando profundamente os costumes da região. Em termos locais, a maior catástrofe está configurada na hibernação do folclore e das tradições desenvolvidas em Santa Cruz até então”.<sup>25</sup>

O início dos anos 80 configurou um cenário marcado pela intensificação destas políticas, como a criação do grupo de danças folclóricas, fundado em 1980 pela Prefeitura Municipal e vinculada a Secretária Municipal de Turismo. O motivo da iniciativa, segundo o Prefeito Arno Frantz seria “*reavivar o folclore alemão*”<sup>26</sup>. O coordenador de folclore, Nelson Bender relata que o fato de ainda não existir um grupo organizado, seria “*a falta de iniciativa ou o receio que muitos ainda possam sentir de participar deste tipo de apresentações*”<sup>27</sup>.

Nota-se pelo discurso do coordenador de danças folclóricas que, até então a sociedade santa-cruzense teria receio de participar deste tipo de manifestação, pois até este momento, ainda eram muito presentes, junto ao imaginário local, as lembranças recorrentes da Campanha de Nacionalização e da II Guerra Mundial, bem como de toda a problemática envolvida no holocausto. Contudo, constatou-se uma repercussão bastante imediata e positiva junto à sociedade santa-cruzense:

#### Semeando folclore

Numa época em que os idealismos são raros, defender o folclore poderia se tornar até algo vazio. No entanto, é só verificar como as pessoas ficam cheias de emoção quando apreciam, por exemplo, a apresentação de um grupo de danças folclóricas bem organizado como o Polka. (...) Em verdade é preciso ir mais ao encontro destas manifestações, quando a percepção de seu valor é natural. É preciso chamar atenção para valores folclóricos (e por isso mesmo, também

---

<sup>25</sup> Jornal Gazeta do Sul (25/07/1979, p. 21).

<sup>26</sup> Jornal Gazeta do Sul (25/03/1980, p. 03).

<sup>27</sup> Jornal Gazeta do Sul (29/04/1980, p. 03).



culturais) muito nossos, a fim de que não desapareçam mas cresçam e apareçam. E isto parece que já está conseguindo fazer a Secretaria de Turismo. Num trabalho às vezes não devidamente valorizado por todos os setores. (...) Questão de importância julgo ser a de se prevenir contra a influência massificante que exerce especialmente a televisão, facilmente levando as pessoas e comunidades a perderem valores e tradições com as quais sempre se sentiram bem. E assim um contínuo investimento nesta área só há de ser compensador para que, antes de tudo, se tenha uma vida e um povo autênticos. E parece-me que as portas estão bastante abertas para este trabalho, uma vez superado um certo medo, que ainda existia segundo Bender, lembrando o temor que lhe foi expressado há anos atrás para a apresentação oficial de um grupo folclórico que ele então já dirigia: “Tu não podes fazer isso, pois cheira muito a alemão”. (...) O assunto é amplo, mas é fundamental acentuar que precisa haver consciência geral de que isso não pode ficar para trás sob pena de um progresso descaracterizado.<sup>28</sup>

Em seguimento a esta política de “invenção das tradições”, no ano de 1984 é criada a principal festa de Santa Cruz do Sul, a Oktoberfest<sup>29</sup> que veio substituir a então Festa Nacional do Fumo (FENAF)<sup>30</sup>, que teve 3 edições nas décadas de 1960 e 1970<sup>31</sup>. Dentre as principais características da Oktoberfest estão, de um lado, a identidade étnica teuto-descendente (re)construída a partir da colonização alemã no Vale do Rio Pardo e, por outro, a questão econômica, vinculada a atividade turística, conforme demonstra este artigo:

A oktoberfest identifica o povo às suas origens germânicas

(...) A Oktoberfest além de um marco inicial de Turismo também lança nosso município para orgulho nosso, como o terceiro município em arrecadação federal e o sexto em arrecadação estadual. (...) Então a

---

<sup>28</sup> Jornal Gazeta do Sul (28/11/1981, p. 04).

<sup>29</sup> É importante notar que na mesma direção política é criada, em 1984, a Oktoberfest de Blumenau. Ver: (FLORES e WOLFF, 1994).

<sup>30</sup> Sobre a FENAF ver: (TEICHMANN, 2002).

<sup>31</sup> É importante atentarmos para o fato de que a substituição de uma festa por outra, não se fez de forma pacífica, isto é, as relações de poder e os interesses de empresários e políticos do município se chocaram havendo um intenso debate acerca de tal situação, conforme demonstram os artigos do Jornal Gazeta do Sul dos dias: (26/09/1985, p.2); (16/11/1985, Capa, p. 2 e no Caderno FIM DE SEMANA, p. 4).

Oktoberfest serve para levar o nome de nossa cidade, identificando-se como uma terra colonizada por imigrantes alemães e apresentando um povo ordeiro e trabalhador, mas que também sabe se divertir e bem acolher os que nos visitam (...)<sup>32</sup>

Com o sucesso inicial<sup>33</sup>, a festa passou a ser reeditada anualmente, ampliando gradualmente sua capacidade de infra-estrutura<sup>34</sup>. A Oktoberfest é apresentada pela mídia como um retorno às tradições legadas pelos antepassados. Elementos como o trabalho, a bravura, a coragem, a higiene e o espírito empreendedor e associativo, são alguns dos adjetivos ressaltados e reverenciados na festividade.

A cada ano, a festa tem reafirmado identidades e reforçado laços simbólicos, partindo de mitos, costumes, crenças, modos de ser e fazer. Nesse caso, a Oktoberfest tem uma função política evidente numa cidade caracterizada pela diversidade étnica. O rito reforça o laço da comunidade, tanto na efervescência dos meses de preparação, bem como no período da festividade, em outubro, mês em que o município se representa sob um aspecto consensual. Portanto, a Oktoberfest pode ser entendida como um ritual que objetiva reunir o presente ao

---

<sup>32</sup> Jornal Gazeta do Sul (27 e 28/09/1985, p. 11)

<sup>33</sup> Foi de grande êxito a avaliação de encerramento da 1º Oktoberfest feita pelos organizadores do evento. Nos 10 dias de festividade mais de 140 mil pessoas passaram pelo parque da Oktoberfest. (JGS, 09/10/1984, Capa e p. 3 a 6)

<sup>34</sup> Atualmente a Oktoberfest de Santa Cruz do Sul é reconhecida como a maior festa alemã do Rio Grande do Sul. No ano de 2007 foi realizada a 23º edição que reuniu um público superior a 440 mil pessoas em 11 dias de programação, com um consumo de cerca de 230 mil litros de chope e 188 toneladas de alimentos. No encerramento da 23º edição foi divulgado o tema da próxima edição: tradições germânicas. A 24ª Oktoberfest será realizada de 9 a 19 de outubro de 2008. (Jornal Gazeta do Sul, 15/10/2007, Capa). A festividade conta com apresentações de danças folclóricas, bailes com bandinhas típicas, desfile de carros alegóricos, jogos germânicos, Escola da Culinária Alemã e a gastronomia típica. Além disso, a Oktoberfest tornou-se Patrimônio Cultural do Estado, através do Projeto de Lei, do deputado estadual Edson Brum (PMDB). A iniciativa foi aprovada por unanimidade pela Assembléia Legislativa no dia 28 de novembro de 2006. Disponível em: <<http://oktoberfestsantacruz.com/oktobernoticias/>>. Acesso em: 03 set, 2007.

passado de Santa Cruz do Sul, o indivíduo à comunidade, constituindo um espaço de rememoração para recordar anualmente o que não deve ser esquecido.<sup>35</sup>

Assim, esta rede de símbolos e significados que são (re)criados e atribuídos ao grupo étnico teuto-descendente neste espaço festivo, são os mesmos elementos, que por sua vez, caracterizam e legitimam as relações de pertencimento junto à narrativa identitária germânica. Também, são estes os sinais diacríticos que os diferencia nas relações interétnicas e que articulados desta forma, contrastam com os outros grupos étnicos, que fizeram e fazem parte da história local.

Tomaz Tadeu da Silva (2000, p 81), aponta que estas relações envolvem uma série de recursos simbólicos e materiais, onde a afirmação da identidade e a enunciação da diferença, traduzem o desejo de diferentes atores garantirem o acesso privilegiado aos bens sociais. Assim, identidade e diferença estão em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de demarcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. Nesta direção, outro marco significativo visando o resgate cultural e folclórico, foi a criação do Centro Cultural 25 de Julho, no ano de 1986, conforme aponta a reportagem de um jantar festivo da recém criada entidade:

“Temos compromisso com o aspecto cultural”

“Um comprometimento cada vez maior com o aspecto cultural”, no entendimento do presidente do Centro Cultural 25 de Julho. Eliceu Scherer, essa deve ser a prioridade de todos os associados. A observação foi feita sexta-feira à noite, quando aconteceu a posse da nova diretoria, (...). Oportunizando um momento significativo, o Dia Internacional do Folclore, sexta-feira marcou a posse da primeira diretoria. (...)

---

<sup>35</sup> Sobre a festa como um ritual contemporâneo, ver: (SEGALEN, 2002).

### Tradições revividas

Com a instalação de restaurantes típicos em Santa Cruz e o anúncio de vinda de uma choperia (Casa de Chope), além da Bierhaus já existente Eliceu Scherer acredita que está despertando, aos poucos, um clima de valorização e vivência maior da tradição germânica. “Aliás, é este o grande objetivo do 25 de julho que em meio a este clima de maior intensidade tem sua efetiva participação”, salientou. (...).<sup>36</sup>

Constatou-se que tal iniciativa foi muito bem acolhida, repercutindo positivamente junto a setores da sociedade santa-cruzense. Diante disso, cita-se um artigo sobre o desfile de candidatas a Rainha do Clube 25 de Julho, que estava para comemorar o seu primeiro ano em atividade e que materializa este tipo de pensamento local:

### Olhos azuis e cabelos loiros

Apesar dos arrombamentos e furtos e roubos que grassam na cidade, Santa Cruz do Sul foi um palco festivo na última sexta-feira, esquecendo um pouco dos azares e problemas que atormentam a quase todos os dias. (...) Iniciativa admirável de um grupo de conterrâneos que carregam nas veias o sangue teuto-brasileiro, a entidade galga progressivamente a sua plena afirmação, como agente número um da cultura germânica em nosso meio. Faltando ainda alguns meses para festejar o seu primeiro aniversário, o 25 de Julho já tem ares de maioridade, mostrando isso de sobejo toda vez que inventa alguma coisa para reunir a saudade alegre de velhas cabeças grisalhas, o vigor animado de sorridentes quarentões incontidos e o sorriso extravasado de jovens rostos sonhadores. Misturam-se, cordial e descontraidamente, os olhos azuis e os cabelos alvos (loiros ou grisalhos, não importa) de pelo menos três gerações, que se confundem na mesma dança, no mesmo traje, no mesmo sorriso, na mesma cerveja (tão loira quanto eles todos) e no mesmo sentimento.

Fraternos desse jeito, o convívio abraça também com igual emoção as escassas presenças não-germânicas, embaladas pelos mesmos ritmos da animação geral e sentindo o mesmo ânimo de ser soerguida uma cultura que cairia inexoravelmente no caminho da extinção se

---

<sup>36</sup> Jornal Gazeta do Sul (26/09/1986, p. 12).

caminhos novos não fossem trilhados para leva-la ao seu lugar definitivo na “nostória”.

Os colírios da nova geração teuto-santa-cruzense, desfilando perante um júri atento e um público vibrante, foram na verdade dez pérolas do mais refinado cultivo, qualquer uma das quais poderia ter sido eleita rainha. A coroa era uma só, as faixas apenas três, mas as flores e aplausos eram iguais para todas elas, e havia contentamento no coração de cada figurante desse grande palco florido e iluminado.

O mais importante de tudo até nem foi a alegria circunstancial de uma festa bonita, mas sim a absoluta certeza de mais um passo forte e decidido para a consolidação de uma idéia que quer, acima de tudo, resgatar e perpetuar esta trajetória sócio-cultural de um povo que, embora fundido a outros povos, mantém a característica dos olhos predominantemente azuis e os cabelos preferencialmente loiros mas que poderiam ser castanhos, morenos ou negros, sem alterar em nada a cor da emoção, o matiz de corações grandes e a envergadura das mãos estendidas para o abraço pleno. Sem xenofobia, nossa pequena Alemanha aldeã sorri para o resto do mundo, escrevendo paz nos corações e felicidade nos olhos de todas as raças. Mas quer e precisa resgatar a sua história.<sup>37</sup>

Segundo Foucault (1996, p. 08-09), em toda sociedade a produção do discurso é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos, que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Nessa perspectiva, nota-se no artigo, “Olhos azuis cabelos loiros”, que o autor apresenta o texto em duas partes distintas. Na introdução, o artigo traz à tona alguns problemas sociais pelos quais passa a cidade de Santa Cruz do Sul. Posteriormente, exalta, com grande louvor, as iniciativas proporcionadas pelo Centro Cultural 25 de Julho e advoga para que estas continuem sendo proporcionadas. Contudo, cabe perguntar: Será que os referidos episódios apontados pelo autor, “arrombamentos, furtos e roubos”, podem estar sendo ocasionados por pessoas de “olhos azuis e cabelos loiros”?

---

<sup>37</sup> Jornal Gazeta do Sul (31/03/1987, p. 02).

Se tomarmos como referência a busca da “pureza” moderna apontada por Bauman (1998, p. 26), verifica-se que o discurso comunitarista contemporâneo se materializa na etnicidade, que ao contrário de qualquer outro fundamento da unidade humana, tem a vantagem de naturalizar a história, de apresentar o cultural como um fato da natureza. Nestes casos, segundo o autor, a “impureza” está no centro da ação punitiva e conserva-se em “região fronteira é o produto-refugo, não mais do que uma mutação desqualificada do produto”. Sendo assim, nota-se que tal discursividade se expressa como ação punitiva contra as classes perigosas, como rejeição dos outros, dos estranhos, “que nada mais são do que os moradores de ruas pobres e das áreas urbanas proibidas, os ‘vagabundos’ e ‘indolentes’”.

Como se nota, o Jornal Gazeta do Sul assume um papel central de problematização e legitimação da forma como se caracteriza a narrativa identitária regional comunitarista que se propõem fixar uma identidade monolítica. Em consequência disso, surgem implicações distintas junto as relações de alteridade, com outros grupos étnicos. Neste caminho, além desses fatores, de folclorização identitária que se estruturam no comunitarismo e que começam a florescer junto à sociedade local, no final da década de 70, outras estratégias discursivas e simbólicas passam a ser predominantes. A partir disso, analisar-se-á, no próximo tópico, de que forma este periódico representou e caracterizou os espaços sociais e simbólicos estabelecidos para a comunidade afro-descendente na região.

## **2.2 Representação Social na Imprensa: Os Afro-Descendentes**

Conforme já referido Santa Cruz do Sul a partir da década 1970, mas em especial durante a década de 1980, apresenta um intenso processo de urbanização, acompanhado por um considerável aumento populacional, decorrência do grande fluxo de migrantes vindos de municípios vizinhos e do interior do município, motivados pela perspectiva de trabalho no setor fumageiro que se encontrava em plena ascensão econômica. Segundo Rogério Silveira, dentre os reflexos econômicos e espaciais da atividade agrofumageira na cidade, destaca-se a inter-relação do mercado de trabalho safrista e a periferia urbana em Santa Cruz do Sul.

Esse progressivo aumento na demanda de trabalhadores para atuar no beneficiamento do fumo acabou incrementando os já existentes fluxos de migrantes, para Santa Cruz do Sul. Originários principalmente daqueles municípios vizinhos como Rio Pardo, Vera Cruz, Candelária e Sobradinho, (...) Além desses fluxos intermunicipais, há também uma intensificação da vinda para a cidade, de famílias de pequenos agricultores oriundos da zona rural de Santa Cruz do Sul. O destino da maior parte dessas famílias, se não de sua totalidade, acabou sendo as vilas e bairros populares da periferia da cidade. Além do crescimento destes últimos, como Camboim e Bom Jesus, tivemos também o surgimento de inúmeras novas vilas na cidade. É o caso, por exemplo, das Vilas Boa Esperança, Margarida, Aurora, Nova Esperança, Torrano e Santo Antônio. (SILVEIRA, 2000, p. 29)

Esta mudança no processo urbano-industrial de Santa Cruz do Sul gerou a emergência dos pobres, dos populares, dos subalternos, estes, por sua vez, precisavam ser enquadrados dentro de uma ordem supostamente mais ordenada, bela, higiênica e moral. Neste contexto, a questão social foi enunciada enquanto problema e suscitou discursos que descreveram, analisaram e promoveram estratégias intervencionistas. (PESAVENTO, 1994, p. 08).

A preocupação da sociedade local com este intenso processo de migrações evidenciou-se de diversas formas, conforme apontam as manchetes: “*Migrantes representam 70% dos que procuram emprego no Sine*”<sup>38</sup>; “*Santa Cruz quase dobra sua população urbana em 10 anos*”<sup>39</sup> e o artigo:

#### Os marginais

O problema da marginalização e das crianças desamparadas ameaça assumir proporções insustentáveis em Santa Cruz, se continuar crescendo assustadoramente o número de famílias sem recursos que se instalam nas áreas periféricas da cidade, grande parte delas vindo do interior e de outros municípios, numa migração perigosa e muitas vezes até incentivada pelos administradores das localidades de origem dessas famílias.

Os órgãos e entidades assistenciais de Santa Cruz, embora tenham ampliado consideravelmente a sua capacidade de atendimento, estão sem condições de absorver a verdadeira avalanche de marginais que aqui chegam, sonhando com grandes oportunidades, atraídos pela fama da cidade industrial de pleno emprego.

Se cada comunidade tratasse de resolver os seus próprios problemas, ao invés de transferi-los para os outros, sem dúvida as soluções seriam facilmente encontradas. Isto, infelizmente, nem sempre ocorre. Consta que existem Prefeituras que até pagam passagens para que seus mendigos e marginais se transfiram para outras cidades, na vã esperança de encontrarem as condições de vida com que tanto sonham, mas todos sabemos que estão sendo despejados numa vala comum de miséria, fome, ociosidade e doença, uma efficientíssima escola de delinqüência para crianças, adolescentes e até adultos.<sup>40</sup>

Diante desse quadro, a periferia urbana santa-cruzense se caracterizou como reduto marcado como o habitat natural da comunidade afro-descendente que, apesar de corresponder a

---

<sup>38</sup> Jornal Gazeta do Sul (07/02/1981, p. 04)

<sup>39</sup> Jornal Gazeta do Sul (21/06/1980, Capa).

<sup>40</sup> Jornal Gazeta do Sul (23/01/1979, p. 03).



um percentual significativo da população, tem na exclusão territorial um dos seus principais problemas. Conforme aponta Silvio Correa:

Apesar do percentual significativo de afro-brasileiros em SCS, a sua visibilidade não corresponde àquela social, pois esta população é socialmente quase invisível. A exclusão social dos afro-brasileiros tem na sua circunscrição territorial um dos principais fatores. Assim, a correspondência da marginalização social com a geográfica concorre para a invisibilidade social dos afro-brasileiros. (...) Em termos de ocupação territorial, percebe-se que a maioria da população afro-brasileira mora na periferia da cidade. Apenas 7,4% dos entrevistados afro-brasileiros têm o centro urbano como bairro residencial. (CORREA, 2001, p. 69).

Assim, a comunidade afro-descendente, leva sua vida suburbana, marcada por uma dinâmica semi-autônoma. Vistos como pobres e estrangeiros em relação à maioria étnica da população, a comunidade afro-descendente sofre o estigma da marginalização. Desse modo, ao apresentar estes como etnias perigosas, tal discurso torna-os estranhos socialmente e os constitui simbolicamente como figuras estrangeiras. Esta assertiva pode ser caracterizada pela fotografia e a reportagem correspondente:

A população cresce a miséria mais ainda

O bairro Bom Jesus, que já é o mais populoso da cidade possui em torno de quinze mil habitantes. Incha assustadoramente, pois a cada dia recebe novas levas de imigrantes do interior. Se a população aumenta, a pobreza mais ainda. A miséria e a fome andam paradas com a marginalidade e desesperança. O hoje já não existe e o que será do amanhã? O matadouro velho (foto à cima) abriga em torno de 30 famílias e perto de 200 pessoas amontoadas em vida promíscua. As doenças abundam: é a sarna, são os vermes, são os piolhos. Quase todo Camboim encontra emprego apenas na época da safra, de dezembro a julho. Depois é o círculo vicioso da miséria desfilando suas mazelas. As crianças perambulam pela rua, descalça e sem higiene, algumas têm fome (...). A pobreza gera a criminalidade e a prostituição. E a própria zona do meretrício, do outro lado do asfalto, gera mais promiscuidade. É o delírio da miséria! As famílias moram amontoadas, dormem juntos e criam os filhos sem higiene e sem

esperança. A cada dia vêm novos habitantes para o bairro, tangidos pelo êxodo rural e sonho de vida fácil. Não encontram trabalho e ficam pelas periferias, armando o barraco em terreno da Prefeitura e vivendo de qualquer jeito. A população cresce e a miséria mais ainda. (...) Todas as raças se encontram no matadouro. Há negros, mulatos e brancos. Ao menos problema de racismo não haverá (...).<sup>41</sup>

Imagem 1 **A população cresce a miséria mais ainda.**



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul (27/01/1979, Capa).**

Percebe-se que a imagem e a reportagem utilizadas pelo periódico legitimam um imaginário acerca de grupos considerados “forasteiros”, já que os indivíduos e os diversos grupos dão sentido ao mundo por meio de representações que constroem sobre a realidade. Roger Chartier aponta que as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam através de discursividades que nunca são neutras. Para o autor os discursos:

---

<sup>41</sup> Jornal Gazeta do Sul (27/01/1979, Capa, p. 08-09).

Produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de ocorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõem, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Por iguais razões, Bourdieu (2001) afirma que as representações dependem do conhecimento e do reconhecimento, pois a definição de uma identidade é, sobretudo, uma luta de classificações que, por sua vez, remetem aos sistemas simbólicos particulares de cada grupo. Desta forma, podemos inferir que as representações carregam sentidos ocultos e subjetivos, que construídos social e historicamente, se naturalizam e configuram um imaginário caracterizado, na maioria das vezes, pelo estereótipo, conforme demonstra esta reportagem:

Bom Jesus: Um bairro sem polícia, entregue aos malandros.

O populoso bairro Bom Jesus, na saída para Vera Cruz, apresenta inúmeros problemas, que vão desde a falta de uma infra-estrutura adequada em termos de água e esgoto até a inexistência de policiamento, o que gera intranquilidade entre os moradores, pois, dizem eles, “moça e mulher não podem sair de casa quando escurece”, pois estão sujeitadas a serem assaltadas ou, quando menos, ouvirem uma série de piadinhas dos desocupados e maus elementos que por ali proliferam, vivendo do jogo, da exploração de mulheres e, até mesmo, do roubo.

<sup>42</sup>

Nesse caso, o Jornal Gazeta do Sul, imprime sua marca no processo de construção de um imaginário social através de imagens e discursos, que pretendem dar uma definição da realidade. Contudo, imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real. Para Pesavento (1994) as imagens presentificam uma determinada faceta do real, isto é, “as imagens precisam ter a

---

<sup>42</sup> Jornal Gazeta do Sul (02/02/1980, p. 08)

‘aparência’ da verdade, precisam convencer que aquele é o real. Desta forma, é na sua aceitação e capacidade mobilizadora que se mede a eficácia das representações, sejam elas imagens ou discursos” (PESAVENTO, 1994, p. 09).

Com isso, os elementos de identidade inferidos a partir deste periódico exprimem uma imagem negativa da comunidade afro-descendente. As representações construídas sobre este grupo revelam a predominância de estratégias de normatização, de discursos eficazes, com significados que legitimam um imaginário deturpado. Neste sentido, destaca-se a foto e a reportagem que tem como manchete o “*Desemprego*”<sup>43</sup>:

Temos diariamente pelas ruas da cidade um problema que no futuro pode ocasionar lamentáveis dramas, o desemprego. Por Santa Cruz apresentar várias indústrias, um curso de nível superior e um comércio considerável, centenas de pessoas semanalmente migram das mais diversas cidades e do interior do município em busca de uma melhor posição social, remuneração, lazer e também de um nível cultural mais liberal, através de nossas Faculdades Integradas. (...) No SINE, uma média diária de 75 pessoas são encaminhadas a emprego, na qual 70 por cento não possuem experiência em qualquer atividade e os 30 por cento restantes são estudantes e profissionais experientes. Totalizando em média mensal de 1.500 pessoas e anual de 20.000, em que apenas 30 por cento conseguem trabalho; os demais retornam para suas origens ou ficam nos aglomerados da cidade.

Estes desempregados de baixo nível cultural e situação financeira precária, circunstanciados pelo exorbitante custo de vida, são os que passam ou passarão pelos arquivos policiais por busca nem meios negligentes de sobrevivência. É um problema que nossos policiais devem ter como um principal caminho para evitarem de pessoas vagarem a altas horas da noite pela cidade, pessoas desempregadas ou mesmo duvidosas socialmente.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> Jornal Gazeta do Sul (29/08/1981, p. 09).

<sup>44</sup> Jornal Gazeta do Sul (06/04/1982, p. 02)

Imagem 2 **Desemprego.**



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul (29/08/1981, p. 09).**

Como se nota, a imagem e a reportagem colaboram no processo de reconhecimento de um grupo excluído socialmente, mesmo que, no corpo discursivo da matéria, não se tenha nenhuma conotação de cunho étnico ou racista. A imagem e a reportagem por si só carregam uma série de significados que estabelecem a produção da identidade do outro. Pesavento (1994) define que as imagens, enquanto representação reportam-se a valores subjacentes e práticas sociais não explícitas. Neste caso, a definição de papéis para posições polares e antagônicas é um bom exemplo. Segundo a autora “os negros são associados à vagabundagem e ao ócio e, conseqüentemente, propensos à contravenção, e os descendentes de imigrantes têm a sua imagem associada ao trabalho redentor, ao progresso e à honra” (PESAVENTO, 1994, p 09).

Destaca-se também uma imagem que tem como manchete: “Êxodo<sup>45</sup> aumenta e sindicatos não conseguem provar que vida no interior é melhor do que na cidade”<sup>46</sup>.

Imagem 3 **Êxodo aumenta e sindicatos não conseguem provar que vida no interior é melhor do que na cidade.**



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul (19/02/1981, p.06).**

O início da década de 1990 configurou um cenário político marcado pela radicalização da política contra migrações estabelecida pelo Poder Público Municipal, conforme demonstram as manchetes:

“Santa Cruz reage contra a migração de desempregados. Prefeitura pretende reconduzir invasores a localidades de origem”; “Prefeito determina remoção dos invasores da subestação da CEEE”<sup>47</sup>; “Hermany garante que a remoção de invasores está amparada por lei:

---

<sup>45</sup> Outras reportagens com fotos e noticiários sobre êxodo e migrações podem ser conferidas no Jornal Gazeta do Sul: (25/01/1979, p. 16); (19/02/1980, p. 02); (04/07/1981, p. 02); (11/02/1982, Capa); (21/08/1982, Capa); (26/07/1983, p. 02).

<sup>46</sup> Jornal Gazeta do Sul (19/02/1981, p.06).

<sup>47</sup> Jornal Gazeta do Sul (13/02/1993, Capa e p. 06).

Meta é evitar a proliferação de favelas e aumento do desemprego”<sup>48</sup>;  
“Polícia instaura inquérito para apurar a expulsão de migrantes:  
Ordem é do governador Collares que classifica prática de odiosa”<sup>49</sup>;  
“Maioria dos moradores das vilas de S. Cruz é de outras cidades”<sup>50</sup>.

Zigmunt Bauman define que o discurso comunitarista só se sedimenta depois do estabelecimento claro de fronteiras culturais, isto é, a proximidade de estranhos “dispara os instintos étnicos dos nativos, e as estratégias que se seguem a esses instintos têm por objetivo a separação e isolamento desses ‘alienígenas’” (BAUMAN, 2003, p. 94). Assim, a defesa do lugar passa a ser uma tarefa que toca a cada indivíduo como condição necessária para um ambiente seguro sem intrusos, nesse caso, comunidade significa isolamento, separação, “ausência do outro, especialmente um outro que teima em ser diferente, e precisamente por isso capaz de causar surpresas desagradáveis e prejuízos”. (BAUMAN, 2003, p. 104).

Nesta direção, Norbert Elias (2000, p. 31) destaca que, costumeiramente, os grupos estabelecidos vêem sua superioridade como um sinal de valor humano mais elevado, pois dispõem de uma grande margem de poder, e assim tendem a identificar seus grupos *outsiders*, não apenas como desordeiros que desrespeitam as leis e as normas, mas também como não sendo particularmente limpos, ou seja, os grupos *outsiders* são comumente tidos como indolentes, sujos e quase inumanos. Diante desse quadro, a limpeza da cidade<sup>51</sup> também passa a ser um dos

---

<sup>48</sup> Jornal Gazeta do Sul (16/02/1993, p.03).

<sup>49</sup> Jornal Gazeta do Sul (02/03/1993, p.03).

<sup>50</sup> Jornal Gazeta do Sul (01/11/1994, Capa e p. 03).

<sup>51</sup> Na manhã de domingo, do dia 06 de fevereiro do ano de 2005, passados os desfiles das escolas de samba de Santa Cruz, na noite de sábado. O prefeito municipal acompanhado da primeira-dama e por alguns secretários e funcionários públicos se dirigiram ao local do evento para limparem a sujeira deixada pelos foliões. Segundo a reportagem, “a inusitada iniciativa teve início após ligações – algumas para o próprio prefeito – reclamando do estado em que tinha ficado a passarela do samba depois das apresentações”. Segundo discurso do prefeito, “eu não podia deixar a cidade suja, uma vez que Santa Cruz tem fama por sua limpeza (...) mas foi uma experiência boa e o povo nos aplaudiu na rua”. Jornal Gazeta do Sul: (07/02/2005, p. 02). Outras reportagens com objetivo de denunciarem a sujeira da cidade encontram-se no Jornal Gazeta do Sul: (23/04/1981, p. 02); (16/04/1985, p. 02).

discursos recorrentes de manifestação e pedidos de apoio, junto aos meios de comunicação de massa, bem como ao Poder Público Municipal:

#### A limpeza da cidade

(...) Diante da proximidade da Oktoberfest – mas não apenas por tal relevante razão – salta aos olhos a necessidade de uma cura mais atenciosa para com a questão da limpeza e da beleza da cidade que habitamos com tanto orgulho e devotamento. Se olharmos para os lados e para o chão, fica-nos a certeza de que Santa Cruz não é mais aquela que no passado se cantava em prosa e verso como a cidade mais limpa do Estado. O meu interessado interlocutor, depois de citar o grave problema da periferia de cidades como a nossa, em que populações carentes e marginalizadas sobrevivem na dificuldade e contribuem para dificultar o asseio público, propõe o desencadeamento de uma campanha, partida do poder público e agregada ao esforço da população, para que se implante em nosso meio uma mudança de hábito dos moradores. A mídia impressa e sonora, veiculada pelos meios de comunicação social, seria usada com sua grande penetração para incutir novos comportamentos na população, especialmente na juventude. Seria um recurso pequeno e muito bem aplicado, uma verdadeira verba de esforço para a educação muito semelhante ao que a Câmara de Vereadores fez com o grave tema da segurança pública. É de pensar.<sup>52</sup>

Não se pode perder de vista, conforme afirma Bauman (1998), que a intervenção humana não suja a cidade e a torna imunda, isto é, não são as características intrínsecas das coisas que se transformam em “sujas” e “limpas”, mas tão somente sua localização idealizada pelos que procuram a ordem, pois a própria distinção entre “limpeza” e “sujeira”, cria a possibilidade de uma determinada parte do município ser “limpa” ou “suja”. Este imaginário pode ser caracterizado segundo o autor como o “sonho de pureza” de determinados grupos. Diante disso, apresenta-se uma imagem que tem como título: “*Nasce a COPAME*”<sup>53</sup>, *para proteger e zelar pelos menores abandonados*”<sup>54</sup>.

---

<sup>52</sup> Jornal Gazeta do Sul (11/09/1986, p. 02).

<sup>53</sup> COPAME: (Associação comunitária benemerente de amparo a menores necessitados).

<sup>54</sup> Jornal Gazeta do Sul (01/11/1984, p. 05).



Imagem 4 Nasce a COPAME, para proteger e zelar pelos menores abandonados.



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul** (01/11/1984, p. 05).

Nota-se categoricamente segundo a imagem, quem são e que grupos representam a “sujeira” capaz de minar os padrões idealizados para a apropriada organização cidadina, em outras palavras, é uma outra pessoa ou, mais especificamente, uma certa categoria de outras pessoas, que se tornam e fazem “sujeira” e são tratadas como tais.

Vale lembrar que é neste contexto, no ano de 1990, que o santa-cruzeiro Irton Marx vai publicar o livro: *Vai nascer um novo país: República do Pampa Gaúcho – União dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul*, o que fez com que Santa Cruz do Sul passa-se a ser reconhecida como capital separatista. Conforme Ruben Oliven (2006), “o programa desse novo país é extremamente detalhista, obsessivamente preocupado com a limpeza, supõe que a realidade possa ser mudada a partir de leis ou da boa vontade”. Além disso, “o livro tem conotações racistas em relação ao negro que deveria parar de ‘cultuar sistemas e folclores um tanto primitivos’ e ‘aprender a ser mais caprichoso e não jogar o seu salário fora’”. Marx

destaca, ainda, que o estado deveria promover a “imigração de pessoas de regiões nórdicas, germânicas, japonesas, italianas, polonesas ou eslavas, ‘pois já provaram a sua capacidade em nosso país’”<sup>55</sup> (OLIVEN, 2006, p. 87-88).

Nessa perspectiva, Thomas Tadeu da Silva salienta que deter o privilégio de atribuir e classificar significa estabelecer diferentes valores aos grupos classificados, ou seja, dividir e classificar, significa também hierarquizar. Para o autor, são muitas as marcas que estabelecem relações de poder: “incluir/excluir” (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”). (SILVA, 2000, p. 80-81). Como exemplo, apresenta-se uma imagem que tem como manchete: “*Os deficientes clamam por seus direitos*”<sup>56</sup>.

---

<sup>55</sup> Em 1993 Irton Marx anunciou que iria proclamar a República Federal do Pampa Gaúcho, compreendendo os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Depois do fracasso da primeira tentativa, em outubro de 1995, uma outra tentativa foi estabelecida. Em 1996, Marx disputou uma vaga na Câmara Municipal de Santa Cruz do Sul pelo Partido Social Cristão mas não conseguiu se eleger. Em 1998, Marx tentou se eleger deputado estadual obtendo 8.086. Em 2000, Marx tentou novamente se eleger vereador, conseguindo 1386 votos, quantidade que foi insuficiente. Atualmente Irton Marx ocupa uma cadeira na Câmara Municipal de Vereadores de Santa Cruz do Sul tendo feito na última eleição municipal, em 2004, 2.630 votos pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), sendo o candidato mais votado do município. (OLIVEN, 2006, p. 87-90).

<sup>56</sup> Jornal Gazeta do Sul (17/01/1981, p. 10-11)

Imagem 5 Os deficientes clamam por seus direitos.



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul** (17/01/1981, p. 10-11).

Segundo Homi Bhabha o estereótipo se estrutura na contemporaneidade como a principal estratégia discursiva, sendo uma forma de conhecimento e identificação que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido. Neste caso, é importante perceber, conforme o autor, que a construção da alteridade, dentro deste contexto, depende do conceito de “fixidez”, enquanto signo da “diferença cultural/histórica/racial”, que assim estabelece uma marca capaz de legitimar e reforçar os mecanismos de controle do imaginário social, ou seja, a apresentação da imagem da mãe e seus filhos conota também “desordem, degeneração e repetição demoníaca” (BHABHA, 1998, p.105).

Nessa perspectiva, Foucault (2001) aponta que o discurso disciplinar põe em relação uma diversidade de tipos anormais, desde os loucos, os primitivos, os incapazes, os criminosos e os considerados racialmente inferiores. Assim, destaca-se uma reportagem relacionada ao dia das mães e que reforça o estigma e a imagem negativa da comunidade afro-descendente:

Maria é mãe de 15 filhos

Maria Perciliana da Silva tem quinze filhos legítimos, todos em perfeito estado de saúde. Pobre, de cor, do bairro Belvedere, ela só mesmo pode se dedicar aos cuidados do lar e dos filhos, dos quais dez são ainda pequeninos e exigem cuidados e orientações. O marido e os cinco filhos mais velhos trabalham fora e só voltam à noite. Às demais mães ela deseja felicidades, enquanto a si não deseja muito: “saúde, barriga cheia e os filhos realizados”. (...) Residem os 17 seres em um humilde e precário casebre no Bairro Belvedere, ourela da cidade, onde apesar de simples e rústica residência, pode ser constatada um reinante ar de alegria entre a “piaçada” que aos poucos foi surgindo (...). Ao ser questionada de tão elevado número de filhos, d. Maria encolheu os ombros e sorriu; “não sei, foi indo, indo, e aí estamos, não muitos infelizes. Tenho fé em Deus, Nosso Senhor, e com sua ajuda, sei que posso dobra esse compromisso que assumimo”. Ela não sabe, nem nunca ouviu nada sobre controle de natalidade ou equivalente, como também não sabe dizer se Fabiano, o caçula da casa vá por muito permanecer com esse título. (...).<sup>57</sup>

---

57

Jornal Gazeta do Sul (12/05/1979, Capa e p. 27).

Imagem 6 **Maria é mãe de 15 filhos.**



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul (12/05/1979, Capa).**

Pode-se verificar que o efeito produzido por tal reportagem é traumático. Primeiro porque transmite uma “violência simbólica” sem precedentes, mas, sobretudo, porque a imagem negativa da mãe negra com seus quinze filhos reproduz um olhar contrastivo na maioria da população local, isto é, “a informação social transmitida por qualquer símbolo particular pode simplesmente confirmar aquilo que outros signos nos dizem sobre o indivíduo, completando a imagem que temos dele de forma redundante e segura” (GOFFMAN, 1988, p. 53). Da mesma forma, constatou-se em um outro artigo, em homenagem ao dia das mães, uma série de significados recorrentes ao tempo da escravidão:

#### Mãe Preta

Vamos retroceder ao tempo da Casa Grande. Caminhando por seus vastos corredores atapetados, chegaremos a um de seus muitíssimos e

espaçosos quartos. Lá nos espera um maravilhoso quadro, ainda que triste e comovente.

Uma preta, de olhar doce e alma branca, segura aos braços um anjo loiro, envolto em veludos e rendas. Ela o acalenta carinhosamente, enquanto o amamenta. Ao seu lado, sobre uma simples esteira no duro chão, um outro anjo pretinho de cabelos encaracolados chora ao embalo do humilde lundu: “Dorme, dorme, senhozinho, que o papão pode chega.”

Mãe preta, dois corações num peito que não lhe pertence. Ama os dois seres. Um filho de sua alma; o outro, filho de seu próprio ser! O primeiro ela viu nascer; o segundo ela própria deu à vida.

Finalmente, o pequenino príncipe adormece. A terna escrava declina-o, toda desvelo no berço dourado. Dirige-se, agora, ao nenê do chão. Toma-o nos braços com carinho e beija enternecida, os inocentes olhos adormecidos, onde ainda refulgam diamantes e pranto. Desperta, sorridente, ao contato da mãe e toma o resto daquilo que deveria pertencer-lhe inteiramente.

Mãe preta, tua alma é branca como os lírios do campo! Teu coração, transbordante de ternura, sacrifica, com dor, o filhinho todo teu, de teu sangue, pelo de tua alma embora filho de teus patrões.

Ninguém poderá saber, jamais, Mãe preta, o que se passava em teu coração. Como um cofre fechado, levaste-o à sepultura para ser aberto ante o trono Eterno Deus!<sup>58</sup>

Nota-se, conforme o texto, que a relação entre a “mãe preta” e a criança branca revela a imagem do escravo e a manutenção das relações escravistas. Isso porque a forma como foi caracterizada a mulher negra, reflete, de modo contundente, a violência e a exploração da “terna escrava” que é caracterizada, segundo a narrativa, a partir do abuso e da exploração afetiva, uma vez que privilegia o carinho e a amamentação do filho dos patrões, o “anjo loiro”, em detrimento de seu filho, o “anjo pretinho de cabelos encaracolados” que está “sobre uma simples esteira no duro chão”. Além disso, merece destaque o fato de que a “mãe preta” parece perder sua identidade aproximando-se do branco, se não na aparência, pelo menos na alma.

---

<sup>58</sup> Jornal Gazeta do Sul (09/05/1981, p. 06)

Neste contexto, destaca-se uma reportagem expedida num caderno especial, intitulado “Criança” que tem o propósito de discutir a discriminação e o racismo entre crianças numa creche santa-cruzense:

Aos 5 anos esses pequenos já sabem que o sol não nasce igual para todos

#### PRECONCEITO

As crianças não têm culpa e porque antes de tudo são vítimas de um sistema que esmaga as minorias, porém é triste e constrangedor perceber laivos de racismo. Não que as crianças da creche, oriundas de todas as cores e famílias não se entendessem, que elas são o melhor exemplo de convivência. O preconceito vem da rua da sociedade tradicional e burguesa, ou seja, lá de onde for oprimido principalmente quem nasceu filho de preto. E não adianta querer embonitar as coisas e dizer que não tem, se não querem ver?

Carlos Marcelo dos Santos, cinco anos, não admite que o chamem de preto:

- Eu sou marrom. Não gosto que me chamem de preto. Acho ruim ser preto. Queria ser branco.

Lúcio César Ribeiro, também cinco anos e descendente da mesma raça, sofre mesmíssimo drama (...).

Adriana de Assis, cinco anos, “também queria ser branca”, justifica inclinando tristemente a cabecinha encarapinhada, cansada com o peso de 479 anos de opressão. Fazendo uma enquête entre os pequerruchos, eles concluem que nascer branco é melhor, mais fácil e divertido (...).<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> Jornal Gazeta do Sul (11/10/1979, p. 10 e 11).

Imagem 7 **Aos 5 anos esses pequenos já sabem que o sol não nasce igual para todos.**



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul**  
(11/10/1979, p. 10).

Verifica-se que ocupar uma posição poderosa na sociedade permite aos indivíduos e aos grupos manipularem símbolos e estabelecerem um consenso a respeito do significado, das identidades e do sentido da realidade. Segundo Edgar Montiel, os menos poderosos participam das relações do poder simbólico e material permitindo aos grupos de poder explorar seus próprios interesses materiais e simbólicos.

O processo de construção da identidade é uma luta constante entre as relações objetivas do poder material e simbólico, entre esquemas práticos, através dos quais certos agentes classificam os outros agentes e avaliam suas posições, tanto nas relações objetivas como nas



estratégias simbólicas de representação e de auto-representação (MONTIEL, 2003, p. 26).

É importante destacar que este estudo indica resultados muito próximos aos apontados por Lilia Moritz Schwarcz, em pesquisa realizada com periódicos paulistas do século XIX. Segundo a autora, o negro, na maioria dos casos, é representado através de estereótipo, ou seja, como alguém diferente “do familiar”, “do elegante” e “do profissional”. Para a autora, os “enunciados parecem partir de pressupostos e concepções comuns e aceitos coletivamente, sendo que o próprio ato de noticiar parece obrigar o leitor a enviar deste ato seu reflexo, constituindo então um ‘jogo de fala’ que é entendido aqui como ‘um nada em si mesmo’, como uma alusão a outros enunciados”. (SCHWARCZ, 1987, p. 168). Para exemplificar, destaca-se uma reportagem que tem como título: “*Para pensar no dia da Paz*”<sup>60</sup>.

---

<sup>60</sup> Jornal Gazeta do Sul do dia (29/12/1984, p. 02)

**Imagem 8 Para pensar no dia da Paz.**



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul (29/12/1984, p. 02).**

**Imagem 9 Para pensar no dia da Paz.**



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul (29/12/1984, p. 02).**

**Imagem 10 Para pensar no dia da Paz.**



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul (29/12/1984, p. 02).**

**Imagem 11 Para pensar no dia da Paz.**



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul (29/12/1984, p. 02).**

Imagem 12 **Para pensar no dia da Paz.**



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul (29/12/1984, p. 02).**

Imagem 13 **Para pensar no dia da Paz.**



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul (29/12/1984, p. 02).**

Imagem 14 **Para pensar no dia da Paz.**



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul (29/12/1984, p. 02).**

Além das imagens referidas, vale a pena destacar trechos do texto:

Torrando ao sol, sem teto, a pedra dura por colchão e travesseiro, dorme o homem e o menino (...).

Chega afinal, um transeunte diferente, passos mais lentos, vestindo farda e coturno, capacete na cabeça cacete na bainha, bloquinho na mão. Ele não corre loucamente atrás da vida, como todo mundo. Ele anda atrás pôr as coisas em ordem, sua lei é o estrito cumprimento do dever. Cruza a esquina, olha o trânsito, o estacionamento. De repente, a dois metros de si, aqueles dois estranhos corpos jogados sobre a quina da calçada. Uma cena anormal a que ele guardião da lei e da ordem, não poderia fazer vistas grossas. O sono dos dois, acostumados ao chão duro, é profundo o suficiente para resistir ao tropear dos coturnos. O guarda tem que cutucar os dois.

Finalmente despertos, sentados sobre o meio-fio, homem e menino – pai e filho, quem sabe – ouvem, dóceis e contritos, as admoestações do homem da lei. Estará ele dizendo que é proibido dormir ali? Que é perigoso? Que prejudica a imagem ilibada da cidade? Que é crime vadiar? Que eles estão atentando contra a segurança das pessoas que por ali transitam? Sei lá, ninguém sabe ao certo, só eles três. (...)

Finalmente, a palavra da autoridade prevalece por convencimento. O homem se ergue primeiro, estende a mão ao menino. Entre eles impera a solidariedade, essa virtude tão forte entre os que sofrem. E lá vão os dois, atrás de uma outra laje dura donde ninguém os enxote, na vaga esperança de encontrar pelo caminho alguma mão estendida em sua direção. Mão que existe, mas que anda muito ocupada e às vezes pouco abundante.

Bauman (1998) estabelece que a sociedade, ao mesmo tempo em que traça suas fronteiras e configura seus mapas cognitivos, estéticos e morais, gera também pessoas que não se enquadram dentro dos limites julgados fundamentais para a vida ordeira. Para o autor, “todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira”. (BAUMAN, 1998, p. 27). Nesta direção, Mary Douglas aponta que o indivíduo, quando não tem lugar no sistema social, quando é excluído socialmente, cabe aos outros, tomarem as devidas precauções contra o perigo que estes representam. Com isso, “a impureza, a obscenidade, a não observância das leis são a expressão ritual do isolamento” (DOUGLAS, 1970, p. 118).

Neste caso, a seqüência de imagens do pai e do filho, ambos negros, construída e estruturada a partir do olhar do “outro” que analisa e ratifica o estereotipo daqueles que não estão no seu lugar, deve ser interpretada pelo prisma de alguém que articula seu discurso procurando a ordem, ou seja, esta discursividade fundamenta-se num jogo de relações de poder que não permite, assim, a reflexão acerca dos espaços e das possibilidades de visibilidade e reconhecimento de grupos excluídos, como é o caso dos afro-descendentes, que, por sua vez, não podem ser incluídos dentro da “ilibada cidade”.

Durante a pesquisa encontrou-se periódicos que denunciaram o racismo<sup>61</sup> existente em Santa Cruz do Sul. Contudo, o que chamou a atenção em uma reportagem intitulada: “*Racismo? Claro que tem, mas não me comprometa.*” “*Não falo no preconceito prá não me complicar*”,<sup>62</sup> foi o enfoque dado pela informação. Ao mesmo tempo em que tinha um caráter de denúncia, tal reportagem ressaltou elementos de ascensão social e econômica de um dos entrevistados, num padrão essencialmente de contraste com a grande maioria da população afro-descendente do município. Além disso, o tom de ironia do título desta entrevista merece ser destacado: “*Negão que tão por cima*”.

Thomas Tadeu da Silva (2000) afirma que, em geral, ao representar algo sobre certas características de algum grupo cultural, acha-se que se está simplesmente descrevendo uma situação existente no mundo social. O que se esquece é que aquilo que se transmite faz parte de uma rede mais ampla de atos lingüísticos que em seu conjunto, contribuem para definir ou reforçar a identidade do “outro”. Neste caso, quando se utilizou a denominação, “*Negão que tão por cima*”, para se referir a uma pessoa negra que ascendeu socialmente, o que se fez foi em

---

<sup>61</sup> Outras reportagens sobre racismo, discriminação e reivindicações da comunidade afro-descendente em Santa Cruz do Sul podem ser encontradas no Jornal Gazeta do Sul: (16/05/1978, p. 09-10); (12/11/1983, Capa e Caderno Gazeta fim de semana: p. 05); (12/05/1984, p. 04); (29/11/1986, Caderno Gazeta fim de semana: Capa, p. 04-05); (19/03/1987, p. 03); (31/03/1987, p. 06); (28/03/1987, p. 03); (29/03/1988, p. 05); (22/11/1989, p. 02); (11/12/1990, p. 04); (23/11/1990, p. 02); (19e 20/11/1994, p. 08-09); (24/11/1994, p. 17); (13 e 14/05/1995, p. 04 e 12); (19/05/1995, p. 03).

verdade inseri-lá em um sistema lingüístico mais amplo e contrastivo que contribuiu, sobretudo, para reforçar a negatividade atribuída à identidade afro-descendente em Santa Cruz do Sul. Diante disso, merece destaque uma charge<sup>63</sup> sobre o santa-cruzense Dom Gílio Felício<sup>64</sup>, o primeiro bispo negro do Estado do Rio Grande do Sul, quando foi assumir como auxiliar da Arquidiocese de Salvador:

Imagem 15 Charge.



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul (04/05/1998, p. 02).**

Na charge, Dom Gílio é muito bem recebido em Salvador pela Senhora baiana por ter em mãos um violão e parecer-se com um músico. Entretanto, deve-se relativizar a idéia principal que “tentou” demonstrar o chargista. Abrindo a possibilidade de interpretação desta imagem,

---

<sup>62</sup> Jornal Gazeta do Sul de (12/05/1979, p. 16-17).

<sup>63</sup> Jornal Gazeta do Sul (04/05/1998, p. 02)

nota-se mais uma vez, a fixação do estereótipo, enquanto simbologia do homem negro com o violão<sup>65</sup>. Contudo, não seria muito mais apropriado fazer a leitura de que a boa receptividade da baiana para com o Bispo seria pelo fato de ser ele um religioso, mas, sobretudo, um afro-descendente que estaria chegando a uma cidade e a um estado com quantidade significativa de negros? Neste caso, pode-se inferir que a charge define, mais uma vez, a reprodução da diferença, enquanto lugar de representação do “outro”.

Assim, no contexto das relações estabelecidas entre os diferentes atores junto à sociedade santa-cruzeira, verificou-se que os espaços de ocupação, bem como as fronteiras culturais e sociais, estão simbolicamente definidos. Diante disso, apresenta-se a foto do Caderno Gazetinha<sup>66</sup> (Suplemento Infantil da Gazeta do Sul) que tem como manchete, *Flagrantes da vida real*:

---

<sup>64</sup> Sobre Dom Gílio Felício ver: Gazeta do Sul: (04/11/1978, Capa e p. 04); (12/05/1979, p. 16-17); (02 e 03/05/1998, Caderno Gazeta Especial, Capa, p. 20-23); (04/05/1998, p.08-09); (16 e 17/05/1998, p. 07); (30 e 31/05/1998, p. 06).

<sup>65</sup> É importante colocarmos que o violão representou, no final do século XIX e início do século XX, um instrumento símbolo da representação popular no Brasil, sendo sinônimo de malandragem e de marginalização. Neste sentido, destacamos o romance, de Lima Barreto, “*Triste fim de Policarpo Quaresma*”, publicado pela primeira vez em 1911. Nessa obra, o funcionário público Policarpo Quaresma, nacionalista e patriota extremado, é conhecido por todos como major Quaresma. Sem muitos amigos, vive isolado com sua irmã Dona Adelaide, mantendo os mesmos hábitos há trinta anos. Seu patriotismo se reflete nos autores nacionais de sua biblioteca e no modo de ver o Brasil. Para ele, tudo do país é superior. Esse patriotismo leva-o a valorizar o violão, instrumento símbolo da identidade nacional, o que por sua vez, causa estranheza e preconceito entre a vizinhança.

<sup>66</sup> Jornal Gazeta do Sul (11/02/1994, p. 02)

Imagem 16 **Flagrantes da vida real.**



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul (11/02/1994, p. 02).**

Observa-se na foto a caracterização de três meninos com tamborins, dois negros e um loiro, numa bateria de carnaval. Para tanto, cumpre-nos assinalar, a frase contida embaixo da foto: - *Epa! Tem alemão no samba.* Antes de qualquer problematização, é importante destacar que o carnaval brasileiro é uma festa que tem um caráter eminentemente urbano, popular e é tida como espaço de afirmação e contradição, seja no plano social, cultural, político ou econômico.<sup>67</sup> Neste sentido, ao problematizar a imagem e o tom de espanto contido na expressão da frase, verifica-se que ambas refletem, mais uma vez, a produção simbólica e discursiva da diferença cultural, que conforme a mensagem não aceita, ou se surpreende com a presença de um menino loiro numa festa popular de identidade nacional. Em outras palavras, nota-se que o enunciado constrói uma representação que identifica a criança loira, supostamente fora de seu habitat natural.

---

<sup>67</sup> Sobre o carnaval ver: (DA MATTA, 1980).



Édison Gastaldo (2002), estabelece que o discurso publicitário brasileiro representa o negro destacando a utilização de seu corpo na dança e no futebol, em um “domínio subalterno, que não ameaça a ordem das coisas, inclusive sendo objeto de uma apropriação por parte da ideologia da nação brasileira tornando-se emblemas da brasilidade” (GASTALDO, 2002, p. 174).

Diante disso, constatou-se que os bailes de carnaval realizados em Santa Cruz do Sul, em uma das mais tradicionais sedes sociais do município não permitia o ingresso de negros, até meados da década de 1980, conforme demonstra a denúncia desta reportagem<sup>68</sup>:

---

<sup>68</sup> A proibição da entrada de negros em clubes sociais de Santa Cruz do Sul será mais aprofundada no próximo capítulo.

Imagem 17 **Racismo.**



Fonte: **Jornal Gazeta do Sul (10/03/1984, Caderno fim de semana, p. 03).**

### RACISMO!!!

O titular, por si só, chama a atenção do leitor. Foi o que aconteceu comigo, ao passar os olhos no jornal “O informativo”, de Lajeado, datado de 1º de março deste ano, na página 10, na coluna “Sociedade”, que tem como titular Sandra, mas tendo como interino o colunista social Xuko Barzotto. A seguir, o texto, na íntegra, que me chocou mais do que o título: ” Durante muito tempo, principalmente nesta coluna, deu-se espaço sobre a participação de Lajeado, através de suas Escolas de Samba, no carnaval de Santa Cruz do Sul. Segundo o presidente da deixa sambar, nosso amigo César Bublitz, a proposta feita pelo diretor de turismo da capital do fumo, era muito convidativa, pois além de envolver dinheiro, estavam oferecendo para a apresentação lá, transportes e participação no baile do Corinthians. No dia de ontem, César nos informou que a Escola de Samba deixa

sambar não mais participará do carnaval de Santa Cruz do Sul, por motivos de racismo. acontece que ele manteve contato com o pessoal de lá e este informaram que os componentes de cor (os negros) da escola não poderiam participar do baile no Corinthians, porque nesta sociedade não é permitido o ingresso de pretos. como o deixa tem vários associados de cor, rejeitaram tudo o que santa cruz ofereceu, pois não admitem que em final do século xx, faltando apenas 17 anos para chegarmos ao 2000, ainda existia tal problema. nossos aplausos ao pessoal da escola de samba deixa sambar!”<sup>69</sup>

Assim sendo, pode-se inferir que o Jornal Gazeta do Sul, se constituiu enquanto ferramenta estrutural na propagação de discursos que viabilizaram a tradução de elementos culturais que favoreceram a invenção de novas tradições, bem como, na formatação identitária de um “novo ser alemão”. Ao mesmo tempo, se observou que este periódico serviu de instrumento construtor de referenciais simbólicos e de existência para a comunidade afro-descendente em Santa Cruz do Sul. Nesta perspectiva, utilizar-se-ão no próximo capítulo entrevistas semi-estruturadas com a comunidade afro-descendente residente em Santa Cruz do Sul, com o objetivo de analisar a biografia destes sujeitos através da história oral verificando o impacto da narrativa identitária regional em suas trajetórias sociais e suas recriações culturais, bem como nas estratégias de organização e mobilização na busca de afirmação identitária.

---

<sup>69</sup> Jornal Gazeta do Sul (10/03/1984, Caderno fim de semana, p. 03)

## Capítulo 3

### Identidade afro-descendente em Santa Cruz do Sul

*Eu disse pro preto que o branco dá branco  
e o preto me disse que vai muito além  
me disse que o preto apesar de ser preto  
quando é bom preto dá branco também.  
(BEZERRA DA SILVA)*

As últimas décadas do século XX e os primeiros anos do século XXI estão marcados por uma quantidade significativa de pesquisas nas ciências humanas e sociais sobre temas como, discriminação, preconceito e desigualdades entre brancos e negros no Brasil. Nesse contexto, verifica-se um intenso debate em torno de conceitos como identidade étnica, políticas afirmativas, comunidades quilombolas, cultura negra, entre outros. Esse processo tem tido o mérito de reavivar o debate acerca da formação do povo brasileiro e das dificuldades de criação de políticas públicas, que levem à superação das desigualdades históricas provocadas pelo escravismo e o racismo no país<sup>70</sup>.

---

<sup>70</sup>

Ver: (COSTA, 2006; MUNANGA, 2004; SANSONE, 2004; SODRÉ, 1999; FRY, 2005, GUIMARÃES, 2006; SCHWARCZ, 2001; SILVA, 2007; HASENBALG, 2005).

De igual forma, a atenção para fenômenos regionais de construção identitária se tornaram um campo privilegiado de análise para as relações de pertencimento e diferenciação entre grupos étnicos e culturais diversos. Assim, o objetivo deste capítulo, consiste em circunscrever o processo de formação identitária da comunidade afro-descendente residente em Santa Cruz do Sul, entre os anos de 1970 a 2000, analisando como os conflitos, as práticas, as negociações e as experiências deste grupo estão articuladas em torno de redes discursivas e práticas sociais que atuam diretamente no processo de subjetivação e representação<sup>71</sup> desses sujeitos.

O método empregado na pesquisa foi o da história oral, através de entrevistas semi-estruturadas aplicadas junto à comunidade afro-descendente residente em Santa Cruz do Sul, totalizando um número de 16 amostragens. Para Tedesco (2004), o trabalho com história oral possibilita a reconstrução de aspectos de personalidades individuais inscritas na existência coletiva.

As memórias são compostas da multiplicidade de imagens que constituem vários passados, vão-e-vem, atendendo às solicitações do presente. Essa relação é capaz de estabelecer contemporaneidade com o passado pela voz do narrador; dessa forma o passado é restaurado no presente. As várias gerações transmitem-se tradições pelo meio da oralidade, imprimindo subjetividades, contextualizações, reapropriações de representações passadas e presentes, ajustadas e compartilhadas às atuais identidades individuais e grupais (TEDESCO, 2004, p. 117).

Verena Alberti (2006) afirma que a história oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação, pois a memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Para a autora:

Ela (a memória) é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de

---

<sup>71</sup> Sobre representação ver: Capítulo 2.

continuidade e de coerência – isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de história oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo. (ALBERTI, 2006, p. 167)

As fontes orais foram importantes ferramentas na pesquisa empírica e proporcionaram contribuições relevantes. Nesta perspectiva metodológica, os relatos obtidos nas entrevistas podem ser mensurados considerando não só o contexto a partir do qual se fala, mas da temporalidade que o discurso se reveste uma vez que a memória traduz as práticas ritualizadas, e estas se tornam referências discursivas da cultura no processo de construção identitária. Loiva Otero Félix (2004, p.33), argumenta que “a memória é um dos suportes essenciais para o encontrar-se dos sujeitos coletivos, isto é, para a definição dos laços de identidade”.

A memória acaba quando se rompem os laços afetivos e sociais de identidade, já que seu suporte é o grupo social. É este que permite a reconstrução de memórias, pois quem desaparece é o indivíduo e não o grupo. Essa dimensão social da memória e da identidade explica também por que não podemos considerar identidade como um dado pronto, um produto social acabado; ao contrário, a identidade tem que ser percebida, captada e construída e em permanente transformação, isto é, enquanto processo. Logo, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo (FÉLIX, 2004, p. 40).

Alguns cuidados foram considerados para obtenção dos dados<sup>72</sup>: 1º) foi estabelecido contato prévio com os entrevistados, com agendamento do dia e da hora da entrevista; 2º) o pesquisador entrevistou a pessoa e gravou as falas em MP3; 3º) as gravações foram transcritas e digitadas, com o cuidado de manter a forma e o conteúdo das falas dos entrevistados. O material

---

<sup>72</sup> Sobre roteiro para a aplicação de entrevista semi-estruturada, utilizando como método a história oral ver: (ALBERTI, 2006, p. 190-191).

foi organizado, seguindo uma ordem numérica de 1 a 16, número correspondente ao total de depoimentos coletados, preservando a identidade dos entrevistados.

Todos os sujeitos entrevistados pertencem à comunidade afro-descendente, sendo 8 do sexo masculino e 8 do sexo feminino. Quanto à idade; 2 entre 20 e 30 anos; 1 entre 40 e 50 anos; 4 entre 50 e 60 anos; 6 entre 60 e 70 anos; 2 entre 70 e 80 anos e 1 entre 80 e 90 anos. Quanto ao estado civil, 8 são casados, 2 são separados, 5 são solteiros e 1 é viúvo. Quanto a religiosidade, 10 são católicos, 3 são umbandistas, 2 são evangélicos e 1 é espírita. Quanto a escolaridade, 7 possuem 1º grau incompleto; 3 possuem 1º grau completo; 3 possuem 2º completo e 3 possuem curso superior completo. Vale lembrar, que os 3 que possuem curso superior completo, são do sexo feminino e ambas são professoras. Quanto a naturalidade, 10 são santa-cruzenses e sempre residiram no município e 6 são naturais de outras cidades. Nesse caso, todos os entrevistados que não eram naturais de Santa Cruz do Sul já residem no município há mais de 10 anos.

Antes da realização das entrevistas o entrevistador preencheu uma ficha onde constam: endereço, nome, idade, sexo, estado civil, nível de instrução, naturalidade, profissão e religião dos entrevistados. As questões foram formuladas visando inquirir o posicionamento dos sujeitos em relação: a) às características principais do município de Santa Cruz do Sul; b) como avalia o fato de Santa Cruz do Sul ser reconhecida como uma cidade germânica; c) se sabe sobre a história do município; d) qual o papel do negro na formação e desenvolvimento do município; e) se percebe uma separação entre negros e brancos em Santa Cruz do Sul; f) como avalia o fato de Santa Cruz do Sul ter um concurso que elege a Mais Bela Negra do estado do Rio Grande do Sul; g) se a pessoa se sente parte integrante da identidade do município; h) se já foi vítima de algum ato preconceituoso ou racista; i) se já participou de algum movimento social (sindical, político, cultural, movimento negro); j) como avalia o papel do Movimento negro no município.

### **3.1 Memória e Identidade na voz da Comunidade Afro-Descendente residente em Santa Cruz do Sul**

As entrevistas realizadas com os membros da comunidade afro-descendente residentes em Santa Cruz do Sul fornecem condições de avaliar de que forma estes sujeitos articulam suas representações identitárias e como essas representações atuam no próprio processo subjetivação desses sujeitos. Optou-se por realizar um número de entrevistas que permitisse agregar uma quantidade significativa de informações, tendo em vista, que o uso dos depoimentos orais visa dar um aporte empírico, ou seja, complementar o estudo que até aqui realizou-se com a historiografia regional e a imprensa escrita.

As entrevistas são consideradas a partir de linhas temáticas o que permite confrontar os discursos dos sujeitos com as narrativas identitárias produzidas pela historiografia e pela imprensa escrita local. As questões serão apresentadas no decorrer da análise, abordando num primeiro plano a região e a comunidade mais ampla para, depois, introduzir questões mais específicas acerca da identidade cultural e étnica. Vale lembrar, que as citações das respostas respeitam a transcrição literal da falas.

No que diz respeito às características do município, as respostas apontam, invariavelmente, em primeiro lugar, para a cultura germânica e seus “aspectos correspondentes”, como as festividades, a limpeza, o trabalho, entre outros. Em segundo lugar, como aspecto mais significativo aparece a cultura do fumo. Como exemplo, deste tipo de resposta cita-se a



entrevista de nº 15: “*Olha é uma cidade de origem alemã, as festas típicas, uma vez por ano tem a oktober e é a baseada na cultura do fumo. São dois itens principais*”<sup>73</sup>.

Algumas outras entrevistas merecem destaque neste mesmo quesito, como a resposta do entrevistado de nº 2:

Pra mim, é uma cidade que eu gosto demais. Já tive pelo Rio Grande a fora, em vários lugares, entendeu, mas aqui é uma cidade que pra mim é muito boa e, no caso, a característica dela seria as amizades que eu tenho com branco, preto, amarelo, com rico, com pobre, sabe (...) porque em tudo que é lugar, tem gente que presta e que não presta, mas, pra mim, no meu caminho em todos esses anos que eu tô aqui na cidade, foi mais gente boa do que ruim que pintou e a característica da cidade aqui é a cidade de um povo trabalhador pra caramba. Esse povo germânico eles, tão ali morrendo aí e tão pegando, (...) tu nota aqui nessa cidade uma característica muito interessante é no modo do povo, um povo assim muito limpo, muito caprichoso, tu sabe que se tu sai por aí o Mateus, tu fica ai pela cidade esperando o povo que vão trabalhar. Tu olha essas guria que são doméstica, elas vão bem vestidinha, de sapatinho, cheirando e tal, e eu já tive aí por esses outros lugares, vários lugares neste estado eu não noto as pessoas que são bem de vida (...)<sup>74</sup>.

À mesma pergunta o entrevistado de nº 8 se manifesta da seguinte forma:

(...) a característica de Santa Cruz pra mim é muito progresso, porque Santa Cruz é uma coisa antes de 60 e pós 60. Santa Cruz deu um salto muito grande e é uma cidade boa de viver, uma cidade limpa: já foi mais limpa do que está, mas é uma cidade ótima. Eu que conheço este país, acho que Santa Cruz é uma das melhores cidades que tem pra

---

<sup>73</sup> Entrevista realizada em 03/12/2007, idade do entrevistado, 41 anos, bairro: Bom fim.

<sup>74</sup> Entrevista realizada em 29/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Centro.

viver, independente de raça, independente de situação financeira: é uma cidade muito boa<sup>75</sup>.

Verificam-se alguns aspectos bastante comuns nas duas falas: o discurso acerca da limpeza, do trabalho e do progresso do povo e da cidade de Santa Cruz do Sul diferindo de outros lugares do estado e do país. Nesse caso, a narrativa dos entrevistados reproduz o discurso de naturalização identitária acerca das qualidades do povo e da cidade, aspecto já observado tanto na historiografia como na própria imprensa regional.

Os dois entrevistados enfatizam o prazer de residir em Santa Cruz do Sul, independentemente de aspecto social, econômico, cultural e “racial”. Diante desse quadro, as falas configuram um imaginário caracterizado por relações “raciais” harmônicas e não conflituosas, ou seja, ambos os discursos legitimam o mito da democracia racial no Brasil, que possui, em sua especificidade, segundo Schwarcz, “um caráter não oficial”. Para autora, “pode-se dizer que o racismo brasileiro constitui uma espécie de discurso costumeiro, praticado como tal, porém pouco oficializado” (SCHWARCZ, 2001, p.52).

Quando questionados de que forma as pessoas avaliam o fato de Santa Cruz ser reconhecida como uma cidade germânica, as respostas apontam, na maioria dos casos, como algo legítimo:

Olha, eu avalio normal, porque é mesmo uma cidade que foi colonizada pelos alemães e a grande parcela é alemães, então eu acho normal<sup>76</sup>. “Não sei, eu aceito bem. Pra mim não da nada, eu aceito bem De certo era pra ser assim, porque lá o que eles fizeram, para mim tá bom, não me afeta<sup>77</sup>. “Por ser uma cidade de origem alemã,

---

<sup>75</sup> Entrevista realizada em 23/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

<sup>76</sup> Entrevista realizada em 03/12/2007, idade do entrevistado, 41 anos, bairro: Bom fim.

<sup>77</sup> Entrevista realizada em 17/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

também, eu acho que tá certo, isto ai na minha idéia é ótimo, o meu ponto de vista é ótimo, no meu modo de pensar, não sei me expressar melhor ainda”<sup>78</sup>. “É tudo de origem alemão, que, vieram lá da Alemanha e fundaram a cidade e, como é a história deles ai, sei lá porque o meu estudo não vai até lá, mas tudo que se refere a Santa Cruz do Sul se refere ao povo germânico”<sup>79</sup>. “Essa parte que eu acho certa, foi fundada e registrada. Nessa parte, nada eu posso dizer ao contrário, tenho que acreditar”<sup>80</sup>. “Acho que ela é uma cidade germânica por ter tantos alemães, até por que tem uma cultura, então é uma cidade germânica por que tá preparada para isso”<sup>81</sup>.

Constata-se claramente o processo de subjetivação em relação à memória e à história de Santa Cruz do Sul. Notam-se dois tipos de atitude, em especial: A primeira, é de se destacar a história de Santa Cruz do Sul como sendo uma história do “outro”, isto se verifica através da utilização de termos que se referem aos imigrantes alemães, desta forma: “o que eles fizeram”; “como é a história deles”. A segunda demonstra conformidade, ou, “desinteresse” na discussão acerca de Santa Cruz do Sul ser reconhecida como uma cidade germânica. Para tanto, destaca-se a dificuldade que os entrevistados têm em abordar o tema e problematizar o fato de Santa Cruz ser reconhecida como uma cidade germânica.

No entanto, para a mesma pergunta, a entrevistada de nº 13 chama a atenção para o fato de que Santa Cruz estaria deixando de ser uma cidade germânica:

É a história, né (...) foi colonizada por alemães. Agora se tu analisa: na minha idéia, na minha visão, eu acho que Santa Cruz tá deixando já de ser uma cidade germânica. Aqui no centro tu encontra bastante, mas vai num bairro (...). Eu moro na zona sul, então tem muito negro,

---

<sup>78</sup> Entrevista realizada em 07/12/2007, idade do entrevistado, 51 anos, bairro: Bom Jesus.

<sup>79</sup> Entrevista realizada em 29/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Centro.

<sup>80</sup> Entrevista realizada em 30/03/2007, idade do entrevistado, 88 anos, bairro: Goiás.

<sup>81</sup> Entrevista realizada em 10/11/2007, idade da entrevistada, 52 anos, bairro: Bom Jesus.

então eu acho que tá mudando, tu entende, tu acha alemão só aqui no centro. Na minha visão, eu acho que até tá diminuindo um pouco<sup>82</sup>.

Segundo a entrevistada, Santa Cruz estaria deixando de ser germânica por apresentar um número considerável de negros no município, em especial nos bairros populares da zona sul, enquanto que a população teuto-descendente estaria circunscrita a região central da cidade. Nesse caso, o discurso reflete a representação cartográfica do município, isto é, de exclusão social e espacial da comunidade afro-descendente. Diante desse quadro, convém apontar que, numa pesquisa realizada nas 10 maiores áreas urbanas do Brasil, Edward Telles (1996) indicou para a continuidade de uma segregação espacial de não brancos nos bairros de classe média e central destas cidades. É importante perceber que essa segregação espacial tem implicações consideráveis no acesso à educação, à saúde e ao mercado de trabalho. Nessa perspectiva, Silva (2007, p. 141) destaca que são nos bairros da periferia mais pobre de Santa Cruz do Sul que se concentram as escolas com maioria de alunos não-brancos. Segundo o autor nas escolas de periferia do município encontram-se 39% de alunos pretos/pardos, e nestas regiões estão os piores índices relacionados a instrução, renda e escolaridade.

Outras respostas merecem destaque, acerca da pergunta, sobre o fato de Santa Cruz ser reconhecida como uma cidade germânica, conforme a entrevista de nº 7:

Ah por causa dos alemães, de origem alemão, os imigrantes que predominam, querendo ou não, predomina. Na colônia é tudo alemão e aqui na cidade também, se bem que os que não são de origem alemã, a maioria aqui vêm de fora à procura de trabalho: mas se é daqui, o progresso é um problema prá raça germânica<sup>83</sup>.

---

<sup>82</sup> Entrevista realizada em 05/11/2007, idade da entrevistada, 23 anos, bairro: Harmonia.

<sup>83</sup> Entrevista realizada em 18/04/2007, idade do entrevistado, 76 anos, bairro: Senai.

Segundo a fala da entrevistada, Santa Cruz se caracteriza por ser uma cidade alemã tanto no interior como no meio urbano. Além disso, afirma que aqueles que não são de descendência germânica, são considerados, na sua grande maioria, forasteiros, isto é, de outros municípios, o que por sua vez, “*é um problema para a raça germânica e para o progresso de Santa Cruz do Sul*”. Nota-se na fala da entrevistada, que esta assume a posição historicamente herdada de migrante e “marginal”. Diante desse quadro, Silva (2007, p. 130) indica em sua pesquisa, através da aplicação de questionários, que 27,39% dos respondentes, naturais de Santa Cruz do Sul, são contrários à vinda de pessoas de outras etnias para a cidade, representando um percentual de quase 1/3 dos entrevistados, enquanto que os não-naturais apresentam para a mesma questão um índice de 13,44%.

Elias e Scotson (2000) destacam que, com frequência, a estigmatização de grupos que estão numa situação de *outsiders* gera implicações de inferioridade e desonra nos sujeitos do próprio grupo excluído. Segundo os autores, os mais “antigos” muitas vezes conseguem impor aos recém-chegados a crença de que estes são inferiores ao grupo estabelecido, não apenas em termos de poder, mas também “por natureza”. Essa subjetivação da crença depreciativa que o grupo socialmente superior consegue imprimir no grupo socialmente inferior reforça vigorosamente a superioridade e a dominação do grupo *estabelecido*. (ELIAS, SCOTSON, 2000, p. 175).

Neste enfoque, o entrevistado de nº1 quando questionado sobre o mesmo assunto, fala:

Porque ela foi praticamente colonizada pelos alemães que vieram aí, desbravaram todos esses penhascos e morros de Santa Cruz, mas, no meio, deste tempo, teve muito o braço do negro junto com eles, trabalhavam pra eles. Eu acho que eles foram os pioneiros mesmo, foram os pioneiros aqui em Santa Cruz do Sul aí depois é que veio os negros para trabalhar para eles, porque, aqui em Rio Pardo, existia escravos que eram comercializados com os colonos de Santa Cruz que iam lá buscar os escravos para trabalhar aqui. Eu acho que, nesta leva,

o meu avô também veio junto com o pai dele que também foi escravo<sup>84</sup>.

Na narrativa acima, chama atenção que o entrevistado estabelece os imigrantes alemães como “pioneiros” e “desbravadores”, enquanto que o negro é lembrado como alguém que veio depois, para trabalhar para os colonos. Além disso, faz referência ao bisavô, que era escravo e que provavelmente tenha sido comercializado com os primeiros imigrantes alemães. Dessa maneira, é importante destacar que este discurso demonstra a necessidade de novas pesquisas que apontem para novas formas de organização, de sociabilidade, de relações interétnicas, que identifiquem a presença de negros (escravos, livres e forros) enquanto participes da vida econômica, social, política e cultural de Santa Cruz no século XIX, já que houve um processo de invisibilização da presença negra por parte da historiografia regional<sup>85</sup>, que se limitou a adotar como ponto de partida em suas pesquisas as proibições legais à prática da escravidão nas áreas de colonização<sup>86</sup>, conforme demonstra esta passagem:

Como aos colonos era proibida pela Lei Provincial nº 183, de 13 de outubro de 1850 a posse e introdução de escravos, raros foram os indivíduos de cor que viveram em Santa Cruz antes do final do século. Após a abolição, estes aos poucos aumentaram de número, estabelecendo-se especialmente em áreas da periferia da cidade, para onde vieram atraídos por sua prosperidade, mas sempre foram discriminados pelos descendentes dos imigrantes, que os consideravam indolentes, imprevidentes e pouco higiênicos. (KIPPER, 1979, p. 14)

---

<sup>84</sup> Entrevista realizada em 28/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Senai.

<sup>85</sup> Sobre a invisibilização do negro na historiografia regional, ver: Capítulo 1.

<sup>86</sup> Cumpre-nos assinalar que em outras áreas de colonização alemã no Rio Grande do Sul, como é o caso da colônia de São Leopoldo, algumas pesquisas já estão sendo desenvolvidas nesta perspectiva, demonstrando a presença significativa de escravos nessa colônia. Ver: (ZUBARAN, 1994; CHARÃO, 2002; ALVES, 2004).

Neste sentido, os entrevistados, quando perguntados se conhecem a história do município, acabam revelando, na maioria dos casos, a versão da história oficial, conforme aponta o relato da entrevistada de nº 6: *“Sei o que eles contam por ai, dos colonos, dos imigrantes, os alemães que vieram talvez seja assim, porque eu era bem pequena na época, depois que eu me conheci por gente não vi mais novidade nenhuma”*<sup>87</sup>.

Nesta perspectiva a entrevistada de nº 13 aponta: *“É uma boa pergunta por que a gente não para pra pensar na história do município. É uma cidade colonizada por alemães, e isto é o que eu sei”*<sup>88</sup>.

Por sua vez, o entrevistado de nº 15 relata:

Algumas coisas sim, Eu até fiz um trabalho pro colégio a respeito dessas coisas, mas faz tanto tempo. Que chegaram aqui alguns colonizadores que vieram da Alemanha e que foram os primeiros desbravadores; que ela era campo e mato e fizeram todas aquelas coisas para criarem uma colônia; que ela começou como colônia, logo depois eles viram que podia se expandir mais e criaram uma cidade, né, Eu também não sei tanto porque eu não sou natural daqui; tudo o que eu sei foi porque eu pesquisei um pouquinho pro colégio, ai eu peguei esses dados aí<sup>89</sup>.

Outros períodos que são constantemente retratados pela historiografia regional, como é o caso da campanha de nacionalização e da 2ª guerra mundial também se fizeram presentes nas respostas, como na fala de nº 1:

Olha o que eu posso dizer da história do município, eu nasci em 39 e daí já tava na época de guerra né, e a segunda guerra mundial foi

---

<sup>87</sup> Entrevista realizada em 17/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

<sup>88</sup> Entrevista realizada em 05/11/2007, idade da entrevistada, 23 anos, bairro: Harmonia.

<sup>89</sup> Entrevista realizada em 03/12/2007, idade do entrevistado, 41 anos, bairro: Bom fim.

terminar em 45. Naquela época eu tinha 6 anos. Na época da guerra, eu me lembro que era muito difícil para as pessoas viverem aqui em Santa Cruz, principalmente os mais velhos, né. Tinha toque de recolher, não podia ficar muito tarde à noite; os alemães eram proibidos de falarem a língua deles na rua, só nas casas. Muitos estiveram presos aí, o que eu sei é isto<sup>90</sup>

Alguns entrevistados, no entanto, demonstram uma nova postura em relação à história oficial. Este é o exemplo do entrevistado de nº 8:

Eu li alguma coisa sobre a história do município e não me interessei mais porque eu vi que a minha raça ficou excluída da história do município, o que não é verdade. O negro teve uma contribuição muito grande pro município, mas isto não consta, eu acho que tá faltando. (...) Foi um dos problemas que enfrentou o meu pai. O meu pai era um homem que estudou bastante, ele se formou em Vera Cruz (Vila Tereza), em alemão, para depois em português. Veio para cá para desenvolver este município que nunca valorizou ele, e ele desesperou-se, e aí sabe como é (...) <sup>91</sup>.

Além da insatisfação em razão da exclusão do negro da história local, outro fator que chama a atenção é quando o entrevistado se refere ao pai, que alfabetizou-se primeiro em alemão<sup>92</sup>, depois em português e que não teve uma valorização adequada pela sociedade santacruzense. Este relato dá mostras, mais uma vez, da necessidade de novas pesquisas que apontem para novas formas de sociabilidade e relações interétnicas em Santa Cruz do Sul.

A entrevistada de nº 9, militante do Movimento Negro, revela sua total inconformidade com a história oficial:

---

<sup>90</sup> Entrevista realizada em 28/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Senai.

<sup>91</sup> Entrevista realizada em 23/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

<sup>92</sup> Em artigo intitulado: “*Negros de fala alemã*”, Telmo Lauro Muller (1996, p. 238-239), aponta para alguns casos de negros que falavam fluentemente o alemão na Colônia de São Leopoldo.



Alguma coisa eu sei, até porque esta história é mal contada, porque é contada pelos alemães e agora, depois de um tempo é que o negro começou a despertar. Depois dos Movimentos Negros é que a gente foi buscar um pouco da história do negro no município, e ver onde o negro estava enquadrado, e realmente, o negro chegou junto com o alemão aqui; então isto aqui não é uma cidade só de alemão, que foram os primeiros que chegaram aqui. A gente chegou junto. (...) Santa Cruz é formada de diversas etnias que vieram fazer o progresso e nós, dentro de Santa Cruz, pelo menos nós que pensamos um pouco diferente do negro analfabeto, nós sentimos que nós temos direitos sim, e que Santa Cruz nos deve muito. A gente do Movimento Negro pensamos em pedir uma indenização pela pouca divulgação que é a história do negro, porque a sociedade santa-cruzense não faz questão que nós apareça juntamente com eles como os fundadores de Santa Cruz<sup>93</sup>.

Este referencial construído pelos integrantes do Movimento Negro, é bastante significativo por estar calcado numa política de reconhecimento e valorização do negro enquanto ator social da história local. Além disso, chama a atenção no discurso o fato de a sociedade santa-cruzense negligenciar a diversidade étnica enquanto um fator estrutural para o progresso de Santa Cruz do Sul. No entanto, destaca-se na narrativa, que a militante faz uma clara distinção entre os negros que fazem parte do Movimento Negro, que, sabem dos seus direitos, e aqueles que não o fazem caracterizados pela entrevistada como sendo “analfabetos”.

Quanto às perguntas relacionadas ao racismo e ao preconceito no município, cinco posicionamentos foram identificados nos entrevistados: o primeiro que admite o racismo, com a ressalva de que são em alguns lugares isolados e de forma indireta; o segundo que admite o racismo na comunidade, mas se diz nunca ter sido vítima; o terceiro que nega o racismo na comunidade; o quarto que estabelece o racismo entre o próprio negro; e o quinto que reconhece o racismo no município.

---

<sup>93</sup> Entrevista realizada em 26/04/2007, idade da entrevistada, 63 anos, bairro: Bom Jesus.

Como exemplo do primeiro caso, que admite o racismo de forma indireta, a entrevistada de nº 13 faz referência à loja comercial onde trabalha: *“Diretamente, diretamente assim não, mas indiretamente sempre, às vezes chega alguém aqui no balcão: ‘eu quero falar com o fulano’; mas eu posso te ajudar; ‘não, mas eu quero falar com o fulano’; sendo que as vezes é eu que vou ter que resolver”*<sup>94</sup>.

Este posicionamento se reforça no entrevistado de nº 2 que relata sobre a sua presença em alguns bares do município:

(...) a gente notava, entendeu, que a pessoa chega e não é muy grato, entendeu, mas não era aquilo declarado, eu ficava ali quieto, mas eu permanecia ali, porque eu ia com a turma, sentava, bebia, às vezes tava com a mulher, mas a gente notava que tu não era bem vindo ali, sabe. Mas se tu ficasse a noite toda ali não tinha problema, mas racismo mesmo, assim de eu saí totalmente fora, graças a Deus, não<sup>95</sup>.

A entrevistada de nº 4 menciona que, em determinados momentos, a pessoa tem que estar bem atenta para perceber os atos de racismo:

Uma vez ocorreu um episódio que, bem na época da oktober, nós não entramos no parque. Ficamos uma turma de amigos na frente do parque da oktober, só que o carro do meu namorado tava com o som ligado e era pagode. Ligaram para a polícia mandando desligar o som porque tava perturbando (...). Só que o nosso som, comparado com o da oktoberfest, com o das bandinha, não tinha nem comparação, que é um parque aberto (...). Então a gente teve que sair dali do local que era uma via pública por causa do som alto, sendo que tinha o parque da oktober que tava a banda, sabe (...). É complicado isso aí sabe, daí eles vem dizer que não em Santa Cruz. Eu duvido uma pessoa negra em Santa Cruz que nunca sofreu, acontece situações, mas são situações assim, aquela coisa assim, tu tem que te ligar por ti mesmo; não é

---

<sup>94</sup> Entrevista realizada em 05/11/2007, idade da entrevistada, 23 anos, bairro: Harmonia.

<sup>95</sup> Entrevista realizada em 29/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Centro.

escancarado, tu tem que ter a consciência que aquilo ali não é o teu lugar, então tem<sup>96</sup>.

Como exemplo do segundo caso, merece destaque a nº 6, onde a entrevistada reconhece que existe racismo no município, mas diz nunca ter sido vítima: “*Que eu me lembre não. Pode ser muito camuflado: eu já disse que tem aí, mas direto assim não, até porque eu ia dar troco, eu não ia deixar barato*”<sup>97</sup>.

Nesse caso, o posicionamento da entrevistada vai ao encontro do que afirmou Lílian Moritz Schwarcz (2001), que com base em inúmeras pesquisas no Brasil indica: “ninguém” nega que exista racismo no país, contudo, “ele é sempre um atributo do ‘outro’, seja da parte de quem preconceitua, ou de quem é preconceituado, o difícil é reconhecer a discriminação, e não o ato de discriminar”. Neste sentido, a autora faz referência a uma tese sobre bailes negros em São Paulo, onde “a maioria dos entrevistados nesses bailes negou ter sido vítima de discriminação, mas confirmou casos de racismo sofridos por familiares e conhecidos” (SCHWARCZ, 2001, p. 77).

Do terceiro tipo de postura, que afirmam nunca terem sido vítimas de racismo, citamos a entrevista de nº 1:

O que eu posso te dizer é que eu moro aí, eu acho que é uma cidade que, embora que seja de descendência germânica, mas quanto a problema racial assim comigo, assim, nunca houve nada. Inclusive trabalhei numa empresa que era só de donos alemães e me dei bem sempre lá com eles; nunca tive problema nenhum assim, muitos amigos aí pelo centro, até da mais alta sociedade. Sempre me dei bem com todos, né, todos, assim nos prestigiam muito também<sup>98</sup>.

---

<sup>96</sup> Entrevista realizada em 02/04/2007, idade da entrevistada, 28 anos, bairro: Centro.

<sup>97</sup> Entrevista realizada em 17/04/2007, idade da entrevistada, 64 anos, bairro: Senai.

<sup>98</sup> Entrevista realizada em 28/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Senai.

O quarto tipo de postura é o da imputação de racismo entre o próprio negro que, na maior parte das vezes, não ajuda outro negro a ascender socialmente, ou seja, não admite que um negro possa alcançar uma posição social superior. Isto é o que reflete o entrevistado de nº 5:

Às vezes o próprio racismo eu acho que é mais da nossa raça, do que branco com negro. Eu acho que é no meio do negro mesmo que tem preconceito. Eu trabalhei num escritório e nós tínhamos mais clientes brancos do que negros. Podia contar nos dedos (...) era meia dúzia da nossa raça que nos procuravam. Mais eram bancos nossos clientes, negro não vinha. Então, o negro não procura ajudar o outro negro a levantar, porque ele sabe, também, se outro negro tá bem, não volta prá ajudar ele, “não vou ajudar aquele negro lá, ele vai ficar maior e vai me deixar de lado, como os outros fazem”. Então, já enraizou aquele pensamento deles que se o negro crescer mais, ele vai ignorar o debaixo. Eu acho que por isso o negro não procura, nem votar em eleição. É difícil um negro votar num negro, tem que ter muita amizade. “Eu não vou votar neste negro, este negro vai ficar mais exibido ainda, vai me ignorar”. Isso aí é o que acontece. Em Santa Cruz é assim, infelizmente<sup>99</sup>.

Posicionamento semelhante foi apontado Gilmar Weis (1998), ao analisar os reflexos da discriminação racial no basquetebol em Santa Cruz do Sul. Weis, em sua pesquisa, cita algumas entrevistas com ex-atletas negros e dentre as quais se destaca a de Juez Franco, primeiro jogador negro a participar da equipe principal do Corinthians Sport Club:

Eu nunca havia sido barrado para freqüentar a sociedade, mesmo na parte social, e a primeira vez que eu fui barrado por discriminação racial foi no clube de meus irmãos de cor; não sei se estes achavam que eu não quisesse assumir a minha cor, ou, até quem sabe, por inveja. Eu sempre tentei colocar pra eles que a minha passagem na sociedade era importante, porque eu poderia abrir caminho, para mais tarde, seus filhos poderem usufruir das vantagens que um clube pode oferecer aos seus associados (...). Fui considerado o primo maldito, talvez porque eu não quisesse largar tudo que eu havia conquistado e

---

<sup>99</sup>

Entrevista realizada em 04/04/2007, idade do entrevistado, 58 anos, bairro: Goiás.

fosse morar num canto de uma vila qualquer, jogar meu futebol no final de semana e sentar num bar e tomar cachaça. Eles ficavam ofendidos porque achavam que eu estava chamando-os de bêbados, mas não era esta questão. Eu sei que eles queriam sair daquela clausura, mas se debatiam pelas próprias barreiras, criadas e impostas pelos mais velhos, reflexo da escravidão. Este também é um preconceito, e este se apresenta de diversas formas e maneiras (WEIS, 1998, p. 83-84).

Nestas duas últimas falas verifica-se que este tipo de preconceito do “negro contra o próprio negro”, pode ser considerada, segundo as falas, mais ofensiva que o preconceito do branco, ou seja, a discriminação vinda por parte do “branco/alemão” consegue ser “compreendida” e vista como “natural”, enquanto a discriminação por parte do próprio negro seria intolerável porque, se por um lado, ela significaria a falta de união da própria comunidade afro-descendente, por outro, ela denuncia a condição de “inferioridade” e “ignorância” da maioria da população negra que prefere “invejar” aqueles que ascendem socialmente do que tê-los como exemplo a ser seguido e lutar para chegar às mesmas condições.

Não se pode perder de vista, que esta relação de desunião da comunidade afro-descendente já foi apontada por Florestan Fernandes (1978), em uma de suas principais obras: *A integração do Negro na Sociedade de Classe*. Para o sociólogo paulista, um dos piores problemas enfrentado pelo negro que ascendeu socialmente seria a acusação da perda de sua identidade por parte daqueles negros que continuavam relegados a uma condição de exclusão social e subalternidade. Segundo o autor, “depois que o indivíduo consegue vencer as barreiras psicológicas, que se erguem dentro dele e no ambiente, resta-lhe travar uma luta amarga e sem fim com os que estão conformados ou satisfeitos com a ‘vida de negro’”. (FERNANDES, 1978, p. 231).

No quinto e último tipo de postura, se admite o racismo na comunidade, conforme aponta o exemplo da entrevista de nº 8:

Já! Eu sofri muito com o negócio de Orquestra. Aqui tinha Orquestras que mandavam vir guitarristas de fora e não me pegavam pelo fato de ser negro, não uma, mas várias Orquestras. Sofri muito, até que eles caíram na real, começou a custar caro para eles mandar vir guitarristas de fora. Não que eu não tivesse condições de tocar, mas era um problema racista, de racismo mesmo, direto, e até que foi indo, o cerco foi fechando, mas eu passei muito trabalho (...)<sup>100</sup>.

Semelhantemente, na resposta de nº 16 o entrevistado declara que foi proibido de entrar num baile em um dos principais clubes da cidade:

Sim, sim, porque Santa Cruz foi uma cidade muito racista. Eu pessoalmente já fui barrado, quando era mais jovem 17, 18 anos em entrar em salão de baile porque era salão de branco, alemão. Por isso não me deixaram eu entrar. Tinha bastante racismo aqui e, em alguns lugares, ainda tem por causa da origem que é uma cidade de origem alemã e essa é uma discriminação muito grande. Todo negro sofre, viu, eu to te dizendo, mas tu pode entrevistar qualquer outra pessoa negra que eles vão te dizer também, e se não é a mesma coisa é parecido<sup>101</sup>.

José Fachel (2001, p.16), em pesquisa durante as décadas de 1950 e 1960, destacou que grande parte dos clubes “brancos”, bares e cafés de Santa Cruz não aceitavam a entrada de negros. Como exemplo o entrevistado de nº 5 relata um caso bastante peculiar no bar mais “tradicional” do município, o Quiosque. Nesta resposta, o entrevistado comenta sobre a experiência de um Oficial do Exército, que recentemente tinha vindo residir na cidade:

No Quiosque não entrava negro, mas houve um caso de um militar que veio aqui pro 8º e chegou no quiosque a paisana, e no quiosque tinha racismo, eles não deixavam negro entrar, eles não serviam negro. Aí chegou o garçom e disse: “O Senhor me desculpe, mas nós não servimos negro aqui”. Dai o camarada que recém tinha chegado

---

<sup>100</sup> Entrevista realizada em 23/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

<sup>101</sup> Entrevista realizada em 07/12/2007, idade do entrevistado, 51 anos, bairro: Bom Jesus.

na cidade, saiu botou a farda e voltou pro quiosque, sentou lá: “Quero ver se vocês vão ou não vão me servir agora”. Daí serviram ele. “Olha nós estamos no Brasil aqui não tem racismo, eu to chegando agora na cidade, gostei muito da cidade. Já haviam me falado que tinha racismo aqui dentro, eu não acreditei. Eu to avisando vocês agora, eu como Oficial do Exército. Vocês vão ter que me servir. Eu não vou fechar esta espelunca, não vou mandar fechar nem botar um processo contra vocês porque eu quero que haja uma abertura pros negro participarem aqui”<sup>102</sup>

Vale também destacar o testemunho de Reginaldo Campos, ex-atleta de basquete do Corinthians Sport Clube:

No final da temporada quando todos os meus colegas ganhavam carteirinha de atleta que dava direito a frequentar a piscina do clube, eu não ganhava. Meu pai mandou uma proposta de sócio e esta foi vetada pela sociedade. Eu nunca tive acesso ao fardamento de treinamento, enquanto os outros ganhavam calção, meia e camiseta, eu tinha que trazer tudo de casa. Na divisão dos quartos, todos já tinham os seus colegas. As brincadeiras tinham sempre alguma piada envolvendo negros, mesmo que não fossem por maldade (WEIS, 1998, p. 86-87).

Não se pode perder de vista, que o racismo, assim como o preconceito estão articulados dentro de relações históricas, sociais, políticas e culturais específicas. Foi possível perceber que existe, na memória de alguns moradores mais antigos, uma relação diferenciada para a questão do racismo no passado e no presente de Santa Cruz do Sul. Esse é o caso do entrevistado de nº 3 que estabelece o fim da 2ª guerra mundial como um marco significativo para o abrandamento do racismo no município. Contudo, chama atenção a forma como eram estabelecidas as relações interétnicas durante e no pós-guerra:

---

<sup>102</sup> Entrevista realizada em 04/04/2007, idade do entrevistado, 58 anos, bairro: Goiás.

Tinha mesmo, racismo brabo, racismo brabo. Vou te dizer era coisa muito séria. Isso aqui, no tempo da guerra, que a Alemanha perdeu a guerra, eu tava trabalhando na Souza Cruz. Parou a firma toda, deu um desfile comemorativo, toda a firma saiu, os brasileiro começaram a quebrar tudo, tudo a pau. (...) Santa Cruz formou um desfile. Foi mil e tantas pessoas e saíram para comemorar, e a gente saiu para comemorar e começou aquela esculhambação. A casa que era de alemão nós começamos a quebrar tudo e teve um alemão da Alemanha, quando foram na frente da casa para arrombá-la, na frente, o alemão saiu para fora e botou a bandeira brasileira, entendeu, aí nós paremos, quando ele mostrou a bandeira brasileira, se não ia come pau. (...) tinha muita gente da Alemanha aqui; eles estavam chegando aqui, estavam chegando na cidade, além deles estarem chegando no Brasil eles estavam chegando mais aqui em Santa Cruz, depois da guerra descobriram um armamento de guerra num esconderijo, eles estavam se preparando, se a Alemanha ganhasse a guerra eles iam massacrar nós. (...) Ali que começou a cair o racismo, começou a cair (...) a coisa teve feia, aí começou a baixar o racismo, mas foi sofrido, o que fizeram de esculhambação e o que quebraram de coisa <sup>103</sup>.

A escritora santa-cruzense Lya Luft, ao lembrar de sua infância em Santa Cruz do Sul, dá mostras de como eram estabelecidas essas relações interétnicas no final da primeira metade do século XX:

Nascida numa cidade do RS que na minha infância não devia ter mais do quarenta mil habitantes, todos os fatos, conceitos e preconceitos, todas as coerções sociais eram vividos de maneira muito mais intensa do que aconteceria numa cidade grande.

Havia lá, então mais ou menos 50% de católicos e outros tantos de protestantes, com uma enorme predominância de descendentes de imigrantes alemães sobre aquilo que estes chamavam “os brasileiros”: descendentes de açorianos, eventualmente miscigenados com negros ou índios. Os Silva e os Souza eram minoria em relação aos Schmidt e aos Becker, que formavam também a camada mais progressista e rica da cidade.

---

<sup>103</sup>

Entrevista realizada em 30/03/2007, idade do entrevistado, 88 anos, bairro: Goiás.



Pode causar estranheza, mas a divisão entre esses grupos étnicos e/ou religiosos era nítida, rígida, e influenciava suas vidas. Defendiam-se obstinadamente esses “partidos”, com desdém ou condescendência, com rancor ou franca hostilidade. As brincadeiras de crianças, os mexericos dos adolescentes, revelavam essa separação e esses preconceitos. Muitos amores se frustraram porque as famílias não admitiam que uma “alemã” se casasse com um “brasileiro” (...). A noção de “nós” e os “outros” era muito forte e transparecia nas conversas mais banais. (LUFT, 1996, p. 334).

Por iguais razões, destaca-se uma reportagem alusiva a um violento confronto armado, registrado em julho de 1959, entre a polícia e a família Moraes, mais conhecidos como Naricos, que resultou em 2 feridos e 3 mortos, sendo uma das vítimas fatais, na ocasião, o delegado de polícia de Santa Cruz do Sul, Nélio Silveira. Abaixo segue um trecho da reportagem<sup>104</sup>, que fala a respeito da família Moraes:

#### NARICOS: Uma lenda (mal) contada pelo preconceito

(...) Era uma família conhecida e (im)popular em Santa Cruz já no início da década de 50. O pai, o “velho Narico”, era um comerciante de cavalos que circulava por toda região do Vale fazendo troca-troca de equinos. Ele era para a época o que os trambiqueiros (no bom sentido) de carros usados são para nossos dias. O apelido do pai passou para os dez filhos, todos conhecidos e identificados como “Naricos”. Mas o sobrenome era Moraes. Como se não bastasse serem de origem brasileira (“blau”) numa cidade de predomínio (leia-se domínio) germânico e mentalidade assumidamente racista como era Santa Cruz na década de 50, os Naricos tinham outra característica que incomodava a facção alemã da população santa-cruzensa: a insolência. Certamente havia outras famílias de “braziliane” em Santa Cruz e em número razoável, mas os Naricos, e não os outros, criaram fama e aversões porque não davam a mínima para a lei tácita da superioridade germânica que regia Santa Cruz naqueles tempos. Enquanto as outras famílias de origem brasileira “se colocavam no seu lugar”, como pregava a mentalidade da época, e se sujeitavam pacificamente à discriminação, os Naricos não levavam desaforo para

<sup>104</sup>

Jornal Gazeta do Sul, Caderno Suplemento Semanal (09/11/1991, p. 05-07).

casa, nem mesmo vindo do prefeito, do delegado, muito menos vindo de algum “alemão”. Unidos e bons de briga, eles eram temidos e respeitados, porque quem batia, levava.

Como contam pessoas que conviveram com a família ou algum membro, os Naricos desafiavam todas as regras sociais que não lhes convinham. E a primeira delas era que os “blaque” não deveriam se “misturar” com os brancos. Pois os Naricos não só se misturavam, como, apesar de pobres mantinham relacionamento com gente das altas rodas políticas e sociais. (...).

Esta reportagem possibilita a compreensão das relações interétnicas na cidade, em meados do século XX, caracterizadas por um forte preconceito étnico, não apenas contra negros, mas também contra “brasileiros”<sup>105</sup>. Conforme apontado anteriormente, as relações de racismo e preconceito estão articuladas em contextos históricos, sociais, políticos e culturais específicos. Percebe-se, na maioria dos testemunhos, que o racismo e o preconceito já não são manifestados e sentidos de forma tão intensa, como no passado. Na resposta de nº 13, a entrevistada traça uma comparação entre a sua vida e a da sua mãe:

Olha é o que eu venho te falando que só agora que vem mudando, sabe. Agora o racismo já modificou bastante; a minha mãe viveu uma época que tinha baile de negro e baile de branco, onde um não podia entrar no baile do outro. Então é agora, mas esta separaçõzinha sempre tem, né, talvez não tão forte como antes, mas sempre tem. Sempre tem uns que te olham meio atravessado<sup>106</sup>.

Nesse mesmo sentido, o entrevistado de nº 10 diz que o racismo no passado era bem mais acentuado do que no presente:

---

<sup>105</sup> Conforme a entrevista de nº 3, os Naricos eram considerados “pessoas muito boas, só que eram violentos”. Quando questionei se era uma família de negros, o entrevistado respondeu que “eram tipo índios” e que além de cuidarem do campo de futebol do União (1º clube de negros de Santa Cruz do Sul), também faziam parte do time. Nesse caso, tal depoimento demonstra a relação de sociabilidade que existia entre “grupos” excluídos neste período. Entrevista realizada em 30/03/2007, idade do entrevistado, 88 anos, bairro: Goiás.

<sup>106</sup> Entrevista realizada em 05/11/2007, idade da entrevistada, 23 anos, bairro: Harmonia.

Eu conversei com negros que servem para meu pai, então, nesta coisa, só para te dar um exemplo, tem um amigo meu que tem 80 anos que foi guri com a minha mãe, ele sempre foi muito bem empregado, ta bem aposentado hoje. Ele disse que ali no centro, por exemplo, existia na rua principal, um comerciante com o nome de Schuck que se chegasse um negro para comprar uma caixa de fósforos que fosse no armazém dele, ele pegava o dinheiro do cara e atirava lá no meio da rua. Este era o racismo que existia e hoje já não acontece tanto<sup>107</sup>.

Quanto ao papel do negro na formação e desenvolvimento do município, os entrevistados apontam na sua quase totalidade para o trabalho manual e “inferior”, conforme indica a entrevistada de nº 9:

Eu acredito que o papel do negro é só de trabalhar, fazer os serviços mais pesados, não tem um papel definido. Há um engodo muito grande dos nossos políticos que nos dizem que a questão não é tal qual nós pensamos, principalmente os negros que tem cultura e enxergam um pouco mais, mas na realidade nós somos ainda burros de carga<sup>108</sup>.

Na resposta de nº 15 o entrevistado, além de definir o trabalho nas empresas como a principal função do negro em Santa Cruz do Sul, ele também adota posicionamento semelhante a uma das respostas citadas anteriormente, de assumir e colocar o negro na posição de migrante, daquele que chegou depois na comunidade:

Não tanto na formação, mas mais no desenvolvimento que é o trabalho que ele faz. Digo assim porque na verdade, veio muito negro depois, veio muito negro pra cá, né, mas eu digo hoje é o trabalho que ele ta inserido na sociedade, no trabalho nas empresas<sup>109</sup>.

---

<sup>107</sup> Entrevista realizada em 05/06/2007, idade do entrevistado, 62 anos, bairro: Goiás.

<sup>108</sup> Entrevista realizada em 26/04/2007, idade da entrevistada, 63 anos, bairro: Bom Jesus.

<sup>109</sup> Entrevista realizada em 03/12/2007, idade do entrevistado, 41 anos, bairro: Bom Fim.

O entrevistado de nº 8 em sua resposta salienta o papel do negro na formação e desenvolvimento do município esteve ligado principalmente à mão de obra, que por sua vez, foi esquecida, depois comenta que a abolição da escravatura foi, em determinados casos, pior para o negro e, por fim chama, a atenção para o contraste entre as regiões sul e norte do estado do Rio Grande do Sul:

Bom, em primeiro lugar eu acho que o primeiro papel do negro no desenvolvimento do município foi a mão de obra negra. O negro contribuiu muito, o negro batalhou muito por este município, só que o que aconteceu em Santa Cruz, aconteceu no Brasil inteiro. Em certas situações a libertação dos escravos ficou uma coisa pior do que quando eles eram escravos, porque não deram nada. Hoje em dia tu trabalha em qualquer lancheria, tu tem os teus direitos e até porque o domínio do Brasil nessa região aqui tava nas mãos de descendentes de portugueses. Isso foi uma coisa que atrapalhou um pouquinho, pela mão de obra, porque tu vai encontrar uma diferença muito grande no que é o Rio Grande do Sul do estado e o que é o Rio Grande do Norte, porque essa região aqui, diga-se de passagem, se não fosse a mão de obra italiana e alemã, seria uma tristeza.<sup>110</sup>

No caso da resposta acima, duas questões merecem destaque. A primeira é quando o entrevistado comenta que “*em certas situações a libertação dos escravos ficou uma coisa pior do que quando eles eram escravos*”. Nota-se aqui, um discurso conservador que considerava o escravismo no Brasil como algo leve, que a escravidão realmente não foi tão cruel e que, em determinados casos, seria melhor ser mantido pelo sistema do que ter a liberdade, ou seja, que a condição de homem livre ficou pior que a de escravo. Na segunda, o entrevistado faz uma distinção entre a região norte e a região sul do estado. Fica evidente o imaginário acerca da ética do trabalho e do desenvolvimento do povo alemão e italiano na região norte, contrastando com a região sul, caracterizada pela colonização portuguesa, pelo subdesenvolvimento e pelo trabalho escravo.

---

<sup>110</sup> Entrevista realizada em 23/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

O entrevistado de nº 1, ao apontar o trabalho como a principal contribuição do negro para o município, também revela de forma “imprecisa” que existe pouca valorização e oportunidades para o negro no mercado de trabalho:

Acho que o negro, a participação dele, mais foi no trabalho né, porque assim profissionalmente, ele é pouco valorizado aqui em Santa Cruz do Sul, ele não tem muito acesso a empresas essas coisas em autarquias federais, estadual. Somente quem presta concurso, que poucos tem aqui em Santa Cruz que, prestaram concurso, e que tem funções públicas estaduais ou federais, até da pra contar nos dedos. É muito pouca gente, o negro sempre foi muito, assim (...), nunca teve muita chance aqui em Santa Cruz do Sul, sempre assim (...), falando agora do que eu to vendo assim (...), que nunca, parece que ele é meio discriminado no negócio de serviços e empregos<sup>111</sup>.

Contudo, em alguns casos, os entrevistados, quando questionados sobre o papel do negro na formação e desenvolvimento do município, se manifestam de maneira bastante direta com relação a discriminação, conforme demonstram as entrevistas de nº 16, 14 e 8:

Olha isso aí depende. O papel que eu sei é que ele é competente que nem o branco e que ele é muito discriminado porque aqui nós temos numa zona que é de origem alemã e a preferência é pra quem fala o alemão, principalmente no setor logístico e o negro é muito discriminado nisto aí. Mas ele tem um grande potencial para usufruir qualquer cargo, no meu modo de pensar. Isto é o que eu posso te responder<sup>112</sup>.

Olha o negro, no município, enfrenta bastante dificuldade, até pro trabalho é bastante difícil. As vezes tem um negro na fila e um alemão ou um branco, que tem as mesmas condições de trabalho, digamos, preparados da mesma maneira, mas se forem escolher, escolhem o

---

<sup>111</sup> Entrevista realizada em 28/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Senai.

<sup>112</sup> Entrevista realizada em 07/12/2007, idade do entrevistado, 51 anos, bairro: Bom Jesus.

alemão. Então é bastante difícil numa cidade aonde a maioria se dizem alemão<sup>113</sup>.

Dá uma olhadinha no comércio de Santa Cruz. Quantos negros tem no comércio de Santa Cruz trabalhando? Não tem, porque até pouco tempo eles falavam: “precisa-se de balconista que fale alemão”. Por isso Getúlio Vargas foi meio cruel na situação, ele proibiu nesta região que se falasse alemão, japonês e italiano. Então, ainda tem este problema em Santa Cruz, eu sinto isto pela dificuldade de conseguir emprego para as minha netas é difícil. Imagina, eu tenho 2 netas que se formaram agora no 2º grau e como é que vão enfrentar uma faculdade? Então é essa situação que tem aqui em Santa Cruz, onde o negro não tem aquele espaço<sup>114</sup>.

Estas três respostas indicam que, numa sociedade moderna marcada pela competitividade, a cor torna-se um elemento a mais que atua sobre as regras que regulam o mercado. Uma regra, é claro, velada, pois fere todos os códigos igualitários que regem a sociedade brasileira. Sérgio Costa (2006) aponta que os levantamentos de opinião pública no Brasil, indicam que grande parte da população brasileira reconhece que negros e brancos não dispõem das mesmas chances e oportunidades. Dessa maneira, segundo Costa, a sociedade brasileira se constitui em uma sociedade injusta, num sentido que vai além da constatação das desigualdades sociais, pois “o que se percebe é que o reconhecimento dos méritos e as recompensas individuais não são distribuídos com base num critério universal”. Assim, a sociedade apresenta-se política e juridicamente como liberal, no sentido de que se orienta pelo princípio individualista da cidadania, mas, na verdade, funciona como uma “sociedade de castas” que limita sistematicamente as chances de ascensão social de grupos historicamente excluídos e marginalizados (COSTA, 2006, p. 195).

---

<sup>113</sup> Entrevista realizada em 10/11/2007, idade da entrevistada, 52 anos, bairro: Bom Jesus.

<sup>114</sup> Entrevista realizada em 23/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

A entrevistada de nº 6, ao responder a mesma pergunta, relata um caso pessoal vivido na juventude, quando trabalhava em uma seguradora:

Eu mesmo, com todas as dificuldades que a minha família teve naquela época, eu acho que eu deveria ter uns 18 anos. Eu fiz curso de datilografia no Mauá, e o Mauá sempre foi um colégio bom, me formei em datilografia e fui trabalhar nos Seguros Nauer. Eu fazia o mesmo serviço que uma outra colega fazia e os pagamentos foram bem diferentes. Me incomodei, saí. Aí tu não tem opção, ou tu aceita, ou tu salta (...) Voltei pro fumo aonde eu era igual a todo mundo branco, preto, essa gente que vem de fora e ali terminei meus dias trabalhando<sup>115</sup>.

Aqui, vale destacar: primeiro, a entrevistada menciona que apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela sua família, teve a oportunidade de concluir um curso de datilografia em uma das principais escolas do município, além de conseguir emprego em uma seguradora. Contudo, o que chama a atenção no discurso, é o fato de que o pagamento da entrevistada de nº 6 e de sua colega, que fazia o mesmo serviço, foram completamente distintos, o que determinou na sua saída do emprego e a volta para o trabalho como safrista, nas empresas de fumo, lugar no qual se considerava igual a todo mundo<sup>116</sup>.

Nessa mesma perspectiva, a entrevistada de nº 4 relata:

A gente não vê os negros em empregos de destaque. Tu vai em 10 consultórios médicos, de dentista e tu me conta quantos negros tem: e vai numa fumageira e me conta quantos negros tem. Ai tu me pergunta qual a escolaridade deles. Para não me dizer que é por causa de escolaridade, eu já vi muitas pastas da UNISC em armários das fumageiras, porque eu trabalhei em fumageira antes de vir pra cá,

---

<sup>115</sup> Entrevista realizada em 17/04/2007, idade da entrevistada, 64 anos, bairro: Senai.

<sup>116</sup> Rogério Silveira (2003) ao analisar o perfil dos trabalhadores safrististas, indica que na sua grande maioria, são pessoas oriundas das vilas populares de Santa Cruz do Sul, sem condições financeiras e qualificação profissional, sendo que nesse grupo, a maior parte dos trabalhadores é do sexo feminino, que buscam através do trabalho na safra, complementar o orçamento familiar.

então eles sempre põe aquilo que não tem interesse. Só que nas fumageiras tu é empregado, num consultório médico não. Então é uma mão de obra bastante forte e expressiva em Santa Cruz, só que ela tá nivelada, tu entra numa fumageira, tu encontra muito negro, mesmo com a escolaridade boa<sup>117</sup>.

Silvio Correa (2001) destacou em sua pesquisa que a maior parte da população afro-descendente residente em Santa Cruz do Sul se constituía por trabalhadores manuais não qualificados e quase sempre com baixo grau de instrução. Estes fatores, segundo o autor, interferiam diretamente no acesso ao mercado de trabalho, pois, “os setores de comércio e de serviços tendem a absorver uma mão-de-obra não-manual e (semi-) qualificada” (CORREA, 2001, p. 70). Contudo, o exemplo da entrevistada de nº 6 e o depoimento de nº 4 demonstram que, em muitos casos, a ausência de negros nos empregos mais qualificados, não se deve exclusivamente à carência de qualificação profissional e ao baixo grau de instrução, mas, também, à falta de oportunidades e ao preconceito.

A este respeito, o antropólogo italiano Livio Sansone (2004), ao analisar as relações raciais em Salvador na Bahia, delimitou algumas áreas nas quais a cor das pessoas assume maior ou menor importância na orientação das relações raciais. O antropólogo faz distinção entre as áreas duras e as áreas moles das relações raciais. Dentre as áreas duras, a principal seria a do trabalho, sobretudo a procura de emprego, na qual o racismo é extremamente acentuado. As áreas moles estão vinculadas ao domínio do lazer, na qual se incluem o carnaval, as igrejas, os bares, os times esportivos, entre outros. Estes “são espaços e momentos que os negros compartilham com os não-negros, num clima relativamente livre de tensões raciais” (SANSONE, 2004, p. 81).

---

<sup>117</sup> Entrevista realizada em 02/04/2007, idade da entrevistada, 28 anos, bairro: Centro.



Ao aplicar o esquema apontado por Sansone entre áreas duras e moles para analisar as relações raciais em Santa Cruz do Sul, nota-se que elas se evidenciam em alguns casos, como no questionamento: Você se sente parte integrante da identidade do município? Neste sentido, o entrevistado de nº 2 afirma:

Eu me sinto, porque eu já fiz tanto com o meu trabalho, com os meus filhos, as minhas duas filhas, trabalhando na cidade, pela parte da época que eu fui jogador, os anos que eu joguei o amor que eu tinha pelo Santa Cruz. A gente entrava em campo e o dinheiro não interessava. A gente jogava por aquele amor. Eu ajudei a escrever a história da cidade, eu conheci aqui a Argentina. A gente teve jogando, em, todos os estados levando o nome da cidade. Nesta questão, então se isto aí vale como influência, então isto eu fiz e ta lá no clube, a gente ta lá na galeria dos ex-atletas<sup>118</sup>.

Na resposta acima, o entrevistado se diz pertencente à identidade do município pelo seu trabalho e o das filhas, mas, sobretudo, por ter sido atleta do Futebol Clube Santa Cruz, clube pelo qual possuía grande amor e ajudou a levar o nome da cidade para fora do estado e do país. Percebe-se aqui, que a afirmação da identidade do ex-atleta se dá pelo futebol que segundo modelo estruturado por Sansone, serve como uma questão específica a ser aplicada a uma área mole de relações raciais.

Outro entrevistado, de nº 1, diz que não se sente parte integrante da identidade do município, mas se refere ao pai e a avô como figuras representativas dessa identidade:

Olha, eu não, mas o meu avô e o meu pai eu acho que participaram muito daqui do município de Santa Cruz do Sul. O meu avô foi, vindo da cidade de Rio Pardo filho de escravos, foi muitos anos funcionário da hoje Souza Cruz naquele tempo Companhia Brasileira de Fumo em Folha depois passou a ser chamada de Americanos porque era uns americanos que compraram. Aí, então foi uma figura muito folclórica

---

<sup>118</sup>

Entrevista realizada em 29/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Centro.

aqui em Santa Cruz, e o meu pai foi um homem muito conhecido, porque trabalhou mais de 40 anos numa antiga Fabrica de cafés que se chamava Torrefação e Moagem de Café uma das fábricas que tinha em Santa Cruz. Era o famoso Café Lambari e ele trabalhou anos e anos nesta empresa, mais de 40 anos, e depois se destacou como músico, tocava clarinete em bailes, festas e um grande jogador de futebol do Futebol Clube Santa Cruz na década de 30 a 40. Eles Participaram muito da vida, assim dentro do contexto da negritude<sup>119</sup>.

Percebe-se que o entrevistado não se considera pertencente à identidade do município, enquanto, o avô e o pai sim, por terem participado do contexto da negritude<sup>120</sup>, isto é, nas “áreas moles de relações raciais”: o avô por ter sido uma figura muito folclórica, e, especialmente o pai por ter sido músico e também atleta do Futebol Clube Santa Cruz.

Nesta mesma direção, cita-se a entrevista de nº 8:

Olha, eu não vou, assim, tão diretamente: vou te dizer que pela minha formação e o músico tem esta vantagem: alguma coisa a gente fez pelo município e isso é uma coisa que é boa. Como eu tava dizendo pra ti, eu fiz tanta coisa pela sociedade de um modo geral, eu toco muito beneficente, então eu me considero parte integrante do município nesta área, não na área racial (...) Agora eu acho que a sociedade, eu vou usar o termo, mas não é bem isso, a sociedade me deve muito por esse motivo. Imagina só, eu casei sábado. Domingo de manhã o Colégio das Irmãs tava lá me pegando pra tocar um desfile de moda. A minha filha fez magistério no Colégio das Irmãs e nunca deram um lápis pra ela, isso é uma coisa que tem que olhar.(...)<sup>121</sup>.

---

<sup>119</sup> Entrevista realizada em 28/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Senai.

<sup>120</sup> Oportuno se torna dizer que segundo Munanga (1986) a negritude (do ponto de vista biológico ou racial) seria tudo que tange a raça negra, ou seja, é a consciência de pertencer a ela. Para o autor: “a negritude nasce de um sentimento de frustração dos intelectuais negros por não terem encontrado no humanismo ocidental todas as dimensões de sua personalidade. Neste sentido, ela é uma reação, uma defesa do perfil cultural do negro. Representa um protesto contra a atitude do europeu em querer ignorar outra realidade que não a dele, uma recusa da assimilação colonial, uma rejeição política, um conjunto de valores do mundo negro que devem ser reencontrados, defendidos e mesmo repensados” (MUNANGA, 1986, p. 56).

<sup>121</sup> Entrevista realizada em 23/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

Nesta fala, o entrevistado estabelece categoricamente as fronteiras para as relações de pertencimento em Santa Cruz do Sul. Em primeiro lugar, menciona que pela vantagem de ser músico, favoreceu a sua inserção na sociedade, o que por sua vez, faz com que se sinta, parte integrante da identidade do município. Entretanto, na questão pessoal/racial declara que não se sente parte integrante e, por fim, afirma que, pelo seu passado, merece outro reconhecimento da sociedade santa-cruzense. Como se pode notar a identidade do entrevistado é revelada de forma imprecisa, ou seja, de forma “rasurada”. Homi Bhabha define esta ambigüidade como os “entre-lugares”, que é concebido pelo autor como um terceiro espaço, híbrido, que permite a configuração de novos sujeitos. Esse terceiro espaço origina algo distinto, novo e irreconhecível, uma nova área de negociação e representação. Nas palavras do autor:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade. É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de *nação*, o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados (BHABHA, 1998, p. 20).

A entrevistada de nº 4 diz que não se sente parte integrante da identidade de Santa Cruz do Sul:

Integrante da identidade assim, como é que eu te vou dizer, assim, sou santa-cruzense, gosto da cidade Mas pela história como contam, pelo hino, por tudo aqui em Santa Cruz eu não me sinto, não me sinto santa-cruzense mesmo. Tinha até uma época que a gente tinha vontade de sair de Santa Cruz, de ir para Porto Alegre ou outra cidade, porque agente não se sentia bem. Eu até dizia para as pessoas que vem de fora que não se sentiam bem em Santa Cruz, e eu dizia que acreditava porque eu moro há 28 anos em Santa Cruz e tem dias que eu não me sinto bem também. Eu tenho vontade de sair da cidade, ir para uma

outra cidade. (...) Mas, digamos assim, que a gente vê pela violência, é uma cidade boa de se morar: mas em questão de se sentir inserido não. Tem muita gente que pergunta: “tu é de Santa Cruz, tu nasceu em Santa Cruz?” Eu sou de Santa Cruz, “mas lá é só alemão, de olhos verdes, azuis, pele clara”. Então o pessoal também não identifica a gente como sendo daqui, quem vem de fora<sup>122</sup>.

Sandra Pesavento (1997, p. 25), ao analisar as relações de pertencimento entre o indivíduo e a cidade, afirma que toda “a cidade possui uma identidade que faz com que os indivíduos a reconheçam e se reconheçam nela como individualidade”. Neste caso, a entrevistada relata que gosta da cidade, contudo afirma que não se sente parte integrante da identidade do município, apontando entre os motivos, a história e o hino. Depois salienta que já pensou em residir em outras cidades por não se sentir bem, em determinados momentos, na comunidade. Por fim, indica que, muitas vezes, não é reconhecida como santa-cruzensense por pessoas de fora, por ser ela uma mulher negra e as pessoas imaginarem que em Santa Cruz do Sul só residem pessoas loiras de olhos claros.

Convém destacar que, no ano de 2001, Santa Cruz do Sul foi palco de um intenso debate público e político acerca da criação de um novo hino para o município. Esta demanda teve como protagonistas alguns membros do Conselho de Desenvolvimento de Comunidade Negra do Rio Grande do Sul (CODENE) vinculado à Secretaria Estadual do Trabalho, Cidadania e Ação Social, além de algumas associações, movimentos sociais e servidores públicos. A avaliação destes atores era de que o hino oficial possuía um conteúdo que excluía às outras etnias da construção do município, podendo ser uma fonte “oficial” de posturas racistas, conforme apontam alguns fragmentos do hino: “*Por sobre as nossas lindas terras /Loiro imigrante andou... /Transpôs as nossas verdes serras /E longe do lar chorou... chorou! (...)/E foi brotando*

---

<sup>122</sup>

Entrevista realizada em 02/04/2007, idade da entrevistada, 28 anos, bairro: Centro.

*deste afã /Da bravura alemã /A cidade crente e santa /Que a sua cruz ao sul levanta*”<sup>123</sup>. A iniciativa teve uma série de movimentos contrários gerando, por sua vez, uma repercussão nacional nos órgãos de imprensa<sup>124</sup>. Provavelmente o discurso contra o hino municipal articulado pela entrevistada de nº 4 tenha sido reflexo deste acalorado debate protagonizado naquele momento.

A entrevistada de nº 9, quando questionada sobre o seu pertencimento identitário no município, responde:

Faço força para ser, até porque a minha cabeça é diferente. Eu tenho direitos, sim, de ocupar este espaço como cidadã brasileira e principalmente como cidadã santa-cruzeense, apesar de muita gente me virar o nariz. Sempre em qualquer lugar a minha família está presente, e é assim que nós estamos furando o bloqueio pra muita negradinha que vem atrás de nós (...) outra coisa muito importante que eu aprendi é que a minha etnia não é morena, não tem capadócio: a minha etnia é negra. Não tem porque ninguém dizer: “tu é preta”. Eu não sou preta, não, eu sou negra e tenho o maior orgulho e passo para os meus alunos, passo dentro dos movimentos negros<sup>125</sup>.

O posicionamento adotado com relação à própria identidade “racial” no município coincide com uma aproximação ideológica do Movimento Negro. Percebe-se, claramente, a fala do movimento através do uso de algumas expressões como: “faço força para ser”; “minha cabeça

---

<sup>123</sup> HINO DE SANTA CRUZ DO SUL (Letra: Elisa Gil Borowsky – Música: Lindolfo Rech)

Por sobre as nossas lindas terras /Loiro imigrante andou... /Transpôs as nossas verdes serras /E longe do lar chorou... chorou! /Mas, nosso dadivoso chão, /Como enorme coração /Desvendou-lhe a sorrir /Mil promessas de porvir. (Estribilho) Deus te salve terra amiga, /Santa Cruz fiel, /Santa Cruz gentil, /Onde reina a Paz, /Onde brilha a Luz, /Sob o lenho de Jesus!... Ao sol ardente destes céus /Acenderam-se os ideais /Nas forjas surgem os troféus /E na campina em flor as catedrais /E foi brotando deste afã /Da bravura alemã /A cidade crente e santa /Que a sua cruz ao sul levanta.

<sup>124</sup> Algumas das reportagens sobre este debate podem ser encontradas nos Jornal Gazeta do Sul: (24/05/2001; 26/05/ 2001; 09/07/2001; 26/10/2001 e 11/12/2001). Jornal Rio Vale: (26/10/2001 e 05/12/2001). Jornal Zero Hora: (23/05/2001).

<sup>125</sup> Entrevista realizada em 26/04/2007, idade da entrevistada, 63 anos, bairro: Bom Jesus.

é diferente”; “ocupar este espaço”; “cidadã santa-cruzense”, “não tem capadócio”; “minha etnia é negra”. Além disso, a preferência pela classificação de negro ao invés de preto, valoriza a diferença e a identidade, num sentido cultural.

Conforme Sansone (2004), “o termo negro tem conotações muito diferentes da palavra preto; em linhas gerais, o primeiro se refere ao fenótipo negróide e o segundo à cor negra propriamente dita”. Segundo o autor, “na auto-identificação da cor, o termo negro conota orgulho pela negritude e é, implícita ou explicitamente, uma categoria política”. (SANSONE, 2004, p. 73-74).

Ao analisar a opinião dos entrevistados quanto ao papel do Movimento Negro no município, notam-se cinco tipos de posicionamento. O primeiro corresponde à maior parte dos entrevistados, que avaliam positivamente o papel do Movimento Negro, pois acreditam que este contribui para o reconhecimento e valorização do negro em Santa Cruz do Sul. O segundo que considera faltar uma interlocução entre os Movimentos Negros e que melhor seria a articulação em um movimento único. O terceiro que considera faltar um contato maior entre os Movimentos Negros e a comunidade negra no geral. A quarto acredita que o Movimento deveria ser mais radical nas suas intervenções. O quinto aponta para atos de discriminação no interior do próprio Movimento.

Como exemplo do primeiro tipo de posicionamento, citamos a entrevista de nº 16:

Olha no meu ponto de vista eu acho que é muito bom, porque eles têm que reivindicar o direito deles. A gente que é da cor negra tem que fazer o que é justo para gente, porque a gente também é humano. Só porque tem a pele escura não representa nada, não, também tem o seu papel<sup>126</sup>.

---

<sup>126</sup>

Entrevista realizada em 07/12/2007, idade da entrevistada, 51 anos, bairro: Bom Jesus.

Do segundo tipo de posicionamento, que acredita que o melhor seria a articulação em um Movimento único e não em vários, destaca-se a entrevista de nº 5:

É que tem vários movimentos, desde um grupo de dança afro, olodum, um no centro, um lá na UNISC. Então eu acho que o movimento em si, ele deveria ser agrupado e não fazer um grupo num bairro e outro no centro. Então o pessoal deveria se agrupar num movimento único. A gente vê que tem um pessoal mais esclarecido, universitários que fizeram um grupo. Foi numa época de política, eleições e acabaram as eleições e o movimento sumiu, talvez apareça no ano que vem na próxima eleição municipal. Talvez o ano que vem surja o movimento. Lá no Bairro Bom Jesus, tem um grupo que é do nosso bispo Dom Gilio, e dos irmão dele, que formaram um grupo. Até hoje tem um grupo de dança, fazem movimento, fazem promoções, mas é um grupo que não tem o apoio devido. Então é lembrado em novembro quando tem a festa do Zumbi do Palmares. Mas com relevância não vejo nenhum<sup>127</sup>.

O terceiro tipo de posicionamento faz referência a falta de comunicação entre o Movimento Negro, em especial o da Universidade (UNISC) e a comunidade negra em geral, conforme destaca-se a entrevista de nº 2:

Eu acho que tá faltando aqui em Santa Cruz pra esse Movimento Negro, é o, próprio negro encara mais, ele chega, ele acredita, entendeu. Se organiza melhor, porque eu noto um pouquinho que tem muito negro aí que não sabe que eles têm ou que existe aqui em Santa Cruz o grupo de negros, sabe, que eles vão lá na Prefeitura, cara bem estudado. Eles deveriam divulgar mais, que lá em baixo no Cristal eles ficassem sabendo, lá em cima no Monte Verde que a turma ficasse sabendo, que tal dia lá o negros vão ter um simpósio lá na UNISC. 90% não ficam sabendo. Então eu tô achando que poderia ser melhor que isso, porque, tá bom, porque já é um começo, mas seria muito

---

<sup>127</sup>

Entrevista realizada em 04/04/2007, idade do entrevistado, 58 anos, bairro: Goiás.

melhor que os negros se integrassem mais e fossem pra luta, porque a nossa luta é só por aquilo ali, pela igualdade<sup>128</sup>.

No quarto tipo de postura, a entrevistada de nº 4 menciona já ter tido algum contato com o Movimento Negro na Universidade, contudo, aponta para as divisões internas de posicionamento dentro do Movimento, e destaca que em Santa Cruz do Sul, por ser uma cidade germânica as intervenções deveriam ser bem mais radicais:

Eu avalio assim, é um movimento que começou há pouco tempo em vista da idade que Santa Cruz tem e ta criando força, mas eu acho que ele poderia ter mais força ainda, porque eu acho que dentro do próprio movimento negro há desavenças, tem uns muito radicais e tem uns mais calmos. Mas eu penso que, na cidade de Santa Cruz, a etnia germânica é tão forte, que eu sou daqueles de bater de frente, mostrar que a gente ta aqui pra mostrar o nosso valor e cultura, então eu acho que ele é meio fraco ainda, por isso que muitas vezes eu entro, eu olho, eu observo, assim, e quando eu vejo que não é mais ou menos a mesma linha de pensamento que a minha, que eu vou ser muito radical na linha de pensamento deles, eu pego e saio. Então o que eu sinto é que ele ta crescendo, mas ele precisa de mais força, pra se tocarem que a gente ta aqui sabe, tem que ser mais forte<sup>129</sup>.

Como exemplo do quinto e último tipo de postura, o entrevistado de nº 1 vê com bons olhos o Movimento Negro. Entretanto, adverte para atitudes de discriminação do negro contra o próprio negro no interior do próprio Movimento:

Olha eu acho o Movimento Negro aqui é uma grande coisa, mas só que ainda dentro da negritude do negro existe discriminação entre si, entre os Movimentos, entre o próprio negro ele discrimina o seu irmão de cor. Mas eu vejo que o Movimento Negro com uma grande força aqui em Santa Cruz porque ele envolve muitos bairros, mas só que as cabeças dos dirigentes do movimento elas não combinam, em vez de

---

<sup>128</sup> Entrevista realizada em 29/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Centro.

<sup>129</sup> Entrevista realizada em 02/04/2007, idade da entrevistada, 28 anos, bairro: Centro.



fecharem um bloco sólido, sempre existe uma divergência dum com o outro é isto o que eu vejo do Movimento<sup>130</sup>.

Numa análise acerca do papel do Movimento Negro em Santa Cruz do Sul, a resposta da entrevista de nº 9 apresenta um breve histórico de sua trajetória como militante do Movimento e da criação do concurso da mais bela negra do Estado do Rio Grande do Sul:

Eu participei de Movimento Negro em Porto Alegre, até porque a gente queria modificar um pouquinho Santa Cruz principalmente o negro. Naquela época a gente sentiu necessidade de fazer algo pela mulher negra. 27 anos atrás, a minha família sentou um dia e disse: “nós vamos ter que fazer alguma coisa”. Tava começando o grupo Consciência Negra<sup>131</sup>, mas nós não queríamos dentro da igreja. Nós queríamos fora, e o que fazer. Aí, o meu irmão morava em Porto Alegre, ele veio e disse: “olha tem um movimento que eu tô participando lá”. Foi aonde a gente pegou reforço, subsídios para fazer alguma coisa: vamos aumentar a auto-estima da mulher negra, porque só servia para estar esfregando o chão dos outros, e não tinha aquela perspectiva de estudar de ser alguma coisa. Ai nós criamos o Mais Bela Negra de Santa Cruz, pra levantar essa auto-estima. No momento que nós elegemos a Mais Bela Negra de Santa Cruz, nós já pensamos em pegar o RS e, como através do Movimento Negro lá nós tínhamos contato com vários lugares do RS, nós começamos então a nos mobilizar, tanto é que vão fazer 24 anos desse evento e que cresce cada vez mais, e Santa Cruz se tornou, conhecida por várias cidades, até em Brasília é conhecida por este evento ai, dentro da etnia negra<sup>132</sup>.

É preciso notar que Santa Cruz do Sul, desde o final da década de 1970, se constitui num espaço significativo para análise de políticas e eventos multiculturais. Neste sentido, destacaram-

---

<sup>130</sup> Entrevista realizada em 28/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Senai.

<sup>131</sup> Sobre a criação do Movimento “Consciência Negra”, ver: Jornal Gazeta do Sul (12/11/1983, Capa e p. 5 do Caderno Fim de Semana).

<sup>132</sup> Entrevista realizada em 26/04/2007, idade da entrevistada, 63 anos, bairro: Bom Jesus.

se algumas atividades da comunidade afro-descendente como é o caso da “*Boneca café*”<sup>133</sup> e da “*Miss Mulata*”<sup>134</sup>, eventos que precederam ao concurso *da Mais Bela Negra*<sup>135</sup> que no ano de 2007 teve sua 24º edição. A 1º edição aconteceu no ano de 1983, um ano antes da realização da 1º *Oktoberfest*<sup>136</sup>. Além desses, destaca-se também o *ENART*<sup>137</sup> que é realizado anualmente e que teve sua 1º edição no ano de 1986, e mais recentemente O *FEIAP*<sup>138</sup> realizado em 2006 e 2007.

Diante disso, percebe-se na maioria das entrevistas, uma visão otimista e orgulhosa pelo fato de o concurso da mais bela negra do estado do Rio Grande do Sul ser realizado em Santa Cruz do Sul. As respostas indicam que este evento fortalece a identidade negra na cidade e ajuda a elevar a auto-estima do negro. Este posicionamento se reflete na entrevista de nº 16: “*Isso ai eu gostei porque ai já ta no meu ponto de vista valorizando a cor negra, então isso ai foi uma coisa que eu sempre disse que isto ai ta certo, porque só branca, só branca, se tem bastante negra em Santa Cruz, por isso eu achei muito boa esta idéia*”<sup>139</sup>.

Na mesma direção a entrevistada de nº 4 responde:

---

<sup>133</sup> Jornal Gazeta do Sul (08/12/1979, p. 39).

<sup>134</sup> Jornal Gazeta do Sul (11/11/1980, Capa); (03/10/1981, p. 28).

<sup>135</sup> Algumas reportagens sobre a escolha da Mais Bela Negra encontram-se no Jornal Gazeta do Sul dos dias: (05/09/1987, p. 27); (24/11/1990, p. 25); (14/10/1992, p. 31); (07/11/1992, p. 30); (11/11/1992, p. 17); (10/11/1993, p.23); (05 e 06/11/1994, p. 29); (12 e 13/11/1994, p. 33); (04 e 05/11/1995, p. 34); (07/11/1997, p. 23); (10/11/1997, p. 03)

<sup>136</sup> Sobre a Oktoberfest ver: Capítulo 2.

<sup>137</sup> “Desde 1986, o Movimento Tradicionalista Gaúcho realiza o *Encontro de Artes e Tradição Gaúcha* (ENART), um concurso de arte regionalista, com expressões como dança, música, poesia e mostra de arte tradicionalista. O evento envolve CTGs de todas as regiões tradicionalistas e divide-se em três fases eliminatórias: a regional, a inter-regional e a final. Esta, realizada em Santa Cruz do Sul, município de área de colonização alemã, atrai um público estimado, por seus organizadores, em mais de 100.00 pessoas vindas de todo o estado” (OLIVEN, 2006, p. 154).

<sup>138</sup> O FEIAP (Festival Internacional de Artes Populares) é uma realização da Federação Brasileira de Artes Populares (Febrarp), com apoio da Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul e IOV/Unesco e incentivo da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura. [www.feiap.org](http://www.feiap.org). Acessado em 07/01/2008.

<sup>139</sup> Entrevista realizada em 07/12/2007, idade do entrevistado, 51 anos, bairro: Bom Jesus.

Olha, um fato bem curioso. Até a gente tava conversando de elogiar o trabalho deste pessoal que faz a escolha do mais bela negra, porque é um concurso que tomou uma força tamanha, eles estão fazendo há mais de 15 anos, então é um evento que vem crescendo, cada vez mais forte e é pra mostrar que Santa Cruz tem negros e que se faz concursos pra negras, e que tem a cultura afro aqui. Então eu acho muito bom, é surpreendente mesmo<sup>140</sup>.

Outro entrevistado, de nº 2, se refere desta forma:

Olha, eu pra mim, isso aí eu acho pro negro, uma das melhores coisas que possa existir, entendeu, e assim o mesmo que tão elegendo a Mais Bela Negra do RS, que já veio representante de Santa Catarina, já vem aqui da fronteira, vem de lá, vem daqui, como pode vir outras cidades, isso é uma baita divulgação pro negro e, assim, eu gostaria que em todas as cidades que tem no estado que tivessem sempre alguma coisa assim, promovendo o negro trazendo o negro (...). E eu acho uma maravilha, uma das coisas mais lindas pra nossa raça, pro negro, essa mais Bela Negra. Eu, pra mim, o que deveria acontecer quando nós fosse fazer este evento do Mais Bela Negra, nós temos aqui umas 5, 6, 7 entidades de negros que giram em torno do Carnaval, e é mais o negro que gosta de carnaval. Se agente se juntasse todos, o União, o Operário, se juntasse aqui em cima o Unidos de Santa Cruz, se unisse todo mundo assim tudo em torno daquilo e fazer aquele baita evento e não fazer só 1 dia fazer 2, 3 dias, porque eu acho uma coisa muito positiva, muito legal pro negro isso aí<sup>141</sup>.

A organização do concurso da mais bela negra é da “Sociedade Grêmio Recreativo Beneficente Atlético Operário” juntamente com o “Grupo de Cultura Afro Os Filhos do Barbosão”. Verificou-se, segundo a resposta do entrevistado a cima, a positividade desta promoção, contudo, alega que se, tivesse possibilidade de participação de outras “entidades negras”, este concurso poderia ser bem mais forte do que é.

---

<sup>140</sup> Entrevista realizada em 02/04/2007, idade da entrevistada, 28 anos, bairro: Centro.

<sup>141</sup> Entrevista realizada em 29/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Centro.

Por outro lado, o entrevistado de nº 8 salienta a importância do evento, dizendo que já foi jurado e que o concurso é muito bem organizado. Contudo, menciona que este só persiste, porque é organizado por apenas uma família e que, se houvesse mais clubes e associações envolvidos, o concurso já não existiria mais:

Eu acho legal, é uma das melhores festas que tem, mais organizadas. Eu fui jurado algumas vezes. É um dos bailes mais bem organizados, inclusive o ano passado, ou esse ano, eu vinha falando pra eles há anos (...) gente faz o mais belo negro<sup>142</sup> também, porque não? Eu acho muito bacana, legal mesmo, é uma festa que vem gente de todo o Estado e tu não vê uma discussão, é um baile fino, muito bonito. Ele só funciona porque é administrado por uma família só.

No prosseguimento, o mesmo entrevistado critica o concurso da mais bela negra e faz uma comparação com a rainha da oktoberfest:

Teve desfile aí de mais bela negra, que só faltou a menina ser loira. A mais bela negra é a mais bela negra. Olha o que os alemão fazem aí com a rainha da oktober. Eles jamais vão botar uma negra. Não vão botar porque é uma festa nacional, é uma festa do público, então não da pra botar no mais bela negra uma loira lá desfilando<sup>143</sup>.

Notam-se categoricamente, neste discurso, as fronteiras culturais e as armadilhas que uma política multicultural configura. Em relação a isto, Mozart Linhares da Silva (2006 b, p. 08), chama a atenção para o fato de que o multiculturalismo se estrutura como uma política baseada na idéia de tolerância, de aceitação dos “outros”, desde que sejam mantidas as suas fronteiras culturais, devidamente demarcadas. Diante disso, o essencialismo identitário e a tendência à naturalização da cultura, são características que, por sua vez, permitem a definição de fronteiras culturais/étnicas internas na comunidade, como é o caso escolha da mais bela negra

---

<sup>142</sup> Nas 3 últimas edições deste evento, também houve a escolha do mais belo negro.

<sup>143</sup> Entrevista realizada em 23/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

do Rio Grande do Sul e a escolha da rainha da oktoberfest. Entretanto, segundo o autor, “não se permite que uma negra seja eleita rainha da oktoberfest, majoritariamente são escolhidas mulheres loiras, estereotipadas como descendentes germânicas”. O mesmo fenômeno ocorre com mulheres negras “fantasiadas” de africanas, no concurso da mais bela negra do Rio Grande do Sul.

O entrevistado de nº 5 acredita que esta promoção traz um destaque para o negro, entretanto, afirma que o evento é discriminatório e acredita que o certo seria fazer um concurso único, independentemente de cor:

Eu nunca participei deste concurso, conheço o pessoal que organiza, mas para o negro em si é um destaque, mas discordo do nome “mais bela negra”, porque nunca a mais bela vai participar, deveria ser uma miss negra que pode participar de vários concursos de beleza. (...) Eu acho que é discriminatório também, porque o branco não faz a mais bela branca, e o negro vai fazer a mais bela negra, então tinha que se unirem os dois e fazer um concurso de beleza aqui em Santa Cruz, independente de cor. Eu nunca participei, eu acho que discrimina também<sup>144</sup>.

Na resposta acima, o entrevistado coloca em pé de igualdade o branco e o negro, ou seja, no momento em que responde que o concurso é “*discriminatório porque o branco não faz o ‘ mais bela branca’*”, este não percebe que branco não é etnia, o negro sim é uma identidade étnica. Posta desta forma a questão, o entrevistado esvazia os distanciamentos sociais e assim suaviza os próprios diferencialismos étnicos existentes no interior da comunidade. Silva (2000) afirma que numa sociedade em que impera a supremacia branca, ser branco não é considerado uma identidade étnica ou racial. Ser branco é a identidade normal e natural. Para uma identidade padrão, como a branca, todas as características positivas possíveis são atribuídas. As outras identidades, só podem ser avaliadas de forma negativa. Segundo o autor, “a identidade normal é

---

<sup>144</sup> Entrevista realizada em 04/04/2007, idade do entrevistado, 58 anos, bairro: Goiás.

‘natural’, desejável, única, a força da identidade normal é tal que ela sequer é vista como uma identidade” (SILVA, 2000, p. 83).

Outro entrevistado, de nº 10, menciona que o concurso não traz nenhum retorno para a comunidade negra, apenas para os organizadores:

Mas eu acho o concurso da mais bela negra não dá nada porque todo mundo sabe que tem muita negra linda, todo mundo sabe. Um concurso não vai mostrar que tem mais negra linda do que tem. E o que ele nos dá? E o que nós temos de retorno nisso? É só pra encher o ego, mas não tem retorno nenhum; pode ter pra eles, pros realizadores<sup>145</sup>.

É importante perceber que outras iniciativas multiculturais não tiveram o mesmo êxito que o concurso da mais bela negra do Rio Grande do Sul. Este é o caso da *1ª Semana Afro-Brasileira*<sup>146</sup>, realizada em novembro de 1988, numa programação que durou 7 dias, com várias atividades desenvolvidas, tais como, show com o cantor César Passarinho, ritual com pais e mães de santo, exposições, concursos, entre outros. O entrevistado de nº 8, um dos organizadores do evento, falou a respeito:

(...) O seu Armando Wink era o Prefeito na época, ele deu todo o apoio. Fizemos uma reunião na Prefeitura, os vereadores aprovaram pela Câmara, uma verba pra semana Afro, foi coisa muito bacana, coisa muito bonita. Só que não tem cabimento. Nem na Bahia, nem em Minas que tem o maior núcleo de negros que é nesses 2 estados, eles fizeram a semana Afro, então ficou muito às claras que era política, mas foi uma coisa bacana. (...) O povo veio, o povo prestigiou, eu não posso me queixar, só o que menos foi lá, foi negro. Tu entendeu porque é que eu disse que tem que ter uma conscientização negra, de baixo, de dentro para fora, se não eles não vêm. (...) Então a Semana Afro, pra mim, foi uma das coisas mais

---

<sup>145</sup> Entrevista realizada em 05/06/2007, idade do entrevistado, 62 anos, bairro: Goiás.

<sup>146</sup> Jornal Gazeta do Sul (18/11/1988, p 17); (22/11/1988, p.21); (26/11/1988, p. 16); (30/11/1988, p.16).

bacanas que houve aqui em Santa Cruz, em termos direcionados ao negro, só que não teve uma afirmação assim, de retorno, principalmente porque o interesse dos políticos era atrair o negro santa-cruzense que vota aqui, pra poder votar neles. O pessoal não foi, não foi realmente, faltou divulgação aqui, mas foi uma coisa bacana, uma coisa legal, mas só que era uma coisa bem política<sup>147</sup>.

Nota-se segundo a entrevista, que o poder público municipal, naquele momento, deu todo o apoio para a realização da semana afro, com o claro objetivo de tentar buscar apoio junto à comunidade afro-descendente. No entanto, a principal finalidade do evento não foi alcançada, devido ao pouco comparecimento de negros na festividade. Nesse caso, verifica-se que muitas vezes uma política multicultural pode ser utilizada como uma estratégia que se pretende tolerante e democrática, mas, por sua vez, oculta relações de poder junto às comunidades. Nas palavras de Stuart Hall, “a questão multicultural foi a que mais efetivamente conseguiu revelar seu disfarce contemporâneo” (HALL, 2003 b, p.77).

Bauman (2003, p. 97-98), estabelece o multiculturalismo como o novo descaso em relação à diferença. Segundo o autor, “o multiculturalismo é orientado pelo postulado da tolerância liberal, pela preocupação com o direito das comunidades à auto- afirmação e com o reconhecimento público de suas identidades por escolha ou por herança”. Contudo, este funciona como medida essencialmente conservadora. “Seu efeito é uma transformação das desigualdades incapazes de obter aceitação pública em ‘diferenças culturais’”.

Como se observa, o multiculturalismo, enquanto política de convívio e tolerância com as diferenças, fundamenta-se num jogo de relações de poder e submissão, sendo uma política demarcadora de fronteiras culturais, sobretudo por tratar “as culturas” de forma essencializadas, além de ser um mecanismo poderoso de controle da alteridade. Em razão disso, pode-se inferir

---

<sup>147</sup> Entrevista realizada em 23/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

que o reconhecimento de manifestações culturais provenientes da comunidade afro-descendente em Santa Cruz do Sul, não implicam necessariamente, em resultados na construção de condições concretas de sua afirmação no jogo político. A questão não se localiza no reconhecimento, mas, sobretudo, na possibilidade de participar do jogo democrático do poder.



## **Considerações Finais**

A história de Santa Cruz do Sul é caracterizada pelo discurso ufanista do pioneirismo alemão. Na concretização desta representação, a historiografia regional se revelou um mecanismo estratégico utilizado na ordem da narrativa identitária germânica. Neste caso, a epopéia civilizatória, de meados do século XIX que, parte de um vazio histórico/demográfico, serve como marco inicial de hábitos e costumes construídos em um mito de origem estruturado na etnicidade teuta. No entanto, algumas fontes e pesquisas demonstram que desde meados do século XIX, quando chegaram os primeiros imigrantes, já se faziam presentes na região: afro-descendentes; índios; caboclos e luso-brasileiros.

Na primeira metade do século XX, o desenvolvimento proporcionado pela urbanização e industrialização possibilitou novas formas de sociabilidade e relações interétnicas no município. Este processo é incrementado a partir da década de 1970 quando, Santa Cruz do Sul torna-se pólo de atração para migrantes em decorrência de seu acelerado crescimento econômico, favorecido pela internacionalização econômica do setor fumageiro. Esta demanda de mão-de-obra resultou num fluxo migratório interno, do meio rural para o urbano, e externo, de outras

cidades para Santa Cruz do Sul. Contudo, se por um lado as empresas, em especial as fumageiras, precisavam de trabalhadores, por outro, a cidade não possuía uma infra-estrutura capaz de comportar este crescimento demográfico.

O lugar destinado aos migrantes, ou seja, aos “outros”, foram os bairros periféricos da cidade, num processo de segregação social e espacial. Nesse cenário, a periferia se constituiu, enquanto espaço estereotipado e fronteiro, demarcador de relações simbólicas e práticas sociais de grupos que não se encaixavam aos padrões idealizados pela sociedade santa-cruzense. Além da estigmatização deste “outro”, a invenção de uma “identidade alemã” como forma de defesa frente à alteridade, foi uma das estratégias principais de manutenção do poder por parte de grupos tradicionais no município.

Uma das (re)ações do Poder Público Municipal naquele contexto, foi a tentativa de caracterizar um cenário para Santa Cruz do Sul que reproduzisse um imaginário de uma “nova Alemanha”. Essa representação social acabou sendo incorporada a partir de uma série de iniciativas políticas, folclóricas e históricas. Desta forma, inventar um novo ser alemão, naturalizando uma identidade, com a adoção de mecanismos de defesa e agregação de sentimentos comuns, foram alguns dos fatores que nortearam os rumos do município nas três últimas décadas do século XX.

Tratou-se, então, a partir de uma noção linear da história, de ligar o mito fundacional às conquistas e ao progresso regional, legitimando-se, assim, o pertencimento de um grupo hegemônico a determinado lugar. Esta referência mítica serviu como suporte para as “tradições folclóricas” e manifestações da imprensa acerca da identidade cultural e étnica da região. Dentre os valores característicos que compuseram este cenário, destacam-se a ética do trabalho, a religião, a higiene, a honestidade o empreendedorismo e o associativismo, valores contrastados com as etnias externas a narrativa cultural do município, nomeadamente os afro-descendentes e

luso-brasileiros. Nesse processo é construído os enunciados de uma política multicultural que tolera o “outro” desde que sejam mantidas as fronteiras culturais e étnicas bem demarcadas.

Além disso, notou-se por parte do Jornal Gazeta do Sul uma indiferença quanto a pluralidade étnica que constitui a região do Vale do Rio Pardo, ou seja, existe uma postura da imprensa escrita local, que ignora a diversidade cultural, traduzindo, na verdade, um etnocentrismo que privilegia informações relativas a segmentos da sociedade com padrões de referência oriundos da Europa, em especial, da Alemanha. Assim, este periódico, ao ressaltar sistematicamente os valores históricos da comunidade teuto-descendente, acaba por legitimar um discurso homogeneizador, mas, fundamentalmente, construtor de sentidos, ao mesmo tempo em que estigmatiza os sujeitos afro-descendentes a um estado de exclusão social, representando-os como estrangeiros, pobres, indolentes, deficientes e desordeiros.

Nas entrevistas com a comunidade afro-descendente nota-se que houve, por parte dos sujeitos entrevistados, um processo de subjetivação acerca de valores naturalizados nas narrativas identitárias da região. De fato, os discursos acerca da história, do trabalho, do desenvolvimento, da limpeza, do povo e da cidade de Santa Cruz do Sul revelaram posições muito próximas das legitimadas pela historiografia e pela imprensa regional.

Por iguais razões, um outro posicionamento freqüente desta comunidade é que estes sujeitos se reconhecem como “outro”, isto é, estranhos, forasteiros e migrantes. Vale notar que o processo de subjetivação dos afro-descendentes a partir de uma narrativa étnica e cultural externa contribuiu efetivamente para a criação de uma consciência *outsider*. É assim que os sujeitos afro-descendentes acabam por se posicionar dentro do discurso dos estabelecidos, constituindo uma aceitação da condição de inferioridade social.

Os resultados da pesquisa mostram, também, que há uma identificação “racial” muito forte entre a comunidade afro-descendente residente em Santa Cruz do Sul, acerca de iniciativas

multiculturais como forma de mobilização e afirmação identitária. O concurso da mais bela negra é um exemplo de espaço de convivência já sedimentado e naturalizado e que caracteriza a expressiva demarcação étnica através de códigos simbólicos específicos deste grupo.

Contudo, acreditamos que a consequência deste tipo de iniciativa é a exposição das fragilidades do multiculturalismo enquanto alternativa ao discurso homogeneizador que perpassa na sociedade santa-cruzensense. Pois este, por sua concepção de cultura essencializada, não permite a visualização da heterogeneidade intrínseca às populações e as identidades, dificultando o reconhecimento das constantes negociações processadas não somente entre culturas, mas, sobretudo, no interior delas. Assim, o discurso multiculturalista através da política da tolerância faz com que a abertura para o reconhecimento do “outro” torne-se um jogo de poder e submissão, sendo regulado a partir de várias estratégias de controle da alteridade.

Cabe afirmar que não é nossa pretensão encerrarmos o debate acerca desta temática. As discussões e as idéias que aqui apresentamos são tão somente um estudo que, esperamos, suscite inquietações para novas pesquisas. Por fim, este trabalho foi realizado com a preocupação de contribuir nas discussões acerca da identidade étnico-cultural no processo de desenvolvimento regional, haja vista que problematizar a noção de identidade cultural é ponto primordial para as reflexões acerca dos espaços de sociabilidade e reconhecimento da pluralidade de grupos sociais e étnicos na construção dos processos de pertencimento comunitário, como é o caso dos afro-descendentes em Santa Cruz do Sul.

## Referências

- AGNES, Clarice; HELFER, Inácio (Org.). *Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos*. UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL. 8. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da história*. PINSKY, Carla, Bassanezi. (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2006, p. 155-203.
- ALVES, Eliege Moura. *Presentes e Invisíveis - Escravos em Terras de Alemães - São Leopoldo: 1850-1870*. Dissertação (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil), 2004.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- AZAMBUJA, Lissi Bender. *Língua alemã: um legado dos imigrantes alemães para Santa Cruz do Sul - RS*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zhar, 1998.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

CASCUDO, Luis da Câmara. *História da alimentação no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CHARÃO, Ricardo Brasil. *O imigrante alemão e o escravo no Rio Grande do Sul: uma relação ausente na historiografia sul-riograndense*. Dissertação (Escola Superior de Teologia, EST, Brasil), 2002.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. *Identidade Alemã e Alteridade no Rio Grande do Sul*.  
CUNHA, Jorge Luiz da (Org.). *Cultura alemã 180 anos= Deutsche kultur seit 180 jahre*. Porto Alegre: Nova Prova, 2004, p. 31-41.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. *Mobilidade e desenvolvimento regional: o caso da comunidade afro-brasileira de Santa Cruz do Sul*. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 1, 2001, p.53-80.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. *Urbanização e identidade étnica*. Anais do IV Seminário das Comunidades Teuto-brasileiras. Lajeado: Associação Nacional de pesquisadores da história das comunidades teuto-brasileiras, 2002, p. 81-90.

COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CUNHA, Jorge Luiz da. *Os colonos alemães e a fomicultura*. Santa Cruz do Sul: Livraria e Editora da FISC, 1991.

DE LUCA, Tania Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. PINSKY. Carla, Bassanezi. (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-154.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FACHEL, José. *O negro no município de Santa Cruz do Sul*. Barbarói: Revista do Departamento de Ciências humanas e do Departamento de Psicologia. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, n 15, jul-dez, 2001, p. 7-26.

FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. 2º ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

FERNANDES, Florestan. *A integração do Negro na Sociedade de Classes*. São Paulo: Ática, 1978.

FLORES, Maria B. Ramos; WOLFF, Cristina Scheibe. *A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição*. MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, historia*. Canoas: ULBRA, 1994, p. 210-220.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & Senzala: formação da família sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

FRY, Peter. *A persistência da raça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GÄRTNER, Angelika. *O alemão no Rio Grande do Sul: aspectos científicos e político-lingüísticos*. Redes. Santa Cruz do Sul, v. 4, n. especial, 1999, p.71-89.

GASTALDO, Édison. *Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GUIBERNAU, Maria Montserrat. *Nacionalismo: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1997.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Depois da Democracia racial*. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.18, n.2, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a14v18n2.pdf>>. Acesso em: 25 de outubro de 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2003 a.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizontes: UFMG, 2003 b.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2ª edição, Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. "Edição comemorativa 70 anos". São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LUFT, Lya. *A luta pela Brasilidade*. GERTZ, René E. e FISCHER, Luis Augusto (Org.). *Nós, os teuto-gaúchos*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998, p. 334-337.

MAESTRI, Mario. *Pampa Negro: Quilombos no Rio Grande do Sul*. REIS, João José. GOMES, Flávio dos Santos Gomes (org). *Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil*. Ed. Companhia das Letras, 2000, p. 291-331.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.

MAGGIE, Yvonne. "Aqueles a quem foi negada a cor do dia": As categorias cor e raça na cultura brasileira. SANTOS, Ricardo V.; MAIA, Marcos Chor (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 1996, p. 225-234.

MARTIN, Hardy Elmiro. *Santa Cruz do Sul: de colônia a freguesia 1849-1859*. Santa Cruz do Sul: APESC, 1979.



- MARX, Irton. *Vai nascer um novo país: República do Pampa Gaúcho*. Santa Cruz do Sul: Ed. Excelsior, 1990.
- MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 2. ed Rio de Janeiro: J. Zahar, 1980.
- MAZIÈRE, Francine. *A análise do discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola, 2007.
- MENEZES, J. Bittencourt. *Município de Santa Cruz*. Santa Cruz do Sul: Typographia de Lamberts & Santa Cruz do Sul: Typographia de Lamberts & Riedl, 1914.
- MEYER, Dagmar E. Estermann. *Identidades Traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro- evangélica no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, São Leopoldo: Editora Sinodal, 2000.
- MONTIEL, Edgar. *A nova ordem Simbólica: a diversidade cultural na era da globalização*.  
SIDEKUM, Antônio (Org.). *Alteridade e multiculturalismo*. Ijuí: Ed., Unijuí, 2003, p. 15-50.
- MÜLLER, Telmo Lauro. *Negros de fala alemã*. GERTZ, René E. e FISCHER, Luis Augusto (Org.). *Nós, os teuto-gaúchos*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998, p. 238-239.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- NEUMANN, Marinês Teresinha. *Narrativas Identitárias e Associativismo de Tradição Germânica na Região de Santa Cruz do Sul: O Discurso da Identidade Regional (1850-1950)*. 2005. 157f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul. 2005.
- NORONHA, Andrius Estevam. *Instituições e elite política de Santa Cruz do Sul no contexto de internacionalização da economia fumageira (1960-1970)*. 2006. 162f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul. 2006.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. 2. Edição revista e ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 3. ed São Paulo: Brasiliense, 1985.

PANKE, Luis. *Memórias de Luis Panke: relato de um descendente de imigrante alemão*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

PAREDES, Marçal de Menezes. *Memória de um ser-tão brasileiro: tempo, história e memória em os sertões de Euclides da Cunha*. Curitiba: Juruá Ed., 2002.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A cidade maldita*. SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1997, p. 25-42.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imigrante na política Rio-Grandense*. DACANAL, José Hildebrando (Org.). *RS: imigração & colonização*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 156-194.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Os pobres da cidade: vida e trabalho 1880-1920*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n 10, 1992, p. 200-212.

RAMBO, Arthur Blasio. *Nacionalidade e cidadania*. MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). *Os alemães no sul do Brasil : cultura, etnicidade, historia*. Canoas: ULBRA, 1994, p. 43-54.

SANSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2001.

SEGALLEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*. Porto Alegre: Atual, 1974.

SEYFERTH, Giralda. *A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica*. MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). *Os alemães no sul do Brasil : cultura, etnicidade, historia*. Canoas: ULBRA, 1994, p. 11-28.

SEYFERTH, Giralda. *Migrações do passado e do presente: uma análise cruzando gênero, etnicidade e preconceitos*. ST 55. PPGAS – Depto. de Antropologia. Disponível <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/G/Giralda\\_Seyferth\\_55.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/G/Giralda_Seyferth_55.pdf)>. Acesso em 20 de agosto de 2007.

SILVA, Mozart Linhares da. “*Educação e etnicidade: O “sujeito oculto” nas narrativas identitárias no Vale do Rio Pardo*”. Anais do VIII Encontro estadual de História – ANPUH/UCS. Caxias do Sul: EDUSC, 2006 a, p. 1-10.

SILVA, Mozart Linhares da. “*Identidade Cultural e alteridade: uma crítica ao essencialismo*”. Anais do V Fórum Nacional de Educação e VIII Seminário Regional de Educação Básica: educação, mídia e valores. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005, p. 200-212.

SILVA, Mozart Linhares da. “*Identidade cultural/regional e neo-comunitarismo: o caso de Santa Cruz do Sul*”. Anais do III Simpósio nacional de história cultural GT nacional de história cultural/ANPUH. Florianópolis: EDUFSC, 2006 b, p. 1-10.

SILVA, Mozart Linhares da. *Educação, etnicidade e preconceito no Brasil*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política..* Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Teoria cultural e educação – um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. *A produção da periferia urbana em Santa Cruz do Sul – RS: O lugar dos safristas na terra do fumo*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado. UFSC, 1997.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. *Cidade, corporação e periferia urbana: acumulação de capital e segregação espacial na (re)produção do espaço urbano*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. *Os trabalhadores safristas e a agroindústria fumageira: mobilidade do trabalho e acumulação de capital na produção de periferia urbana de Santa Cruz do Sul - RS*. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 1, 2000, p.7-39.

SKOLAUDE, Mateus Silva. *A (in) visibilidade do negro em Santa Cruz do Sul de 1980-1990*. Anais do XXIV Simpósio nacional de História. História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: UNISINOS, 2007, p. 1-8.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

TAYLOR, Charles. *A política do reconhecimento*. TAYLOR, Charles. *Argumentos filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 241-274.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TEICHMANN, Suzana Maria. *Desenvolvendo o turismo: resgate histórico da FENAF - Festa Nacional do Fumo em Santa Cruz do Sul - RS*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

TELLES, Edward E. Identidade Racial, contexto urbano e mobilização política. *Afro-Asia*, nº 17, 1996, p. 121-138.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TODD, Emmanuel. *O destino dos emigrados: assimilação e segregação nas democracias ocidentais*. Lisboa: Piaget, 1996.

VOGT, Olgário Paulo. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul e o capital social*. 2006. 435 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional.- Mestrado e Doutorado) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul. 2006.

VOGT, Olgário Paulo. *A produção de fumo em Santa Cruz do Sul (RS): 1849-1993*. Santa Cruz do sul: EDUNISC, 1997.

VOGT, Olgário Paulo. *Formação social e econômica da porção meridional do Vale do Rio Pardo*. VOGT, Olgário Paulo; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Org.). Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001, p. 69-122.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Ed. Martin Claret. 2003.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB, 1994.

WEIS, Gilmar. *O basquetebol em Santa Cruz do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes e seus descendentes no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Ed. Nacional. 1980.

WINK, Ronaldo. *Santa Cruz do Sul: urbanização e desenvolvimento*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

ZUBARAN, Maria Angélica. Os teuto-rio-grandenses, a escravidão e as alforrias. MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). *Os alemães no sul do Brasil : cultura, etnicidade, historia*. Canoas: ULBRA, 1994, p. 65-76.

## **Fontes Primárias**

Jornal Gazeta do Sul de 1970 a 2000. (Biblioteca Central da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC).

## **Entrevistas**

Nº 1 Entrevista realizada em 28/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Senai.

Nº 2 Entrevista realizada em 29/03/2007, idade do entrevistado, 68 anos, bairro: Centro.

Nº 3 Entrevista realizada em 30/03/2007, idade do entrevistado, 88 anos, bairro: Goiás.

Nº 4 Entrevista realizada em 02/04/2007, idade da entrevistada, 28 anos, bairro: Centro.

Nº 5 Entrevista realizada em 04/04/2007, idade do entrevistado, 58 anos, bairro: Goiás.

Nº 6 Entrevista realizada em 17/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

Nº 7 Entrevista realizada em 18/04/2007, idade do entrevistado, 76 anos, bairro: Senai.

Nº 8 Entrevista realizada em 23/04/2007, idade do entrevistado, 64 anos, bairro: Senai.

Nº 9 Entrevista realizada em 26/04/2007, idade da entrevistada, 63 anos, bairro: Bom Jesus.

Nº 10 Entrevista realizada em 05/06/2007, idade do entrevistado, 62 anos, bairro: Goiás.

Nº 11 Entrevista realizada em 05/10/2007, idade da entrevistada, 76 anos, bairro: Centro.

Nº 12 Entrevista realizada em 07/10/2007, idade da entrevistada, 55 anos, bairro: Centro.

Nº 13 Entrevista realizada em 05/11/2007, idade da entrevistada, 23 anos, bairro: Harmonia.

Nº 14 Entrevista realizada em 10/11/2007, idade da entrevistada, 52 anos, bairro: Bom Jesus.

Nº 15 Entrevista realizada em 03/12/2007, idade do entrevistado, 41 anos, bairro: Bom Fim.

Nº 16 Entrevista realizada em 07/12/2007, idade do entrevistado, 51 anos, bairro: Bom Jesus.